

ÉRIKA MARIA ASEVEDO COSTA

ANÁLISE DO DISCURSO DE SUJEITOS AFÁSICOS E SEUS FAMILIARES SOBRE AFASIA

Orientadora: Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

ANÁLISE DO DISCURSO DE SUJEITOS AFÁSICOS E SEUS FAMILIARES SOBRE AFASIA

Tese apresentada ao Programa de Pósgraduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco como pré-requisito a obtenção do título de doutora em Ciências da Linguagem sob a orientação da Prof^a. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo.

Costa, Erika Maria Asevedo

Análise do Discurso de Sujeitos Afásicos e seus Familiares sobre Afasia – Recife: O autor, 2019. xx folhas.

Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Ciências da Linguagem, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Linguístico-Discursivo. 2. Grupo de Convivência. 3. Sujeitos Afásicos. I. Título.

UNICAP

CDD /2019

ÉRIKA MARIA ASEVEDO COSTA

ANÁLISE DO DISCURSO DE SUJEITOS AFÁSICOS E SEUS FAMILIARES SOBRE AFASIA

Tese de doutorado submetida à banca examinadora como requisito final para obtenção do título de doutor em Ciências da Linguagem.

| Aprovado em | |
|-------------|---|
| | Prof ^a . Dr ^a Nadia Pereira da S. G. de Azevedo-UNICAP (Orientadora) |
| | Prof ^a . Dr ^a . Regina Yu Shon Chun-UNICAMP (Examinador Externo) |
| | Prof ^a . Dr ^a . Nirvana Ferraz Santos Sampaio-UESB (Examinador Externo) |
| | Prof ^a . Dr ^a . Maria Lúcia Gurgel da Costa-UFPE (Examinador Externo) |
| | Prof ^a . Dr ^a . Isabela Barbosa do Rêgo Barros-UNICAP (Examinador Interno) |

"Dedico esta obra a toda a minha família".

AGRADECIMENTOS

Ao meu grande amor, meu Senhor e meu Deus, pois não me escolheu por ser capacitada, mas me capacitou por ser sua escolhida.

À Nossa Senhora, por sempre estar presente em minha vida, protegendo-me, orientando minhas escolhas e estando à frente de todos os acontecimentos.

Agradeço a São Benedito pelas graças alcançadas.

Aos meus tão amados pais, Helton e Maria Luzinete por muitas vezes abdicarem de si para lutarem pelas minhas realizações, que são deles também.

A minha filha Letícia, por ter acolhido, com paciência, a minha ausência.

À minha professora e orientadora, Nadia, por nortear minha pesquisa e pelas construções conjuntas no decorrer desses quatro anos, com as quais eu muito aprendi, como também, pelas inúmeras vezes em que foi colaborativa e incentivadora diante das minhas pretensões acadêmicas.

Ao meu querido amigo Claudemir de todas as horas, sendo a fonte das palavras verdadeiras de que eu precisei escutar ao longo dessa caminhada acadêmica.

Às professoras que compuseram a banca examinadora da qualificação e da defesa da minha tese, pela leitura atenciosa e cuidadosa do meu trabalho, bem como pelas relevantes e importantes contribuições concedidas de um modo bastante humano.

Ao CNPq e CAPES, pelo financiamento da minha pesquisa.

LISTA DE SIGLAS

- AD Análise do Discurso
- AVE Acidentes Vasculares Encefálicos
- CEP Comitê de Ética em Pesquisa
- FD Formações Discursivas
- FI Formações Ideológicas
- Fim Formações imaginárias
- GCA Grupo de Convivência dos Afásicos
- PPGCL Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem
- TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TCE Traumatismos Crânio Encefálicos
- UNICAP Universidade Católica de Pernambuco
- SD Sequência discursiva
- SI Segmento ininteligível

LISTA DE FIGURAS

| Figura 1: Esquema representativo da visão lateral esquerda do | Telencéfalo |
|---|-------------|
| Humano | 21 |
| Figura 2: Formações imaginárias (Fim) | 52 |
| Figura 3: Funcionamento Discursivo | 55 |
| Figura 4: Esquema que figurativas as FD | 62 |

_

RESUMO

Este trabalho parte do mestrado da autora com o tema da afasia, que em seu quadro clínico, pode gerar desde um simples distúrbio imperceptível na fala à impossibilidade plena de conversação, comprometendo suas interações e, consequentemente, sua sustentabilidade social e financeira. Esse distúrbio de linguagem tradicionalmente é investigado, no que se refere à sua origem fisiológica (Acidentes Vasculares Encefálicos ou Traumatismos Crânio Encefálicos. para citar os dois mais frequentes) e intervenções medicamentosas que visam a evitá-la ou amenizá-la, uma vez que a Afasia é decorrente dessas causas de origem neurológica. De forma inovadora, já no mestrado, este estudo busca inserir nesta discussão a proposta linguísticodiscursiva, a partir da teoria e procedimento analítico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), como aporte teórico que venha melhorar as interações interpessoais entre os sujeitos acometidos pela Afasia, possibilitando-lhes um melhor e mais rápido reenquadramento social. Agora, no doutorado, foi feito um trabalho longitudinal, trazendo o discurso de cinco sujeitos do Grupo de de Afásicos da UNICAP (GCA) com os seus familiares, Convivência testemunhando o seu dizer sobre a afasia. Diante do exposto, este trabalho teve como objetivo analisar o discurso de sujeitos afásicos em grupo de convivência e de suas respectivas famílias sobre a afasia, compreendendo o processo de formação imaginária, buscando analisar, pela via discursiva, como se constituiu o evento da afasia atravessando a fala dos indivíduos, problematizando o discurso do sujeito afásico numa relação de enfrentamento com a linguagem. Como a AD não é apenas de uma metodologia, mas, especialmente, uma teoria, alguns conceitos foram explorados no trabalho, como: sentido, ideologia, sujeito, formação imaginária, formação discursiva, condições de produção, interdiscurso, com base nessa perspectiva. Ao mesmo tempo, destaca-se a importância do GCA para os sujeitos e seus familiares. A coleta de dados ocorreu de 2015 a 2018, durante os encontros semanais do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP, ocasião em que os participantes tiveram seus discursos filmados para posterior transcrição e análise, com base nos pilares teóricos e metodológicos da AD: discurso, condições de produção, ideologia, sujeito, interdiscurso, formação ideológica, formação imaginária e silenciamento. Os sujeitos afásicos investigados apresentaram distúrbios em um dos eixos da linguagem: no de seleção ou no de combinação e, em alguns casos, em ambos, de acordo com a tipologia de Jakobson. Seus discursos foram frequentemente norteados por formações imaginárias e, consequentemente, relações de força, uma vez que eles se constituem sujeitos afásicos a partir da imagem que fazem de si e daquela que julgam que o interlocutor faz deles, interagindo hierarquicamente no grupo de acordo com suas percepções, histórias de vida e condições de produção.

Palavras-chaves: Afasia; Linguagem; Família; Análise do Discurso; Linguística.

ABSTRACT

This doctoral thesis is inspired on the author's master's dissertation about aphasia, which, in its clinical frame, can range from simple imperceptible speech disorders to total inability to participate in a conversation, affecting people's interactions and their social and financial sustainability. This language disorder has been traditionally investigated regarding its physiological origin (Strokes or Traumatic Brain Injury, the two most common causes) and medicine interventions in order to evidence, avoid or relieve it, inasmuch as Aphasia is generated due to neurological causes. Since my master's research, in an innovative way, this study aims at inserting the linguistic-discursive proposal into the discussion concerning Aphasia, by the means of the theoretical and analytical procedures of the French Discourse Analysis (FDA), as a theoretical framework that is able to improve the interpersonal interactions amongst the individuals who suffer from Aphasia, in such a way they will be able to have a faster and more efficient social reframing. Currently, my doctoral research performed a longitudinal investigation which brought the discourse of five subjects from the Grupo de Convivência dos Afásicos (Aphasic Social Group) of the Catholic University of Pernambuco (UNICAP) along with their family members witnessing their words about/of Aphasia. Given the above, this work aimed at analyzing the aphasics' discourse of/about Aphasia in a social group and in their respective families, understanding the process of imaginary formations, in order to analyze through their words how the event of Aphasia is constituted throughout the individuals' speech that aims to problematize the image of an aphasic person in a conflictual relationship with language. Insofar as FDA is not only a methodology, but a theoretical framework as well, this work explores some concepts such as: sense, ideology, subject, imaginary formation, discursive formation, production conditions and interdiscourse in this perspective. Meanwhile, I also highlighted the importance of the Aphasic Social Group of UNICAP to the subjects of this research and their family members. The data collection happened from 2015 to 2017 during the weekly meetings of the Aphasic Social Group of UNICAP where the participants had their discourses recorded for the posterior transcription and analysis based on the theoretical and methodological principles of FDA: discourse, production conditions, ideology, subject, interdiscourse, ideological formation, imaginary formation and silencing. The aphasic subjects investigated in this research presented disorders in one of the language axels: selection or combination and, in some cases, in both, according to the typology proposed by Jakobson. The discourses were frequently guided by imaginary formations hence relations of power, inasmuch as they constitute themselves as aphasic subjects from the image they make about themselves and the one they judge their interlocutor makes of them, interacting hierarchically in the group according to their perceptions, life stories and production conditions.

Keywords: Aphasia; Language; Family; Discourse Analysis; Linguistics.

RESUMEN

Este trabajo parte del máster de la autora con el tema de la afasia, que en su cuadro clínico, puede generar desde un simple disturbio imperceptible en el habla a la imposibilidad plena de la conversación, comprometiendo sus interacciones y consecuentemente su sustentabilidad social y financiera. Ese disturbio del lenguaje viene, tradicionalmente es investigado, en lo que se refiere a su origen fisiológica (Accidentes Vasculares Encefálicos o Traumatismos Cráneo Encefálicos, para citar los dos más frecuentes) e intervenciones medicamentosas que visan a evitarla o amenizarla, una vez que la Afasia es decurrente de esas causas de origen neurológica. De manera innovadora, ya en el máster, este estudio busca inserir en esta discusión la propuesta lingüístico-discursiva, a través de la teoría y procedimiento analítico de la Análisis del Discurso de línea francesa (AD), como aporte teórico que venga mejorar las interacciones interpersonales entre los sujetos acometidos por la Afasia, posibilitándoles un mejor y más rápido re encuadramiento social. Ahora, en el doctorado, fue hecho un trabajo longitudinal, trayendo el discurso de cinco sujetos del Grupo de Convivencia de los Afásicos de la UNICAP con sus familiares siendo los testigos a su decir de la/sobre la afasia. Así que, delante de lo expuesto, este trabajo tuvo como objetivo analizar el discurso de la/sobre la afasia en los sujetos afásicos en el grupo de convivencia y en sus respectivas familias, comprendiendo el proceso de formación imaginaria, buscando analizar a través de sus hablas como constituye el evento de la afasia atravesando el habla de los individuos, que busca problematizar la figura del sujeto afásico en una relación de enfrentamiento con el lenguaje. Como la AD no se trata tan solo de una metodología, pero también de un referencial teórico, explotamos algunos conceptos tales como: sentido, ideología, sujeto, formación imaginaria, formación discursiva, condiciones de producción, interdiscurso con base en esa perspectiva. Al mismo tiempo, se destaca la importancia del grupo de convivencia de afásicos de la Universidad Católica de Pernambuco (UNICAP) para los sujetos y sus familiares. La colección de dados ocurrió de 2015 a 2017 durante los encuentros semanales del Grupo de Convivencia de Afásicos de la UNICAP, momento en que, los participantes tuvieron sus discursos filmados para posterior transcripción y análisis con base en los pilares teóricos y metodológicos de la AD: discurso, condiciones de producción, ideología, sujeto, interdiscurso, formación ideológica, formación imaginaria y silenciamiento. Los sujetos afásicos investigados presentaron disturbios en uno de los ejes del lenguaje: en el de selección o en el de combinación y, en algunos casos, en ambos, de acuerdo con la tipología de Jakobson. Sus discursos fueron frecuentemente norteados por formaciones imaginarias y, consecuentemente, relaciones de fuerza, una vez que ellos se constituyen sujetos afásicos a partir de la imagen que hacen de si y de la imagen que juzgan que el interlocutor hace de ellos, inmergiendo jerárquicamente en el grupo de acuerdo con sus percepciones, historias de vida y condiciones de producción.

Palabras clave: Afasia; Lenguaje; Familia; Análisis del Discurso; Lingüística.

SUMÁRIO

| INTRODUÇÃO | . 14 |
|---|------|
| CAPÍTULO 1: | . 19 |
| A HISTÓRIA DAS AFASIAS | . 19 |
| CAPÍTULO 2: | . 30 |
| CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO – AD | . 30 |
| 2.1 Conceituando o discurso | . 30 |
| 2.2 O discurso como ciência | . 31 |
| 2.3 Diferentes contribuições para a Análise do Discurso | . 33 |
| 2.4 Análise do Discurso Francesa | . 37 |
| 2.5 Análise do discurso: resgate histórico | . 45 |
| 2.6 Conceitos básicos que compõem o dispositivo de análise do discurso | . 48 |
| 2.7 Funcionamento discursivo e o processo de identificação nas formação discursivas (FD) dos sujeitos | |
| CAPÍTULO 3: | . 64 |
| AFASIA: UMA PERTURBAÇÃO DA LINGUAGEM | . 64 |
| CAPÍTULO 4: | . 71 |
| PERCURSO METODOLÓGICO | . 71 |
| 4.1 Tipo de pesquisa | . 71 |
| 4.2 Análise do Discurso como procedimento analítico | . 72 |
| 4.3 Seleção dos Sujeitos Afásicos | . 78 |
| 4.3.1 Perfil de cada sujeito | . 79 |
| 4.4 Seleção dos Familiares dos Sujeitos Afásicos | . 83 |
| 4.5 Coleta de Dados | . 84 |
| CAPÍTULO 5: | |
| ANÁLISE DISCURSIVA DE SUJEITOS AFÁSICOS INTEGRA GRUPO DE CONVIVÊNCIA E SEUS FAMILIARES | .87 |

| | 5.1 O Sujeito Afásico e Seus Familiares - eles por eles e suas famílias: |
|---|---|
| | Fazendo um Retrato significativo |
| | 5.2 Análise - Estudo longitudinal92 |
| | 5.3 Análise: A palavra Afasia pelo Afásico: compreendendo possíveis efeitos de sentidos a partir do discurso, da palavra em movimento |
| | 5.4 Análise: Grupo Família: um espaço que traz significação e resignificação |
| | para a compreensão dos sujeitos afásicos114 |
| C | CONSIDERAÇÕES FINAIS128 |
| F | REFERÊNCIAS133 |

Desde o mestrado, percebo que minha trajetória profissional estava para mudar a partir do momento em que comecei a trabalhar com o discurso dos sujeitos afásicos. No primeiro momento, não sabia nem o que era afasia, e fui apresentada pela minha orientadora, Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, que me convidou para conhecer o grupo de afásicos da Universidade Católica de Pernambuco. Assustada, até por que, vinha de uma graduação do curso de Letras, percebi que o grupo estava voltado para a área da Fonoaudiologia, mas, com o decorrer dos encontros no grupo, também entendi que como a afasia é uma perturbação da linguagem, com o curso de Letras também poderia contribuir, em especial, porque é um Grupo de Convivência de sujeitos afásicos e, não, de atendimento. Todo esse processo foi e está sendo uma extraordinária oportunidade de iniciar e ampliar meus estudos, pois, além da afasia, também fui apresentada, pela mesma "madrinha" professora, a uma nova teoria que também não conhecia: a Análise do Discurso de Linha Francesa. A partir daí, percebi que comecei a ter um novo olhar sobre o mundo que me cercava, possibilitando-me compreender de forma integrada um pouco de mim, podendo perceber que eu não era um ser apolítico e aprendi a reconhecer-me como um sujeito histórico, um fruto social, marcado profundamente por histórias da minha família, da minha cidade e de meu país.

Com a conclusão do mestrado, em 2015, já entrei no doutorado trazendo o mesmo objeto de estudo, o discurso de sujeitos afásicos, com o mesmo *locus*, porém, com *corpus* diferente e, agora, com a participação da família mantendo-se a teoria de Análise do Discurso de Linha Francesa, delineada por Pêcheux, nos anos de 1960, na França e desenvolvida, no Brasil, por Eni Orlandi e muitos outros autores.

Nesta tese, houve um trabalho longitudinal, pois foram mais quatro anos de registros de *corpus*, que se constituíram em sequências discursivas no referido grupo de convivência. Deparei-me com novos desafios e percebi que estava com outras perspectivas de conhecimento, que iam além de ser professora universitária. Foi quando resolvi, no ano de 2017, cursar nova

graduação: o curso de Fonoaudiologia, para me apropriar de outros conceitos e conteúdos. Nesse ponto, vi-me novamente como aluna na segunda graduação. Reconheci que o aprendizado é um ciclo que nunca estaciona, inconstante, e que a posição de aprendiz, na universidade e na vida, só contribuiria com a minha formação humana e profissional. Um novo desafio, pois, enfrentar uma graduação simultaneamente com um doutorado. Não é fácil, mas o convívio com essa nova realidade está sendo demasiadamente rico, pois pude compreender novos pontos de vista e aprender mais e melhor, sempre.

Foi cursando uma disciplina como aluna especial do mestrado, que comecei a estudar a Teoria da Análise do Discurso de linha francesa (AD), na qual pude começar a compreender o discurso dos sujeitos afásicos a partir das formações imaginárias, ideológicas e discursivas, a historicidade das reproduções das condições de produção entre as posições-sujeito dos afásicos e seus familiares. Assim, a fundamentação deste trabalho encontra sua base teórica nos pilares dessa teoria, já mencionada, anteriormente e aprofundada mais à frente, nesta tese.

A partir desse momento, deixo de lado o "eu", onde falava de percurso pessoal, para assumir o "nós", compreendendo, com a teoria da AD, que não há discurso fundador, que o que dizemos vem de outros (necessários) dizeres, já ditos antes, em outros lugares, em outras condições de produção.

Nesse sentido, esta tese propõe a compreensão do discurso do sujeito afásico por meio da teoria que traz a relação entre a linguagem e a ideologia. É nesse contexto que nos perguntamos:

- 1.Como o aporte teórico da Análise do discurso de linha francesa contribui na compreensão da linguagem do sujeito afásico? Como se dão as formações imaginárias de sujeitos afásicos em grupos de convivência e seus familiares, no que se refere ao discurso sobre a afasia?
- 2. Os grupos de convivência de sujeitos afásicos podem gerar efeitos de mudança na posição do sujeito afásico de não falante para falante (há movência de posição no discurso de sujeito afásico)?
- 3. Qual a concepção dos familiares sobre a afasia, suas causas, alterações na linguagem, entendimento e a importância de intervenções

linguísticas e como podem gerar efeitos de mudança na posição do sujeito afásico de não falante para falante?

- 4. Como o silenciamento de sujeitos afásicos em grupos de convivência, no que se refere ao discurso sobre a afasia é observado?
- 5. Qual o lugar do pesquisador nessa relação: ele é parte do grupo ou é observador?

As questões supracitadas serviram de base para a constituição das seguintes hipóteses:

- 1. A Análise do discurso de linha francesa (AD) pode contribuir para o trabalho em grupos de convivência, bem como com familiares, a partir de uma escuta diferenciada e da compreensão das formações imaginárias, em que o interlocutor afásico também entende o problema e os não afásicos (pesquisadores), no grupo, podem gerar efeitos de sentido ao que é dito.
- Pode haver mudança de posição de falante para não falante no discurso de sujeitos afásicos. O grupo de convivência, pela própria dinâmica, faz com que o espaço reverbere possibilidades novas e distintas de linguagem aos sujeitos.
- 3. A família reproduz o discurso médico e considera a afasia como uma incapacidade.
- 4. O sujeito afásico silencia quando tenta dizer algo que não é interpretado pelo grupo.
- 5. O pesquisador, com participação ativa nos grupos de convivência, contribui positivamente para a funcionamento da linguagem do sujeito afásico e dinâmica do próprio grupo. Logo, o pesquisador também integra o grupo.

A partir das questões de pesquisa e das hipóteses, tivemos como objetivo geral: analisar o discurso de sujeitos afásicos em grupo de convivência e de suas famílias sobre a afasia. Os objetivos específicos foram: 1.Identificar a relação de forças nas formações imaginárias de sujeitos afásicos em grupos de convivência e seus familiares, no que se refere ao discurso sobre a afasia;

2.Investigar a antecipação nas formações imaginárias de sujeitos afásicos em grupos de convivência e seus familiares, no que se refere ao discurso sobre a afasia; 3.Investigar as formações discursivas de sujeitos afásicos em grupos de convivência e seus familiares, no que se refere ao discurso sobre a afasia; 4.Analisar o silenciamento de sujeitos afásicos em grupos de convivência, no que se refere ao discurso sobre a afasia; 5.Entender como a postura do pesquisador pode contribuir com o desempenho do(s) afásico(s) no grupo de convivência.

Para atingir tais objetivos analisamos o discurso de cinco sujeitos afásicos que fazem parte do Grupo de Convivência de Afásicos da Universidade Católica de Pernambuco (GCA) tratando da questão do jogo de imagens, isto é, as relações imaginárias que estão sendo produzidas entre os sujeitos afásicos e seus familiares sobre a afasia. Buscamos, então, analisar o modo de se representar o outro, a si mesmo e a forma como o outro é visto no discurso do sujeito afásico e sua família.

A definição dos objetos de pesquisa foi fundamentada no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso Francesa (AD), que tem como seu principal representante Michel Pêcheux. Essa perspectiva teórico-metodológica tem relação direta com nosso objeto de estudo, que busca problematizar a figura do sujeito afásico numa relação de enfrentamento com a linguagem.

Como a AD não representa apenas uma metodologia, mas, especialmente, uma teoria que extrapola a linguística, houve necessidade de aprofundar alguns conceitos como: sentido, ideologia, sujeito, formação imaginária, formação discursiva, condições de produção, interdiscurso, com base nessa perspectiva, uma vez que são inerentes à teoria da AD.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro trata da fundamentação teórica, define os conceitos gerais e aponta os diferentes teóricos que contribuíram, direta ou indiretamente, com os estudos da Afasia, a partir da história da mesma, incluindo conceito e classificação.

No segundo capítulo, trazemos um histórico e bases epistemológicas sobre a Análise do Discurso de Linha Francesa, de acordo com as

contribuições do filósofo Michel Pêcheux ([1975]1988) : difundida e maximizada, no Brasil, por Eni Pucceli Orlandi (1988,1997,2001,2002,2009,2011,2012) e vários outros autores, como Indursky (2002, 2008, 2011), Ferreira (2015, 2008, 2005, 2003, 1999), Mariani (2006a, 2006b) e outros.

No terceiro capítulo, apresentamos o estudo da afasia numa visão linguístico-discursiva, uma vez que a linguagem e o discurso ainda são espaços pouco trabalhados no campo das ciências da saúde. Pretendemos preencher parte dessa lacuna e facultar aos profissionais de linguagem, da saúde, aos familiares e à sociedade, em geral, subsídios que venham contribuir com uma melhor interação no que se refere aos sujeitos afásicos e seus familiares.

O quarto capítulo se refere aos procedimentos da metodologia do estudo, seja na escolha dos sujeitos investigados, o método de coleta de dados, ou seja, as gravações dos discursos e posterior transcrição e os procedimentos metodológicos e critérios de avaliação para análise dos discursos registrados de acordo com os postulados da AD.

Por fim, o quinto capítulo enfoca a análise dos discursos propriamente ditos, ou seja, dos dados, a partir de recortes discursivos dos sujeitos estudados, tomando por base os preceitos teóricos e analíticos da AD.

Finalmente, haverá as considerações finais do trabalho, com sugestão de novos estudos sobre o tema.

CAPÍTULO 1:

A HISTÓRIA DAS AFASIAS

Este capítulo refere-se a uma explanação histórica do surgimento e da compreensão do que é afasia, contribuindo e ampliando para auxiliar na percepção do processo como inteiro, compilando todos os aspectos que devem ser levados em conta para a melhor discussão do tema. Ou seja, neste momento trataremos da origem e dos estudos sobre suas classificações. Porém vale ressaltar que o destaque desta pesquisa é abordar a afasia a partir do aporte teórico linguístico-discursivo. Também será apresentada a discussão sobre a afasia a partir do olhar organicista, trabalhado pela área médica sem o dizer do sujeito afásico sobre a afasia, ou seja, apenas mostrando. Enfatizamos que o fonoaudiólogo também pode compreender a afasia do lugar organicista. Esta é uma posição que respeitamos, porém, em nosso trabalho, estudamos a afasia como uma possibilidade linguístico-discursiva, apesar de apresentar causa neurológica. Assim, o sujeito afásico não é (apenas) o diagnóstico neurológico, mas é humano, acima de tudo e, mesmo não falando, se posiciona nas dimensões biopsicossocial e discursiva.

Morato (2010, p. 26) salienta que o estudo da afasia tem sido fundamental não apenas para o diagnóstico, mas também para o conhecimento da estrutura e do funcionamento da linguagem, uma vez que as dissociações e seletividades que ela indica permitem elaborar hipóteses que a observação do processamento normal não faz mais do que apenas sugerir.

Os primeiros estudos formais sobre as afasias datam do século XIX e foram realizados pela medicina. O estudo da afasia começa pela grande polêmica das várias classificações de acordo com as concepções de cérebro e linguagem adotadas por diferentes autores na área. É uma patologia da linguagem bastante complexa, que gera muitos questionamentos entre os profissionais que trabalham na área.

No início do século XIX, Joseph Gall foi considerado o primeiro neuroanatomista a acreditar que a memória verbal se localizava no lobo frontal do cérebro. Enquanto isso, em 1836, Marc Dax, neurologista, escreveu um artigo, que veio a ser publicado em 1864, no qual afirma que a perda da fala

está associada a uma hemiplegia direita, o que, consequentemente, sugere a existência de uma lesão cerebral no hemisfério esquerdo (JAKUBOVICZ; MEINBERG, 1992).

Uma vez que a semiologia utilizada atualmente data do século XIX, é preciso investigar também por que ela se constituiu dessa forma. A maior parte dos itens semiológicos que ainda resistem relaciona-se à tradição nominalista do século XIX; ao fato de as categorias serem prévias às observações, quando o papel do clínico era apenas o de encaixar nelas os sujeitos e as patologias, chegando aos diagnósticos que a instituição (Clínica) requer (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009).

Jakubovicz e Meinberg (1992) relatam que, em 1861, Paul Broca, médico-anatomista, analisou dois casos clínicos que o fizeram acreditar no princípio da localização. O primeiro é o caso de Leborgne, um jovem de 30 anos que perdeu a fala e se comunicava apenas com a expressão "tan tan", de modo que suas necessidades eram indicadas através de gestos. Após a morte do paciente, Broca examinou seu cérebro e constatou que, no hemisfério esquerdo, a primeira circunvolução frontal estava atrofiada, enquanto que, na parte posterior da terceira circunvolução frontal, havia uma cavidade. O segundo paciente, de 84 anos, não lia e nem escrevia. Sua comunicação também se limitava a gestos. Após sua morte, Broca analisou seu cérebro e identificou uma perda significativa de substância na terceira circunvolução frontal, no hemisfério esquerdo.

Causa estranhamento afirmar que, apesar do avanço no conhecimento do funcionamento cerebral e mesmo do próprio funcionamento da linguagem, a semiologia permaneça imutável. Uma explicação para isso seria, de acordo com Novaes-Pinto e Santana (2009, p. 20), que "como o conhecimento de uma área vai sendo construído das propostas dos antecessores, a semiologia acaba sendo cristalizada ao longo do tempo, mesmo que os conceitos sejam criticados e reformulados".

Podemos observar, por meio das leituras sobre definição e classificação, que, a partir do histórico da afasia, cada autor traz sua teoria e suas tendências sobre patologias de linguagem. É válida a classificação de acordo com a zona

anatômica lesada, a etimologia, os resultados da testagem e as características linguísticas (JAKUBOVICZ; MEINBERG, 1992). Nesse sentido, uma das inquietações é como sujeitos afásicos que têm lesão cerebral na mesma região apresentam dificuldades diferentes na composição da sua fala? Neste estudo, os sujeitos afásicos precisam ser compreendidos para além dessas classificações, ou seja, ser escutados como o evento da/sobre afasia nas suas vidas e dos seus familiares.

A afasia apresentada pelos afasiologistas é decorrente de transtornos neurológicos como: Acidente Vascular Encefálico (AVE), ou problema conhecido como trombose ou derrame cerebral, Traumatismo Crânio Encefálico (TCE), tumores intracranianos, aneurismas, ou infecções e manifestações degenerativas locais, comprometendo a área específica relacionada à linguagem e seu funcionamento. Como a linguagem verbal pode ser considerada uma das principais ferramentas de comunicação humana, qualquer impedimento em seu processo, possivelmente irá comprometer a capacidade de comunicação oral ou escrita da pessoa afetada. Esse comprometimento varia de acordo com a extensão da lesão, podendo alterar sistematicamente a capacidade de produção ou de compreensão da linguagem verbal (MAC-KAY, 2003).

Lesões em regiões do hemisfério cerebral esquerdo costumam comprometer a produção verbal, enquanto que lesões em regiões posteriores desse mesmo hemisfério provavelmente comprometem a compreensão verbal, tomando-se como referência o sulco central (Figura 01) que divide as regiões do cérebro em anteriores e posteriores (MAC-KAY, 2003).

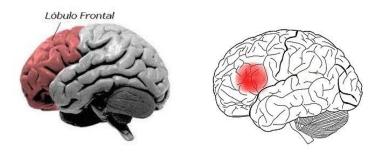


Figura 1: Esquema representando a visão lateral esquerda do Telencéfalo Humano. **A**, com destaque o Lóbulo Frontal e **B**, com destaque a Área de Broca do Lóbulo Frontal. O destaque para o hemisfério esquerdo justifica-se por se tratar da área da linguagem (Fonte: Adaptado de MAC-KAY, 2003, p. 12).

Quanto à extensão da lesão, o comprometimento da linguagem verbal, seja em relação à produção ou à compreensão, é diretamente proporcional à lesão, conforme visto na Figura 1. Assim sendo, uma pessoa afásica com alteração na produção verbal pode apresentar desde um comprometimento leve, em que seu discurso é marcado apenas por anomia ou a dificuldade de encontrar palavras – traço que mais se destaca no discurso de um afásico, até um comprometimento mais severo, em que a pessoa perde a capacidade de emitir qualquer sinal linguístico. Alterações da compreensão abrangem tanto dificuldades em compreender sentenças complexas (sentenças passivas, sentenças que implicam relações espaciais, entre outras) ou longas com comprometimentos leves, quanto se tem dificuldade em compreender qualquer sinal linguístico no caso de comprometimento mais severo (MAC-KAY, 2003).

A relação cérebro-linguagem é a primeira contribuição para a compreensão inicial ao estudo sobre as afasias. A leitura dos clássicos da afasiologia cujos autores,Broca e Wernicke, trabalham com a noção de casualidade expressa na relação lesão-sintoma, não tecendo considerações sobre a linguagem nem sequer mencionam a linguagem, assim, ao abordar as questões neurológicas que enfatizam conhecimentos anátomo-fisiológico do sistema nervoso central, enfatizam só o estudo da relação causal cérebro/linguagem (FONSECA, 2002). Neste grupo de afasiologistas citados é mais importante a procura da região lesada do que a linguagem, dando lugar de destaque ao cérebro que passa a ser mapeado e profundamente estudado.

Jakubovicz e Meinberg ([1981], 1992) destacam que, em 1864, Trousseau foi responsável pela substituição do termo afemia por afasia. Enquanto que Wernicke, dez anos depois, em sua monografia, traçou as conexões sensoriais do córtex e constatou que: (1) a porção cerebral anterior está relacionada aos movimentos, enquanto que a posterior, às impressões sensoriais; (2) as células encontradas no córtex não são nem sensoriais e nem motoras, e que é responsabilidade das suas conexões determinar a função de cada uma; (3) a área auditiva da fala localiza-se na primeira circunvolução temporal esquerda, e que uma lesão nessa área consiste na perda da compreensão da linguagem; e (4) existe outro tipo de afasia, a afasia de condução, que condiz com uma lesão das fibras associativas que ligam T1

(Temporal 1) e F3 (Frontal 3). Os estudos de Wernicke deram origem à corrente associacionista, que predominou no cenário médico por muito tempo.

Segundo Foucault (2012), estudar o corpo com profundidade permitiu a análise experimental das alterações que as doenças produzem, bem como a correlação entre as lesões visíveis no organismo e a coerência das formas patológicas. Esse autor diz que entre os séculos XVII e XIX observou-se uma grande mudança nos laudos dos médicos caracterizado pela abertura dos cadáveres, lançando o olhar dos médicos com mais profundidade, principalmente, na técnica da anatomia patológica e, assim, o caráter científico que os médicos verificavam como visível e observável. Este Método ganhou crédito científico em meio aos médicos e acadêmicos, pois as lesões visíveis no corpo passaram a explicar a origem dos sintomas. O discurso organicista presente nessa relação de lesão/sintoma orientou os médicos que se envolveram na investigação da afasia. Em seu livro *Diário de Narciso*, Coudry (2001) nos diz:

Já desde o final do século XIX, o estudo da fisiologia do cérebro animal, fazem-se inferências sobre o cérebro humano, dado que este não poderia ser cirurgicamente violentado (como fez Bartholow, em 1874, provocando a morte do paciente [...] Foi exatamente por não se poder passar da experimentação animal, sem maiores cuidados e controle, para a patologia humana, que surgiu a metodologia anátomo-clínica em 1883 (Hécaen e Lanteri-Laura), 1977:59) pela qual se estabeleceu comparações e correlações entre os sintomas observados durante a vida do paciente (no caso da afasia, a observação dos dados linguísticos) com fatores neuro-anatômicos inferidos de procedimentos clínicos ou obtidos "post-mortedem.

A partir desse momento, a afasia começa a ser estudada procurando revelar os mistérios contidos no organismo, no caso do estudo dos afasiologistas, o desenvolvimento da afasiologia clínica e a organização do córtex cerebral trazem muitas propostas inovadoras, a exemplo de: tomografia das localizações cerebrais, a dominância hemisférica, a transposição da fisiologia animal para a humana; os primeiros ensaios para determinar quantitativamente o lugar cortical de uma função.

Segundo Coudry (2001) esta visão resulta no discurso organicista, pois busca estabelecer relação entre os sintomas observados durante a sua vida da

pessoa afásica e suas condições neuroanatômicas. Neste ponto de vista, o olhar está sobre a visão ocasionada e a figura do sujeito não é vista, ponto que defendemos neste trabalho como imprescindível para o estudo da afasia numa proposta que lançamos: discurso do sujeito afásico visto pela teoria da análise do discurso de linha francesa como suporte de estudo para os sujeitos afásicos.

Segundo Fonseca (2002), inegáveis são os avanços da medicina a partir da possibilidade de investigação de cadáveres, entretanto, o olhar do médico voltado apenas para a inspeção do corpo tornou a medicina surda à palavra do louco. Para a autora tal surdez não se limitou à palavra do louco, mas a qualquer palavra.

Como já foi informada, a primeira contribuição anátomo-clínica deve-se ao neurologista Paul Broca (1861) com a obra "afasia motora ou de expressão", que inaugura a corrente localizacionista. Tratava-se de um doente com hemiplegia direita que perdera a faculdade de falar apenas conservado o significante *tan*. Broca chamou a essa perturbação "afemia" (termo que Troussau, mais tarde substituiria pelo de afasia). O cérebro apresentava amolecimento extenso, lesão na área de Broca, localizada no giro opercular da região frontal, com predominância esquerda (KANDEL, 2000).

Mais adiante, o neuropsiquiatra alemão Wernicke (1874) deu novo impulso ao conhecimento da afasia observando um paciente que apresentava uma perturbação da palavra, no sentido de não compreender o que lhe dizia, nem o que ouvia, embora, por vezes, falasse demasiadamente, a ponto de se passar por demente, que apresentava lesões corticais no hemisfério esquerdo, definindo as características da afasia sensorial ou de compreensão. Esses autores afirmam haver uma relação direta entre áreas de lesão cerebral com as áreas da linguagem. Sendo assim, foram desenvolvidos estudos que descreviam a descoberta de uma área localizada no hemisfério esquerdo, como responsável pela capacidade linguística, fortalecendo a busca pela relação lesão/sintoma nas afasias (KANDEL, 2000).

Porém, é importante mencionar que estas descobertas oportunizaram debates em razão da diversidade das alterações de linguagem decorrentes de lesões em uma mesma área cerebral. Constatamos sujeitos afásicos com a

mesma lesão cerebral, mas as dificuldades linguísticas diferentes de cada um. Alguns autores concordavam quanto à responsabilidade de uma dada área por certas manifestações linguísticas, mas outros discordam quanto à concepção cerebral ou de linguagem. (VIEIRA, 1998).

Em oposição à corrente localizacionista, o neurologista inglês Hughlings Jackson (1864) publicou seus pressupostos, propondo uma concepção mais dinâmica das afasias, que inaugura uma nova escola, conhecida como a "escola cognitiva". Essa escola associa conceitos de psicologia, distinguindo a fala intelectual da fala emocional ou automática. Conforme esse autor, a fala automática estaria relativamente preservada nos afásicos na forma de interjeições, exclamações, expressões recorrentes e clichês. Jackson (1879) não situava a função da linguagem unicamente na área motora, que ele acreditava ser uma função mais psicológica. Considerava que o cérebro funcionava como uma unidade, numa perspectiva holística. Diferentemente do pensamento da época, esse autor considerava que os neuroanatomistas apenas poderiam localizar a lesão e os sintomas, mas não poderiam afirmar que em determinado local estava localizada esta ou aquela função. Para esse estudioso, a explicação do sintoma na fala não poderia ser deduzida da lesão, pois não se poderia confundir a localização deste mecanismo. Segundo esse autor, o médico não poderia fazer o diagnóstico quanto ao sintoma da fala (VIERA, 1998).

Um autor âncora para o estudo da afasia na perspectiva neurolinguística, é Alexander R. Luria (1902-1977), neuropsicólogo. Para ele, o cérebro se organiza em três blocos ou unidades funcionais que abrangem todas as regiões cerebrais (externas e internas) que se subdividem, por sua vez, em uma porção anterior envolvida no funcionamento de atividades motoras – falar, andar, pegar, nadar- também denominada de área dinâmica; e em porção posterior chamada gnóstica, que trata de processos perceptivosauditivos, visuais, táteis - cinestésicos (provenientes da sensação que o movimento provoca), olfativos – e de suas relações. Só uma visão baseada na plasticidade cerebral - o que permite que outras áreas se rearranjem para assumir funções modificadas pela afasia sustenta a possibilidade de suprir a unipolaridade da linguagem que a afasia estabelece, podendo ela ser

decorrente de lesões anteriores e posteriores. Da concepção de cérebro como sistema funcional, conclui-se que lesões em determinada área do cérebro podem levar à desintegração de todo um sistema funcional.

No estudo da afasia, Luria (1981) se posiciona contra o localizacionismo estrito (que correlaciona diretamente lesão/função) e introduz o conceito de sistema funcional complexo, que envolve várias unidades e áreas cerebrais trabalhando em concerto. Esse autor se fundamentou no viés da Psicologia Gestáltica e na Neuropsicologia, fazendo uma aproximação com a linguística. Porém, apesar de constituir diferenças na abordagem das afasias, acrescentando um pouco a questão da causalidade, sua produção reuniu-se no mesmo espaço do discurso localizacionista que sempre esteve presente ao espaço discursivo da Medicina como forma dominante do pensamento da área.

Outro autor importante na classificação das afasias no processo de trazer outra concepção de destaque para essas classificações é Freud ([1891] 1977), que abre a possibilidade de pensar a afasia a partir de outro lugar que não é apenas o da Medicina. Para Freud ([1891] 1977), é possível abordar as afasias como uma questão de linguagem desde que se rompa com a relação do vínculo causal. Esse autor inaugura seus estudos sobre afasia no ano de 1891, na época atuando como neurologista. Começa refutando a descrição sobre parafasia relacionada à afasia sensorial, descrita por Wernicke em seus pacientes. Considera que seria mais apropriado descrever o discurso de partes fixas e repetidas, do paciente de Wernicke, como um discurso pouco dotado e repleto de impulsos de linguagem. Assim, em sua percepção, a afasia sensorial ultrapassa as características da parafasia, que é o distúrbio da linguagem em que acontece substituição de uma palavra por outra inadequada, porém com um aspecto relacional. De acordo com Almeida (2013), em afasia, os erros de fala denominam-se parafasias. Freud ([1891]) 1977 também observou que a parafasia está presente em pessoas sem alterações neurológicas e se constitui um sintoma ou sinal de alteração funcional, o que ele denomina aparelho associativo da linguagem.

Freud ([1891], 1977) afirma em seu livro "Interpretação das afasias" que a percepção, associação e as representações complexas cerebrais não podem ser avaliadas pela teoria da localização, sendo necessário observar os

processos cerebrais em toda sua amplitude. O autor apresenta duas hipóteses nas lesões cerebrais que afetam o trabalho de linguagem: 1ª: na ocorrência de processos destrutivos, o aparelho de linguagem, resultado numa perturbação funcional da linguagem; 2ª, no caso de uma lesão menor, a resposta seria uma redução da funcionalidade da linguagem em geral (FREUD, [1891], 1977).

Dessa forma, nos trabalhos de Freud ([1891], 2013) sobre a discussão da afasia, o fato importante é o olhar para uma afasia sem o estigma da doença, ou para a afasia, não como um simplesmente neurológico, na medida em que ele a focaliza no cruzamento entre a atividade cerebral e o funcionamento da linguagem (FREUD, [1891], 1977).

Como exposto, a Visão Localizacionista torna-se reducionista quando limita as relações de causa e consequência da afasia apenas à localização do comprometimento cerebral, identificando os sintomas patológicos, descrevendo-os e explicitando-os, enquanto que a Visão Funcional leva em conta a perturbação de todo um grupo de processos cerebrais. Portanto, nesse sentido, a concepção da visão funcional de Luria (1981) e a concepção de Freud ([1891], 1977) que traz a afasia no cruzamento entre atividade cerebral e funcionamento da linguagem abrem a possibilidade de considerar a afasia com um problema linguístico-discursivo, como defendemos na problemática no trabalho em questão.

Freud é, nesse sentido, quem vai problematizar esse discurso organicista da relação cérebro/mente que se expressa pelo viés do isomorfismo presente nos estudos médicos sobre a afasia. Abre um novo espaço, problematiza as questões da visão organicista sobre o estudo das afasias, vai de encontro ao discurso médico.

Percebe-se que nas sessões no Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP (GCA), observando as gravações em vídeo no período que compreende 2015 a 2017, transcrevendo as suas falas, observando seus dizeres através do seu repertório linguístico, diverge de cada sujeito a dificuldade de fala. Essa perspectiva traz os sujeitos a falarem de suas queixas e permite restaurar o sujeito afásico como indivíduo socialmente ativo. É através da linguagem que assumimos nossa posição na sociedade e somos reconhecidos enquanto pessoas (LEMAY, 1995).

Esse autor questiona:

Como ser realmente reconhecido quando não podemos exprimir claramente nossas ideias nossas opiniões, nossa percepção das coisas e dos acontecimentos porque o vocabulário e o contorno das frases, que permitem todas as nuances e precisões necessárias a uma comunicação eficaz, não estão mais disponíveis? [...] O problema da linguagem é ainda mais invalidante, pois atinge todas as áreas culturais. Não conseguimos ler, escrever, calcular, substituir as palavras inadequadas pelas palavras precisas que procuramos, dizer "Bom dia, senhor" quando nos dirigimos a uma senhora o dizer "minha mãe" quando queremos dizer "minha mulher" todas essas dificuldades colocam em dúvida a integridade intelectual do afásico aos olhos da sociedade que o observa (LEMAY 1995 p.123).

Para Beal (2010), além das alterações de comunicação, a Afasia pode provocar uma menor expectativa do retorno às atividades profissionais, devido ao impacto causado na vida social dos sujeitos acometidos. A linguagem é um instrumento de comunicação privilegiado, dessa forma, a alteração na mesma gera um isolamento do sujeito afásico diante de sua família e da sociedade. Assim, seus pensamentos tornam-se inacessíveis. Seguindo esta linha, os autores Ponzio (1995) relatam que o afásico dificilmente retoma as relações sociais que tinha antes da doença.

Segundo Coudry (1998), um sujeito afásico não é afásico o tempo todo e tampouco um sujeito normal é normal o tempo todo. Coudry (2002) afirma que há linguagem na afasia quando há sujeito e que afásico e não afásico partilham de um sentimento/ atitude comum de incompletude frente à linguagem e à língua.

Além dos estudos já mencionados, muitos outros foram desenvolvidos com o objetivo de entender as estruturas cerebrais envolvidas no desempenho linguístico. A partir de 1960, houve um consenso entre os afasiologistas. De modo geral, lesões perto da área de Broca e da área pré-central repercutirão em dificuldades motoras. Traumas nas áreas vizinhas afetarão a escrita e a leitura, enquanto lesões na região superior-posterior do cérebro resultarão em dificuldades na compreensão da linguagem verbal (JAKUBOVICZ; MEINBERG, 2005).

As manifestações da afasia são atividades discursivas, sempre instáveis e indeterminadas. Não são abordadas como enunciados soltos, isolados. Afirma-se que a apreensão do sentido só pode ocorrer em um sistema sociointerativo (TUBERO, 2010). Sendo assim, para Neurolinguística

Discursiva, é importante mobilizar o papel ativo dos falantes, "perdido" na afasia. Independentemente do tratamento das manifestações afásicas, sustenta-se que o sujeito deve ser reintegrado em suas funções/atividades sociais. Nessa vertente, o jargão aparece, muitas vezes, relacionado à impossibilidade do paciente "fazer signo", i.e., aliar som e significado; ou ainda, relacionado a um déficit na associação de seleção lexical e forma fonológica. A manifestação do jargão é reconhecida, mas não é problematizada (mesmo porque é considerado como não-palavra).

A relação de causalidade lesão-sintoma aponta o modo de constituição histórico das afasias, esta relação tem sua origem no pensamento médico, mas só é legitimada quando os estudos anátomo-clínicos se colocam como ordem vigente e produzem a coincidência entre corpo da doença e corpo do doente. A possibilidade de identificação da doença e sua legitimação no corpo dava à medicina um novo estilo de pensamento, instituía uma nova episteme, na qual o sujeito e sua singularidade eram apagados da cena clínica, privilegiando-se a doença com essência. Fazendo um contraponto, lançamos a possibilidade de reinterpretar o estudo da afasia, trazendo para este trabalho o destaque para o sujeito afásico com o seu discurso da / sobre a afasia.

Segundo estudos de Azevedo (2018) caminha-se na contramão dos argumentos que se marcam no corpo para priorizar o discurso da/sobre a linguagem de sujeitos com afasia e gagueira. Passamos a chamá-los de sujeito-afásico e sujeito-gago, com hífen, acreditando que os sujeitos são constituídos na/pela afasia e gagueira.

Nesse sentido, marcamos a nossa posição teórico metodológica: a Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Pêcheux, na França, nos anos de 1960 e, hoje, em ebulição no Brasil devido a inúmeros pesquisadores envolvidos na área. Salientamos que Eni Orlandi conheceu Pêcheux e trouxe a teoria para cá.

Nesse sentido, o trabalho foi realizado no Grupo de Convivência de Afásicos (GCA), que existe na UNICAP desde 2006 e tem como objetivo proporcionar aos seus participantes momentos de socialização, por meio do desenvolvimento de diferentes atividades relacionadas às práticas sociais dos integrantes do Grupo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO - AD

Como já apresentada, a partir desse momento, haverá um distanciamento em relação à historiografia das afasias, a fim de marcar o compromisso com a teoria da Análise do Discurso de linha francesa (AD). Neste capítulo, apresentaremos o quadro teórico- metodológico da AD e alguns conceitos trabalhados nesta pesquisa discurso, condições de produção, ideologia, sujeito, interdiscurso, formação ideológica, formação imaginária e silenciamento.

2.1 Conceituando o discurso:

Percebemos que não se tem uma definição fechada sobre o conceito de discurso, visto que ele tem uma origem etimológica de movimento, ou seja, que não está estático, mas é mutável e em constante transformação. Conforme Orlandi (2012, p. 15): "A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando."

Podemos entender que o discurso tem diferentes significados. Nesse sentido, é mais comum aos teóricos analisados (ORLANDI, 2012; FOUCAULT, 2012; GUIMARÃES, 2012; COSTA, 2005; FERREIRA, 2005, 2006; MARIANI, 2008; INDURSKY, 2013, 2004) que ele está relacionado à linguagem cotidiana, à fala de alguém e a tudo que permeia o contexto sociocomunicativo.

A definição de discurso torna-se complexa, em virtude das mais diferentes formas de observação. Porém, há o consenso de que ele está associado à intermediação entre sujeitos no processo de comunicação. De acordo com Guimarães (2012, p. 87): "O termo discurso está associado a outro como enunciação, pragmática e texto, sendo concebido sob várias perspectivas. Segundo o interesse desta obra, concebemos o discurso como lugar de intermediação entre a língua e a fala".

Entendemos, ainda, que o discurso não ocorre de forma aleatória e descontextualizada, visto que é organizado de acordo com a necessidade individual do sujeito. Conforme Foucault ([1970] 2004, p. 8),

a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Inferimos que o discurso não é algo inédito, visto que já existe muito antes do indivíduo existir e que só se encontra, no decorrer da existência, de acordo com as aptidões ou caminho que se deseja traçar. O ser humano possui um forte desejo de se relacionar, e é através da linguagem que esta ação é plenamente realizada.

É preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam — estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado ao limiar de minha história. (FOUCAULT, [1970] 2004, p. 6).

Entendemos que o discurso está intrinsecamente ligado ao poder, visto que, conforme Foucault ([1970] 2004, p. 10): "ele não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo, pelo qual se luta, o poder do qual nos queremos apoderar".

Assim, podemos compreender que o discurso é muito além do que simples palavras expressas entre os interlocutores, pois vai ao mais profundo nessa atividade produtora de sentidos nas relações entre falantes.

2.2 O discurso como ciência

A análise de discurso francesa (AD), campo do saber que se desenvolveu nos anos 1960, tem como representante referencial o filósofo Michel Pêcheux e constitui-se no espaço de demandas resultantes da relação entre o tripé teórico Linguística, Marxismo e Psicanálise. Esse tripé, conforme Possenti (2011), pertence a uma ruptura, que instaurou uma nova problemática com o século XIX. A AD, nesse seguimento, constitui-se como disciplina de entremeio. Esse adjetivo lhe é dado pelo fato de que não deriva completamente do tripé teórico referenciado acima, "a ideia de entremeio refere a espaços

habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias." (ORLANDI, 2002, p. 21). Deste modo, a AD retém atenção específica voltada ao discurso.

A vista disso, é feita uma reflexão acerca do funcionamento da linguagem como um acontecimento em que abarca língua, história, ideologia e sujeito em articulação do simbólico com o político. A língua, neste contexto, mesmo com sua estrutura fonológica, morfológica e sintática deve ser apreciada como aquela que só existe quando inserida na história. Implicada com o materialismo histórico, a AD leva-nos a compreender que o homem é produtor da história, mas que essa história não lhe é transparente.

Conforme Orlandi (2012), os estudos do discurso já foram apresentados, mesmo não sistemáticos, em diferentes épocas: as primeiras análises no século XIX, realizadas por Michel Bréal (1992 [1904]) com sua semântica histórica, objetivavam a tentativa de explicar as leis que governavam as mudanças lexicais; em seguida, já no século XX, os estudos dos formalistas russos, em 1920 e 1930, mais precisamente, por uma investigação no âmbito do conteúdo, deixaram indagações pertinentes, como "o que o texto significa?".

Nesse período, surgiram ainda duas correntes de estudos do discurso: uma fundamentada da linguística, observando o texto e suas unidades comunicativas, de perspectiva americana; e outra que se aproveita de uma crise interna da linguística e direciona o foco de estudo para a semântica, de origem europeia.

Na década de 1960, iniciam-se, de forma mais intensa, com Michel Pêcheux, os estudos a respeito das relações da linguagem com o seu contexto de inserção, o que foi denominada posteriormente de Escola Francesa de Análise do Discurso. Nela,

ambiciona-se a construção de um dispositivo capaz de produzir a leitura automática de um conjunto de discursos previamente selecionados e organizados, segundo critérios que garantissem homogeneidade e estabilidade em termos de circunstâncias históricas e sociais de produção (COSTA, 2005, p. 17).

A Análise do Discurso é caracterizada por ser multidisciplinar, pois está presente nas mais diversas áreas do saber, como a filosofia, as ciências sociais, a política, a psicanálise e a linguística. "Como seu próprio nome indica,

não trata da língua, não trata da gramática, embora tudo isso lhe interesse" (ORLANDI, 2012, p. 15).

O discurso como ciência está enraizado no pressuposto de que a linguagem, por si só, não é transparente, necessitando de mecanismos que possam colaborar para compreendê-la efetivamente. "Portanto, com o estudo do discurso, pretende-se apreender a prática da linguagem, ou seja, o homem falando, além de procurar compreender a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constitui o homem e sua história" (SILVA, 2005, p. 16).

Desse modo, a ciência do discurso estuda, antes de tudo, o homem e sua interrelação com a linguagem concreta, considerando todos os processos que permeiam a produção da linguagem e de seus sentidos, no meio em que se está inserido. Assim, o discurso não pode ser indissociável do sujeito, pois faz parte da essência do ser. "Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos" (FOUCAULT, [1969] 2010, p. 39).

2.3 Diferentes contribuições para a Análise do Discurso

Entendemos a Análise do Discurso como um campo do saber marcado pela multidisciplinaridade, faz-se necessário buscar em seu percurso histórico e formativo as diferentes contribuições.

Diversas correntes científicas têm contribuído para o desenvolvimento da ciência do discurso. Esta tem como influência significativa o conceito de ideologia:

Marx e Engels também impregnaram esse termo de um sentido negativo. Para eles, a ideologia separa a produção de ideias das condições sócio históricas em que são produzidas. Por isso, baseiam suas formulações em verificação empírica, pois os dados da realidade são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência, aquelas que já encontraram à sua espera e aquelas que surgem com a própria ação (SILVA, 2005, p. 19).

Para os autores, a ideologia é primordial e está intrinsecamente ligada ao sujeito em suas relações sociocomunicativas, visto que não existem

palavras e expressões com sentido solto, desconexo, mas têm por trás uma ideia, um conceito ideológico que as motiva a existir, de alguma forma.

A ideologia está impregnada às condições sociais de produção de sentido e ao momento histórico que se vivencia para produção dele. Conforme teorizado no marxismo, a ideologia

é um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas ideias passem a ser ideias de todos. Para isso eliminam-se as contradições entre força de produção, relações sociais e consciência, resultantes da divisão social do trabalho material e intelectual. Necessária à dominação de classe, a ideologia é ilusão, i. é, abstração e inversão da realidade e por isso permanece sempre no plano imediato do aparecer social [...]. O aparecer social é o modo de ser do social de ponta-cabeça. A aparência social não é algo falso e errado, mas é o modo como o processo social aparece para a consciência direta dos homens. Isto significa que uma ideologia sempre possui uma base real, só que essa base está de ponta-cabeça, é a aparência social. (BRANDÃO, 2004, p.105).

A função geral da ideologia se caracteriza pela presença de cinco traços que colaboram para sua mediação social, conforme Silva (2005): 1. Ideologia como fundador de um ato inicial, com intuito de difundir convicções para que se perpetuem aos demais; 2. Ideologia dinâmica e motivadora da práxis social, aquela que impulsiona ação humana; 3. Ideologia esquemática, que tem caráter de ressignificar a história, dando-a um teor coletivo; 4. Ideologia não temática, que provoca pensamento e reflexão sobre nossas ações, e, por último, 5. Ideologia intolerante, aquela que apresenta uma resistência em relação às mudanças sociais.

Percebemos assim, a ideologia sendo uma fonte inesgotável de conhecimento para se aplicar outros conceitos da investigação discursiva. A filosofia de Michel Foucault introduz quatro regras de formação determinantes do discurso, a saber: a) os objetos que aparecem, coexistem e se transformam num "espaço comum" discursivo; b) os diferentes tipos de enunciação que podem permear o discurso; c) os conceitos em suas formas de aparecimento e transformação em um campo discursivo, relacionados em um sistema comum; d) os temas e teorias, isto é, "[...] o sistema de relações entre diversas estratégias capazes de dar conta de uma formação discursiva, permitindo ou excluindo certos temas ou teorias" (BRANDÃO, 2004, p.28).

Os estudos de Foucault (1997; 2006; 2004) têm contribuído em demasia para o desenvolvimento da Análise do Discurso, pois definem que ela é um conjunto de enunciados que tem seus princípios na mesma formação discursiva. Suas observações são mais precisas nas unidades dos enunciados, pois classificam o discurso em quatro distintas características, a saber:

- 1. Relação com um referencial, situando o discurso no tempo e espaço específico;
- 2. Intrínseca relação do enunciado com o sujeito, sendo ele fundamental para a compreensão dos enunciados;

O sujeito fundador[...]está encarregado de animar diretamente com seu modo de ver as formas vazias da língua; é ele que, atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, retoma intuitivamente, o sentido que aí se encontra depositado, é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá, em seguida, senão que explicitar e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão enfim seu fundamento. Em sua relação com o sentido, o sujeito fundador dispõe de signos, de marcas, de traços, de letras. Mas não tem necessidade, para os manifestar, de passar pela instância singular do discurso (FOUCAULT, [1997] 2006 p.29).

- 3. Relação de domínio associado aos enunciados, ou seja, nenhum enunciado é sozinho, mas está sempre relacionado a outros enunciados, criando um jogo enunciativo;
- 4. Enunciado como objeto, ou seja, como matéria discursiva. Daí, Foucault diferencia enunciado e enunciação, sendo este último um conjunto de signos pronunciados e que jamais se repetirá, diferente do primeiro.

Assim, pode-se resumir, com base em Silva (2005 p. 25), as contribuições da filosofia de Foucault para a Análise do Discurso:

- a) A concepção de discurso considerado como prática que provém dos saberes, e a necessidade de articulá-lo com outras práticas não discursivas.
- b) O conceito de formação discursiva.
- c) A distinção entre enunciação e enunciado.
- d) A concepção de discurso como jogo estratégico e polêmico, como luta
- e) A concepção de que o discurso é o espaço no qual saber e poder se articulam.

f) A concepção de que o discurso, como gerador de poder, seleciona, organiza e redistribui certos procedimentos que garantem a estabilidade de seu poder.

A linguística é um pano de fundo no qual surge a Análise do Discurso. As ciências que permeiam a linguagem fazem com que se torne impossível pensar a AD sem fundamentação científica baseada nas teorias da linguística.

Os estudos estruturalistas da autonomia da língua, tendo-a como objeto de estudo, contribuíram para a formação deste novo campo de saber, pois,

[...] a Linguística em seu papel de ciência-piloto das ciências humanas tem condições de fornecer aos apaixonados do novo paradigma as ferramentas essenciais para análise da língua, enquanto estrutura formal, submetida ao rigor do método e aos ditames da ciência, tão valorizada na época (FERREIRA, 2009, p. 9).

O estruturalismo reinante na época, com base em Saussure, descartava a figura do sujeito, pois estudava apenas a língua como um conjunto de signos de uma determinada comunidade falante. Em oposição ao exagero desta corrente, Pêcheux ([1988] 2014) vê necessário um estudo aprofundado, visando a inclusão do sujeito, pois é impossível descartá-lo do processo de entendimento da linguagem.

Em meio a encontros e desencontros do saber, no século XX, na França, a linguística serve, conforme Orlandi (2003) e Pêcheux ([1988] 2014), como norte para o surgimento da AD em virtude do estruturalismo linguístico, que é um ponto de debate para o entendimento do dito e o não dito.

Já o funcionalismo linguístico, em oposição aos estudos estruturalistas mais formais, mostra a linguagem como um instrumento forte de interação social, pois seu objetivo perpassa as estruturas gramaticais, pois é na compreensão do contexto diário e discursivo de produção de sentidos da linguagem que se dá sua atuação. Conforme Pezatti (2011, p. 165) "o funcionalismo entende que a linguagem se define, essencialmente, como um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informações entre interlocutores reais"

É possível perceber que as premissas do Círculo Linguístico de Praga (CLP) afastam-se do estruturalismo saussureano ao apresentar uma visão funcional da língua. Embora a investigação descritiva da língua se dê a partir de Saussure e sua perspectiva de estudos sincrônicos, o CLP critica a

separação entre sincronia (estática) e diacronia (dinâmica), assumindo que as mudanças linguísticas, relacionadas à diacronia, estão sempre acontecendo em um dado estado de língua e são, portanto, parte da sincronia (CORTEZ, 2011).

As abordagens da linguística funcional tentam esclarecer as diversas regularidades no uso da língua, analisando todas as condições discursivas. Observamos também que as estruturas gramaticais impostas ao longo do tempo são oriundas e motivadas, tendo como base o funcionamento da linguagem.

Assim, compreendemos que a Análise do Discurso se constitui historicamente como um campo do saber marcado pela multidisciplinaridade e pela constante transformação.

2.4 Análise do Discurso Francesa

A Análise do Discurso remonta à década de 1960, como uma teoria de caráter interdisciplinar. Os maiores representantes deste momento, que se pode considerar como aurora da AD, foram os franceses: Jean Dubois e Michael Pêcheux. O primeiro era linguista, já o segundo era filósofo, isto permite compreender que a AD tem seu surgimento na França; algum tempo depois, a teoria percorreu ao redor do mundo sob a titularidade de AD de origem francesa, para distinguir-se de uma "filha" dissidente, cujo nome é Análise do Discurso de origem britânica.

É bem verdade que neste dado momento histórico, a linguística, em sua vertente estruturalista, postulava várias ideias que conferiram a si mesma o crivo de científica, isto é, de empiricamente provável, o que permitiu a sua expansão. Mas é do seu encontro com a teoria marxista que o projeto da AD entra no curso da sua plenitude, no que concerne, ao estabelecimento de bases teóricas, que encontram fundamento no pensamento de Louis Althusser, de forma bem específica em sua obra *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970/1974). Isto tudo dentro do materialismo histórico, abordagem metodológica de Karl Marx.

Desta forma, aqui se encontra a justificativa da afirmação de que a AD possui um caráter interdisciplinar, embora tão somente ao início deste capítulo, é pertinente destacar que ainda outras ideias teóricas são incorporadas pela AD em seu bojo epistemológico.

Considerando todo esse percurso, Pêcheux e Dubois desenvolveram um pensamento crítico, com bases filosóficas, sobre a linguística. Efetivando este pensamento como uma nova etapa desta área do conhecimento, na qual a língua é entendida não como um fim em si mesma, conforme acreditavam e defendiam os estruturalistas, mas eivada de questões sócio históricas que permeiam o sujeito.

Segundo Mussalin:

É neste contexto que nasce o projeto da AD. Michael Pêcheux, apoiado numa formação filosófica, desenvolve um questionamento crítico sobre a Linguística e, diferentemente de Dubois, não pensa a instituição da AD como um progresso natural permitido pela Linguística, ou seja, não concebe que o estudo do discurso seja uma passagem natural da Lexicologia (estudo das palavras) para uma Análise do Discurso. A instituição da AD, para Pêcheux, exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito (MUSSALIN, 2004, p.117).

Esta compreensão ocasionou a expansão do olhar linguístico ao entorno da produção textual e da comunicação, permitindo a inauguração de um novo momento no estudo da língua, reconhecendo-a como meio pelo qual perpassam uma série de questões ideológicas, e, portanto, culturais.

Com efeito, outra área científica a que a AD recorre é a psicanálise lacaniana, que em palavras bem objetivas, trata-se de uma releitura dos estudos de Freud, no tocante à descoberta do inconsciente. No entanto de suas proposituras, a que mais diretamente interessa à AD diz respeito ao conceito de sujeito, definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem, portanto, já que para Lacan, "a linguagem é condição do inconsciente," de acordo com Mussalin (2004, p. 119). O conceito lacaniano de sujeito é aquele cuja identidade é constituída pelo outro, isto é, há dentro do sujeito um "sistema parental simbólico" nas palavras da autora já nomeada, que irá dotá-lo de sentido e determinará sua relação com o mundo e com os seres.

Jakobson ([1963] 2010) já tratara desta relação da alteridade no processo de comunicação, estes estudos serviram de aporte norteador para Lacan. Sua tese colabora efetivamente com a AD porque esta, por sua vez, relaciona-se diretamente com as ideologias que são reproduzidas por sujeitos, que, segundo Lacan, e já devidamente destacado neste capítulo, é clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem.

Mussalin diz:

calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas de seu dizer, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso (e aqui reconhecemos a propriedade do conceito lacaniano de sujeito para a AD), a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. (MUSSALIN, 2004, p. 122).

Se esta definição de sujeito se constitui de uma etapa muito importante na construção da teoria que estuda o discurso, a relação que se estabelece entre o discurso e as condições de produção, é a especificidade da AD, isto é, ela vai preocupar-se em compreender e até resgatar o que está oculto no discurso, quais as forças capazes de produzi-lo, que condições sociais o permitiram, e justamente por isso, produziram determinado efeito e assumiram determinada forma, e não outros.

A proximidade da AD de origem francesa é especialmente com a história, divergente do que ocorre com a AD de origem britânica, que privilegia o contato com a sociologia; a escolha de ambas está relacionada com os modelos epistemológicos de abordagens, no entanto a que se tem tentando discorrer até aqui é a AD de origem francesa.

No Brasil, os trabalhos da análise do discurso apresentam três tendências, a saber, a primeira não concebia trabalhar o funcionamento interno do texto, a segunda já defendia o inverso, era necessário "ocupar-se do funcionamento interno do texto", e a terceira tendência, e mais atual, concebe o discurso de forma integral e mais ampla possível, abrangendo a sua complexidade, afastando-se de uma dicotomia gerada pelas tendências

anteriores, embora todas estejam preocupadas com o mesmo objeto, que é o discurso. O trabalho em questão se afilia com a Análise do Discurso Francesa.

Ao recordar todo este percurso, é indispensável retomar também as suas fases, que a priori são três, de acordo com avaliação de Pêcheux ([1975] 1999) as quais discorreremos na sequência. A primeira fase que convencionalmente é chamada de AD-1, prima por analisar discursos "estabilizados", considerando ser esta nomenclatura atribuída a Orlandi (2012) que propõe em seu esboço teórico uma tipologia discursiva.

Os discursos "estabilizados" são aqueles que possuem uma rigidez maior e consequentemente uma possibilidade de interpretação reduzida. Para exemplificar, poderíamos citar um compêndio doutrinário da Igreja Católica, ou um discurso político de direita ou de esquerda. Eles podem ser considerados "estabilizados" por serem produzidos a partir de condições mais estáveis e homogêneas, segundo uma ideologia e fatores sociais menos conflitantes.

Quanto aos procedimentos de análise da AD-1, assim nos apresenta Mussalim:

- a) primeiramente selecionam um corpus fechado de sequências discursivas (o corpus analisado por Simone Bonnafous, sobre as moções do congresso de Metz do Partido Socialista, de 1979, é um bom exemplo);
- b) em seguida, faz-se a análise linguística de cada sequência, considerando as construções sintáticas (de que maneira são estabelecidas as relações entre os enunciados) e o léxico (levantamento de vocabulário);
- c) passa-se depois à análise discursiva, que consiste basicamente em construir sítios de identidades a partir da percepção da relação de sinonímia (substituição de uma palavra por outra no contexto) e de paráfrase (sequências substituíveis entre si no contexto);
- d) por fim, procura-se mostrar que tais relações de sinonímia e paráfrase são decorrentes de uma mesma estrutura geradora do processo discursivo (MUSSALIN, 2004, p.130).

Neste procedimento de análise, cabe entender o conceito de "máquina discursiva" que é uma estrutura responsável por produzir um processo discursivo, baseado em uma série de argumentos, que são usados por operadores desta máquina, que são os mesmos construtores do discurso. É pertinente ressalvar que os processos discursivos em suas particularidades são oriundos de uma máquina discursiva. E, dessa forma, os processos discursivos

estão necessariamente atrelados às máquinas discursivas, estas por sua vez são "idênticas a si mesma e fechadas sobre si mesma". Ainda, é importante que se destaque desta fase que ela estava demasiadamente voltada para o sujeito, entendendo que ele é senhor e responsável pelo seu discurso. Segundo Pêcheux:

questiona-se uma concepção idealista de sujeito, que vê o discurso como expressão da subjetividade e o sujeito como "senhor de seu dizer", como se o dizer fosse um mero reflexo do querer dizer. Questiona-se assim "toda a suposição de um sujeito intencional como origem enunciadora de seu discurso" (PÊCHEUX, [1975], 1990).

Mais adiante, Costa define resumidamente esta primeira fase, AD-1:

Tratava-se, portanto, de um procedimento metodológico automático, isto é, que se aplicaria por etapas, com ordem fixa, começo-meio-fim e justaposição contrastada das máquinas discursivas. Com grande influência do método de análise do discurso de Zelig Harris, o objetivo é reduzir a frases de base um conjunto de textos produzidos sob as mesmas condições de produção a fim de relacionar uma dada materialidade discursiva correspondente a uma matriz ideológica com um dado momento histórico (COSTA, 2005, p.1).

Já a segunda fase que é, a exemplo da primeira, nomeada de AD-2, o conceito de "máquina discursiva" começa a sofrer alterações, embora não seja deixado de lado ainda, sofrerá críticas e até mudanças de paradigma, sobretudo com as contribuições de Foucault, acrescentando o conceito de formação discursiva, que ao contrário da "máquina" discursiva não é fechada em si mesmo, isto é, ela sofre interferências de vários elementos exteriores, inclusive de outras formações discursivas.

O objeto de análise nesta segunda fase será as relações entre as "máquinas" discursivas. Quanto ao procedimento de análise:

a AD-2 apresenta muito poucas inovações; o deslocamento efetivo que se dá com relação à AD-1 diz respeito sobretudo ao objeto de análise: discurso menos "estabilizados", por serem produzidos a partir de condições de produção menos homogêneas. O "discurso comunista dirigido aos cristãos", corpus de análise de Courtine (1981) é um bom exemplo (MUSSALIN, 2004, p.139).

Algo que fica bastante evidente ainda desta segunda fase é que ela está voltada para o exterior, e neste sentido, voltada para o outro, para quem o discurso era dirigido, de que forma era dirigido e com que intencionalidade.

Na terceira fase, a Formação Discursiva está dominada pelo interdiscurso. O grande colaborador desta fase é Dominique Maingueneau, que

instituiu o conceito de interdiscurso. Em sua obra *Gênese dos discursos* [1984/2008],

O autor concebe o interdiscurso a partir da consideração do discurso sob duplo ponto de vista de sua gênese e de sua relação com o interdiscurso, o que significa assumir que a identidade de um discurso é indissociável de sua emergência e de sua manutenção através do interdiscurso. Ou seja, o que há, a princípio, é o interdiscurso (um conjunto de formações discursivas em relação), de modo que a identidade de cada FD não está dada a priori, mas se constitui de maneira regulada no interior de um interdiscurso (MUSSALIN, 2004, p.140).

Para Maingueneau ([1984], 2008) o interdiscurso precisa ser entendido sob o trinômio *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*. A primeira é o conjunto de todas as formações discursivas de todos os tipos, integradas entre si; A segunda é o conjunto de formações discursivas que possuem a mesma função social, divergindo apenas quanto ao modo, para uma melhor compreensão, serve de exemplo: campo político, filosófico, literário, etc. E a terceira, espaço discursivo, é um subconjunto das formações discursivas.

Outra importante contribuição foi a de Jacqueline Authier Revuz (1978), ao abordar o não subjetivismo da discursividade, que, para fundamentar sua postulação, faz uso tanto da psicanálise de Lacan, quanto dos estudos do filólogo e historiador Bakhtin. Pêcheux [1975] (1990) diz sobre as mudanças mais radicais da AD-3:

(...) O procedimento da AD por etapas, com ordem fixa, explode definitivamente(...) através da desestabilização das garantias sócio históricas que se supunha assegurar a priori a pertinência teórica e de procedimentos de uma construção empírica do corpus refletindo essas garantias;... através de uma interação cumulativa conjugando a alternância de momentos de análise linguística (colocando notadamente em jogo um analisador sintático de superfície) e momentos de análise discursiva (algoritmos paradigmáticos "verticais" e sintagmático/sequenciais horizontais) ... (PÊCHEUX, [1975], 1990, ano).

Esta terceira fase é marcada por uma análise bem mais consistente e cujo olhar linguístico absorve a situação contextual das formações discursivas, e desta forma, o texto é encarado como uma série de fatores que o influenciaram. Costa diz:

Podemos asseverar que, nessa época, a AD ganha consistência metodológica ao se libertar progressivamente do neopositivismo e assumir uma postura mais dialética diante de seu objeto de estudo.

Assim, por exemplo, ao contrário de um procedimento empirista que trabalharia um corpus higienizando sua dispersão e heterogeneidade, através do controle de variáveis ou qualquer tipo de técnica que vise evitar a "contaminação" seja da subjetividade do analista, seja de seus pressupostos teóricos, a AD assume que sua análise é uma leitura inevitavelmente marcada por graus de subjetividade e irá recolher corpora coerentes com os objetivos e interesses do analista. (COSTA, 2005, p.11).

Enfim, é necessário que se atente que a AD-3 está eivada de alteridade, seja pela compreensão psicanalítica de Authier-Revuz (1978), seja pela contribuição de Maingueneau (1984, 2008) que se voltou mais conservadoramente para os fundamentos originais da AD francesa.

Ao final de 1970, Pêcheux reflete sobre a noção de interdiscurso, mas mantém a noção de sujeito discursivo como efeito do assujeitamento à formação discursiva com a qual se identifica. A última época da AD, conhecida como AD3, ocorre quando começam a surgir várias interrogações sobre a questão do sujeito do discurso, do espaço da memória, e da própria Análise do Discurso PÊCHEUX, [1975], 1990).

Nessa última fase, iniciada a partir de 1975 e que chega à mudança decisiva na década de 1980, as ideias de Foucault surgem fortemente nos debates da AD e, segundo Maldidier (2003), levam Pêcheux a considerar a singularidade do acontecimento discursivo. Assim, os trabalhos passam a considerar a heterogeneidade tanto como categoria conceitual quanto em relação ao corpus: "tomando a formação discursiva no interior da heterogeneidade, ela deixa de referir-se a um exterior ideológico e passa a ser buscada na dispersão dos lugares enunciativos do sujeito" (GREGOLIN, 2004, p. 155)

Considerando todo o trabalho desenvolvido pela AD, Costa (2005) sugere a quarta fase, que, seguindo a regra, chamaremos de AD-4. Esta postulação tem relação com a tendência vigente que os estudos têm tomado, e justifica-se pela constatação feita através dos estudos que sucederam.

A proposta que Costa (2005) faz desta 4ª fase da AD foi publicada em artigo científico cujo título é "O primado da prática: uma quarta época para a análise do discurso". As bases teóricas desta fase advêm do materialismo histórico e dialético e do círculo dialógico bakthiniano, partindo especialmente

dos questionamentos de Pêcheux, legado deixado para os estudos posteriores de AD.

A quarta fase, diferentemente das demais, concebe *o assujeitamento relativizado do sujeito*, isto é, para o autor, a depender do grau da relação de pertença do sujeito a sua formação discursiva, ele poderá assumir outras posturas ideológicas, que são enunciadas de lugares e ideias diferentes além da que lhe é basilar. Desta forma, para Peixoto, (2014, p.17), o sujeito assujeitado é aquele "cuja voz que fala é a do lugar, da ideia compartilhada por essa posição, e não de um sujeito que falaria "de lugar nenhum" e, assim, poderia revelar sua subjetividade.".

Com efeito, o discurso é entendido como uma prática social e como uma forma de intervenção no mundo, por isso o sujeito pode de alguma forma assumir a postura transformadora do meio no qual está inserido, e logo, também estará continuamente com o seu discurso em construção.

Ainda é eficaz entender que a AD-4 volta-se essencialmente ao modo como o discurso é produzido, além de usar, as categorias de análises propostas, deve tentar também compreender como os mecanismos do discurso são utilizados para que atinjam seus objetivos. Desta compreensão, depreende-se a primazia da prática, isto é como o discurso se constitui na sua própria prática.

Segundo Costa (2005) esta fase da AD-4 desvencilha-se da titularidade de AD Francesa, como ficou conhecida, pois seus estudos e pesquisas científicas já percorreram todo o mundo, e na mesma dimensão, uma copiosa produção e de várias nacionalidades, fizeram da AD uma teoria internacional.

As categorias ao longo de todas as fases foram sendo aprimoradas e, assim acrescidas de rigor metodológico, isto fez com que as mesmas evoluíssem, e em alguns casos até mudassem de paradigma.

Vale salientar que os estudiosos da AD não consideram viável esta AD-4, uma vez que ela contempla autores, como Bakhtin, que compreendem o sujeito de forma diferente da Psicanálise e do Materialismo Histórico, não entendendo o sujeito do inconsciente e ideologia conforme proposto pela AD.

2.5 Análise do discurso: resgate histórico

Nesta parte do trabalho, partimos de uma revisão bibliográfica de alguns livros basilares da Análise do discurso de linha Francesa, alguns conceitos que foram utilizados nesta pesquisa. No primeiro momento, fizemos um resgate da história da AD.

O estudo da língua sob a perspectiva discursiva está bastante difundido e a AD, sendo uma dessas tendências, ficou conhecida como Escola Francesa de Análise do Discurso, como já foi discutido anteriormente. Para sua criação na década de 60-70, Pêcheux ([1975], 2010) realizou rupturas com as pesquisas estruturalistas que viam a língua apenas como um veículo para a comunicação, limitada em si mesma, e buscou analisá-la a partir de aspectos que vão além do ato comunicativo, ou seja, aprofunda-se nos aspectos extralinguísticos do discurso, a fim de chegar à construção de sentidos no contexto social, histórico e ideológico, no qual um determinado enunciado está inserido.

No Brasil, os primeiros estudos sobre o discurso foram realizados por Eni Orlandi (2002), que se empenhou para interpretar Pêcheux, abrindo perspectivas para a compreensão do discurso e das relações pedagógicas como, por exemplo, do discurso autoritário, da tipologia discursiva.

De acordo com Orlandi (2009a), na AD, a linguística é constituída da não transparência da linguagem, mostrando que a relação linguagem/pensamento/mundo não é uma relação direta, deriva a partir do materialismo histórico, isto é, a língua conjugada como a história produz sentidos. Dessa forma, podemos compreender a língua e um sujeito afetado pela história, temos a contribuição da psicanálise, que encara o sujeito como um ser simbólico, pois é afetado pela real da língua e pela história, não tendo o controle de como elas os afetam. Dessa maneira, o homem funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Dessa forma, podemos dizer que a AD articula o conhecimento das ciências sociais e da Linguística, criando assim uma teoria da interpretação, na qual o político e o simbólico se confrontam. Segundo essa teoria, a língua é a materialização do discurso e o discurso é a materialização da ideologia e o

trabalho da ideologia é justamente tornar evidente um sentido, configurando-se como se fosse o único possível dando a impressão da literalidade da linguagem, trazendo uma acepção da língua transparente. A noção de transparência é desfeita pela AD e introduzido o conceito de efeito e o sentido passa a ser visto enquanto efeito e não algo constitutivo da língua. Nesse caso, a língua é a materialidade desse funcionamento discursivo e ideológico. Logo, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre a língua e a ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para sujeitos (ORLANDI, 2009a).

A linguística constitui-se para AD, pela afirmação da não transparência da linguagem passando a não considerar o sentido apenas como conteúdo, a partir de então passa-se a buscar não o que o texto quer dizer, mas como um texto funciona. A leitura aparece não mais como simples decodificação mas como construção de um dispositivo teórico (ORLANDI, 2012).

A noção de "dispositivo" tem, para mim, um sentido preciso que leva em conta a materialidade da linguagem, isto é, sua não-transparência e coloca a necessidade de construir um artefato para ter acesso a ela, para trabalhar sua espessura semântica – linguística e histórica- em uma palavra, discursividade. Reconhece-se a impossibilidade de se ter acesso a um sentido escondido em algum lugar atrás do texto. A questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação (ORLANDI, p.21, 2012b)

A AD, a que estamos filiadas, constitui-se, desse modo, como uma disciplina de entremeio¹ (ORLANDI, 1999) que, ao eleger o discurso como o seu objeto teórico, alicerça-se no espaço fronteiriço entre esses campos do saber, problematizando os seus limites, questionando certezas. Daí, conforme Orlandi ([1987]; 2011), surge a noção da AD ser considerada uma desdisciplina, já que é articulada nessas três regiões do conhecimento científico.

A psicanálise é convocada, através da concepção de sujeito elaborada por Lacan, cabendo a essa concepção a tarefa de articular as três regiões supracitadas. A concepção de linguagem que norteia a AD é a da psicanálise, em que o sujeito não é consciente e não tem controle sobre o que diz. O sujeito

¹- Expressão utilizada por Orlandi (2005, p. 76), que retoma aquilo dito por Pêcheux e nomeia a AD como uma disciplina de "entremeio". O termo, bem aplicado, remete a espaços ocupados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias.

é clivado, assujeitado, desejante. Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser².

O sujeito é visto como assujeitado e marcado pela ideologia; o sujeito é um efeito, não uma causa. Esta é a noção de sujeito da AD com a qual trabalhamos nesta pesquisa.

Nesse sentido, para Lacan, a importância da linguagem, não apenas na constituição da clivagem do Eu, mas do próprio inconsciente, permite considerar o sujeito fundado a partir do significante. É através dessa categoria tributária originalmente da linguística, que se faz possível a significação: "toda significação se engendra no significante — tal é a 'paternidade' mesma da significação. Se uma palavra funciona por outra, é porque o próprio sujeito está implicado na metáfora" (KAUFMANN, 1996, p.333).

Assim, como afirma Elia (2004, p. 127):

O sujeito, para a Psicanálise, é constituído a partir do encontro do corpo vivo com o mundo dos significantes (Outro da linguagem), o que interdita qualquer apreensão de seu advento em termos psicológicos [...] O sujeito não é inato, não vem ao mundo junto, dentro ou acoplado ao ex-feto, recém nascido. O sujeito tem sua história não no período de gestação (que concerne unicamente ao indivíduo psicofísico que vem a nascer), mas muito antes, num eixo simbólico que pode atravessar várias gerações que o precedem, num conjunto de traços que lhes são transmitidos a posteriori, quando da sua constituição se dá, em necessária articulação com o corpo [...].

Levar em conta essa concepção de sujeito ao trabalhar com a linguagem implica, como assinala Orlandi (1998, p.06), que o "sujeito não é acrescentado ao ato linguístico, mas intrínseco, ele se encontra no interior da enunciação", evidenciando a opacidade e heterogeneidade da linguagem (DE LEMOS, 2009).

_

² Althusser (1991) afirma que a noção de sujeito da Psicanálise importa muito, porque é só neste sujeito que se pode dar o assujeitamento ideológico. A concepção de sujeito também se modifica na medida em que vigora a ideia de *sujeito-função* de Foucault (1966), em que o sujeito cumpriria diferentes funções na ordem discursiva.

2.6 Conceitos básicos que compõem o dispositivo de análise do discurso

Ao iniciar a reflexão dos pressupostos teóricos que sustentam a teoria de Análise do Discurso de linha francesa, conceitua-se "discurso" para AD, como palavra em movimento, prática de linguagem. Orlandi (2000), define a palavra "discurso," que sustenta a ideia de curso/percurso/ palavras em movimento. Para Pêcheux, fundador desta teoria, na França, discurso é efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, [1983] 2008). O discurso, constituído pela linguagem é o mediador entre o homem e o mundo. Desta forma, a língua não é tratada sob a ótica do código, mas na possibilidade múltipla de significar, nos diversos sentidos que assume, de acordo com as situações vividas pelo homem na sua realidade.

Ainda para Pêcheux (1983], 2008), a noção de discurso implica, nesse processo, considerar as condições histórico-sociais de produção que envolvem o discurso. Como o discurso encontra-se nessa exterioridade, o analista precisa romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso dirigir-se a outros espaços para descortinar, o que está entre a língua e a fala, para compreender o discurso, objeto a ser focalizado na análise.

Esse é o ponto crucial desta pesquisa, o discurso dos sujeitos afásicos à luz da AD, que não se focaliza na mensagem, que pressupõe um movimento linear do emissor em relação ao receptor, o interesse se localiza no discurso, como processo de significação dado seu estatuto de teoria que trabalha as relações entre língua e sujeito.

A língua, sob a ótica teórica da AD, é incompleta e heterogênea porque é afetada pela história, estando sempre propícia aos deslizes, aos múltiplos sentidos, à ambiguidade. A língua é entendida como forma material de chegar ao sujeito, pois é através da linguagem que o sujeito mostra a incompletude do seu inconsciente e é através da língua também que esse sujeito procura preencher as lacunas próprias da sua constituição (ORLANDI, 2000).

Segundo Fernandes (2005), o sujeito da AD não é fonte de seu dizer, encontra-se atravessado por várias vozes, manifestando-se no seu discurso. O sujeito é constituído da interação social com outras vozes, constituído por uma heterogeneidade de discursos. Para AD, o discurso sempre é heterogêneo e, quando se fala em heterogeneidade, refere-se a discursos outros que interpelam e constituem o sujeito. Constata-se que o sujeito tem um caráter interdiscursivo, pois apresenta diferentes discursos, vindos de diferentes lugares. Isto constitui o sujeito discursivo que produz sentido no jogo das formações discursivas.

Na concepção da AD, todo discurso tem sujeito e todo sujeito tem ideologia, tomando por Formação Ideológica (FI) ou *ideologia* "o efeito da relação do sujeito com a língua e história para que se signifique" (*op.cit.*, p. 48). Orlandi (1994) aponta para um deslocamento do conceito sociológico de ideologia para o conceito discursivo do termo. A autora afirma, então, que a ideologia: [...] não se apresenta como ocultação (ou dissimulação), mas como transposição (simulação) de sentidos em outros, pela relação necessária com o imaginário, que atravessa a relação linguagem/mundo, determinado pela história num dado estado da formação social. Ou, dito de outra forma, trata-se do necessário apagamento, para o sujeito, de seu movimento de interpretação, na sua ilusão de *dar* sentido: a produção do efeito de *evidência* (*op.cit.*, p. 296).

A ideologia é inconsciente e materializada no discurso. Portanto, o discurso apresenta uma natureza quadridimensional. É o lugar de confronto entre língua e ideologia. Ele sempre remete à Formação Discursiva (FD) e esta, à Formação Ideológica (FI), e é por essa via que a linguagem adquire/produz sentido. É também por essa via que o discurso guarda relações com as instituições em que é produzido (SUASSUNA, 2004).

Dessa maneira, ao posicionar-se em relação aos dizeres anteriores, mais especificamente sobre o discurso, Ferreira (2015, p.47), também afirma que "todo discurso é resultado de um complexo jogo ideológico onde entram em cena suas condições de produção".

Para Pêcheux ([1975], 2010), os sentidos circulam entre os interlocutores. Entre o intervalo de um sujeito para o outro está o espaço discursivo de ambos, de "todos" os discursos que circulam ali. Através do

funcionamento discursivo, percebemos a constituição dos sentidos. Estes, por sua vez, instauram-se nas grandes formações sócio históricas que determinam as formações ideológicas em que os discursos estão inscritos. É importante ressaltar que o funcionamento não é unicamente linguístico, já que as condições de produção (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise.

Pêcheux ([1975], 2010), afirma que as Condições de Produção (CP) compreendem os sujeitos e a situação social. Para o autor, as palavras têm sentido, em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem. As condições de produção implicam no que é material (a língua sujeita a equivoco e a historicidade), no que é institucional (a formação social, em sua ordem) e no mecanismo imaginário.

As Condições de Produção (CP) são formações imaginárias, onde se apresentam: a **relação de forças** - os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso, **a relação de sentido**- o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros, **a antecipação** - a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa, ou seja, "o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar"(ORLANDI, 2011, p.126-158, grifos nossos). O sujeito falará de uma forma ou de outra, dependendo do "efeito que possa produzir em seu ouvinte" (ORLANDI, 2012, p. 39).

Outro conceito basal da AD é o de Formações Imaginárias (FI), que nesta pesquisa tem um destaque. Focando nos objetivos desta tese, trata do lugar que o sujeito afásico e sua família ocupam, ou seja, a imagem que fazem do lugar que ocupam quando falam. Isso porque, segundo a perspectiva da AD, toda vez que o sujeito do discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo que remete a formações imaginárias.

Segundo Pêcheux ([1975], 2010), o discurso produzido por um sujeito pressupõe um destinatário que se encontra num lugar determinado na estrutura de uma formação social. Tal lugar aparece representado no discurso de formações imaginárias que designam o lugar que o sujeito e o destinatário se

atribuem mutuamente, ou seja, a imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

Para Pêcheux ([1975], 1990), num discurso estão presentes um sujeito A e um sujeito B, que se encontram em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Daí, um discurso não implica necessariamente uma mera troca de informações entre A e B, mas sim um jogo de "efeitos de sentido" entre os participantes. Os sentidos seriam produzidos por um certo imaginário, que é social, e é, por sua vez, resultado das relações de poder e sentido. E a ideologia seria a responsável por produzir o desconhecimento dos sentidos através de processos discursivos observáveis na materialidade linguística.

Toda a prática discursiva trabalha, então, para que o efeito de sentido constituído produza a ilusão de um sentido único. Por isso tem-se a ilusão de que os sujeitos são a fonte do sentido (ilusão /esquecimento nº 1) e de que têm domínio do que dizem (ilusão/esquecimento nº2). Segundo Indursky (1994), essas duas ilusões apontam para a questão da constituição ideológica e psíquica do sujeito do discurso. Desse modo, sua interpelação como sujeito relaciona-se ao imaginário e sua estruturação como sujeito se dá pela relação com o simbólico.

Portanto, no processo discursivo, vemos funcionar uma série de formações imaginárias que designam os lugares "que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro" (Pêcheux, [1975], 1990 p. 82) Segundo Pêcheux ([1975], 1990, p. 83), todo processo discursivo supõe a existência das seguintes formações imaginárias:

| Expressão que designa | Significação da | Questão implícita cuja |
|--------------------------|-------------------------|-------------------------|
| as formações imaginárias | expressão | "resposta" subentende a |
| | | formação imaginária |
| | | correspondente |
| IA(A) | Imagem do lugar de A | Quem sou eu para lhe |
| | para o sujeito colocado | falar assim? |
| | em A | |
| IA(B) | Imagem do lugar de B | Quem é ele para que eu |
| IB(B) | para o sujeito colocado | lhe fale assim? |
| | em A | Quem sou eu para que |
| | Imagem do lugar de B | ele me fale assim? |
| | para o sujeito colocado | |
| | em B | |
| IB(A) | Imagem do lugar de A | Quem é ele para que me |
| | para o sujeito colocado | fale assim? |
| | em B | |

Figura 2 - Formações imaginárias. Fonte: PÊCHEUX, M. ([1975], 1990).

As formações imaginárias não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções no discurso. "São essas projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares dos sujeitos para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição". (ORLANDI, 2012, p. 40).

O que acontece é um jogo de imagens dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na sociedade e dos discursos (falados, imaginados e possíveis). As formações imaginárias resultam de processos discursivos anteriores, e se manifestam no discurso através da antecipação e das relações de força e de sentido.

A relação de força refere-se à constituição do lugar de onde o sujeito fala com seu discurso. Segundo Orlandi, (2001) palavras não significam por si, mas pelas pessoas que falam, ou pelo lugar que ocupam os que as falam, já que

todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, esse se faz da significação.

As relações imaginárias podem ser, portanto, consideradas como a maneira pela qual a posição dos participantes do discurso intervém nas condições de produção do discurso.

Podemos concluir, com Pêcheux, ([1975], 1999) que um processo discursivo supõe, por parte do emissor (A) uma antecipação das representações do receptor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso, o que é dito precede as eventuais respostas de B, que vão sancionar ou não as decisões antecipadas de A. Essas antecipações são, entretanto, sempre atravessadas pelo já ouvido e pelo já dito, que constituem a substância das formações imaginárias.

O mecanismo de antecipação é o fato de que o locutor projeta-se no lugar em que o interlocutor encontra-se, estabelecendo estratégias discursivas, visando aos efeitos que suas palavras pretendem produzir sobre seu receptor e regulando a argumentação na maneira de come é dito no discurso. "Como se trata, por hipótese, de antecipações deve-se observar que esses valores precedem as eventuais respostas de B, vindo sancionar as decisões antecipadoras de A" (PÊCHEUX, [1975], 1999, p. 84). Dessa forma, esses elementos estruturais de condição de produção discursiva (relação de forças, relação de sentidos e antecipação) constituem o processo de significação do discurso.

Para Orlandi (2012) é nessas relações de força, a de sentidos e a antecipação, sob a perspectiva do funcionamento das formações imaginárias, que teremos várias e diversificadas possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história. Assim, a AD nos permite compreender melhor o discurso desvendando a produção de sentidos e o imaginário que condicionam os sujeitos e as discursividades. Pois "os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas" (ORLANDI, 2012, p. 43).

Através do funcionamento das formações imaginárias é possível que o sujeito ajuste seu dizer através desse jogo de imagens.

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não "brota" do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições (ORLANDI, 2009a, p.42).

Dessa forma, é através da AD que se torna possível atravessar esse imaginário que condiciona o sujeito em suas discursividades para entendermos o modo como os sentidos estão produzidos e desta forma que através das formações imaginárias dos sujeitos afásicos sobre o discurso da e sobre a afasia que traremos neste trabalho.

Outro conceito do dispositivo teórico de destaque para esse trabalho, é o de Formação Discursiva (FD) que, segundo Pêcheux ([1999], 2007), é "aquilo, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito." O autor especifica o termo por meio de duas teses:

- [...] as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são "interpelados" em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam "na linguagem" as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, [1999], 2007, p.161).
- 2. [...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como, objetividade material essa que reside no fato de que "algo fala" sempre "antes, em outro lugar e independentemente", isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, [1999], 2007, p.161).

Segundo Orlandi (2009), os sentidos não determinados pelas propriedades da língua dependem da relação constituída nas/pelas formações discursivas, que são formadas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluídas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

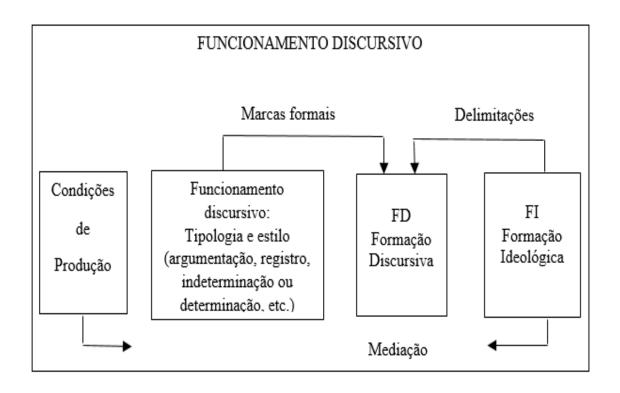


Figura 3: Funcionamento Discursivo. Fonte: ORLANDI (2009b).

A figura 3 demonstra o funcionamento discursivo, onde:

A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção. De outro lado, podemos dizer que o que define a formação discursiva é sua relação com a formação ideológica. Assim, podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico. Podemos fazer o percurso nos dois sentidos: o que vai do ideológico para as marcas formais ou destas para aquele. Isso só é possível, entretanto, mantendo-se os conceitos de *Formação Discursiva* como mediador (ORLANDI, 2009b, p.132.)

Ainda também como constitutivo do discurso, temos o Interdiscurso, que Orlandi chama de Memória Discursiva. Para essa autora, "o Interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação dada" (ORLANDI, 2009 p. 31). Dessa forma, a memória tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E nessa perspectiva ela é tratada como Interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.

Com isso, é possível interpretar a discussão de Orlandi (2009) sobre como o funcionamento discursivo é composto entre o dizer e o não dizer, pois na produção de evidências o esquecimento, o silenciado, também é constitutivo das formações discursivas.

Compreende-se que se parte sempre de outros dizeres, que são (re)significados, uma vez que os sujeitos que estão dentro de uma FD, conferem inconscientemente ao interdiscurso, "conjunto de unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação" uma primazia sobre o seu discurso (AUTHIER-REVUZ, [1978], 2001, p.27), conceitos importantes para o estudo desta pesquisa, juntamente com o de Memória Discursiva, que também é um dos aspectos centrais analisados por Pêcheux (PÊCHEUX, [1975], 2010, p. 52), destacando que:

A memória discursiva seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem estabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, [1975], 2010, p. 52).

Para Pêcheux ([1975], 2010), todo discurso se constitui a partir de uma memória e de um esquecimento do outro. Os sentidos vão se construindo no embate com outros sentidos. Assim, quando não se consegue recuperar a memória que sustenta aquele sentido, tem-se o *nonsense*. Ainda que o falante não tome consciência desse movimento discursivo, ele flui naturalmente.

A memória discursiva, também enfatizada por Pêcheux como interdiscurso, de outro modo, é um saber que possibilita que as palavras façam sentido. Esse saber corresponde a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo "já dito", entretanto continua alinhavando os discursos.

Outra noção importante para AD e que fará parte desta pesquisa é a de silêncio. No seu livro "As formas do Silêncio", Orlandi (2002) afirma que se deve pensar no silêncio como processos de significação, isto é, o discurso. Nessa perspectiva, o silêncio significa. No caso dos sujeitos afásicos desta pesquisa, na maioria das vezes, optam por assumir uma posição de silenciamento diante da fala. O silêncio pode estar vinculado à dimensão de incompletude, em que todo dizer está relacionado ao não dizer. "Pode pensar o silêncio não como falta, ao contrário , pensar a linguagem como excesso" (ORLANDI, 2002, p. 33).

Nesta perspectiva, no silêncio há sentidos, pois ele significa algo a ser dito, através do não dito. Nesse caso, o silêncio da forma como está abordado,

não é vazio e sem sentido. Ele causa efeito no outro, que vê a linguagem significar, sair do vazio e instaurar algo a ser dito (ORLANDI, 2002).

No processo de articulação entre língua e história no processo de formação de sentidos tem-se a historicidade, responsável, de acordo com Orlandi (1994), por compreender como a matéria textual produz sentidos. "São, pois, os meandros do texto, o seu acontecimento como discurso, a sua mise-en-œuvre, como dizem os franceses, ou como podemos dizer, o trabalho dos sentidos nele, que chamamos historicidade" (ORLANDI, 1994, p. 113). O texto, que atua como uma unidade envolta de sentidos, nesta perspectiva, é o objeto linguístico-histórico que se constitui pela historicidade.

Para a AD, forma e conteúdo não se separam, portanto, o estudo na língua não se baseia apenas nela entendida enquanto estrutura, mas, sobretudo, como acontecimento, o qual permitimos compreender o funcionamento do texto e, principalmente, como o mesmo produz sentidos. A união entre estrutura e acontecimento é resultante da forma material, a qual "é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história." (ORLANDI, 2013, p. 19). Herdeira das três áreas do conhecimento referenciadas, a AD define um objeto específico de estudo, a propósito do qual evidencia, ao mesmo tempo, certo deslocamento em relação à triade: trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos.

A análise de discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso. (ORLANDI, 2013, p. 20).

O discurso não faz referência apenas à transmissão de informações. Na verdade, a língua não faz referência a um código nem a separação entre emissor e receptor através da sequência em que um fala e outro decodifica, não obstante, ao invés de pensarmos em mensagem, o proposto pela AD é pensar o discurso. Pensando dessa maneira é perceptível que não trata da transmissão de informações, mas do funcionamento da linguagem, que possibilita a relação entre sujeito e sentido afetados pela língua e pela história,

assim, "o discurso é efeito de sentidos entre locutores" (ORLANDI, 2013, p. 21).

Presente em todas as esferas de comunicação humana, o discurso tem uma natureza específica, a ideologia, a qual se manifesta nos textos e em qualquer objeto simbólico que significa e produz sentidos. Esses objetos simbólicos podem ser uma imagem, música, pintura, textos e outros. Partindo disso, a AD direciona sua atenção para a historicidade do texto, procurando compreender como o mesmo produz sentidos. Trata-se, portanto, de compreendermos que mediante a qualquer objeto simbólico, somos levados a interpretar e entender que a chave para o trabalho com os afásicos e implica a responsabilidade de quem interpreta:

para compreender, o leitor deve se relacionar com os diferentes processos de significação que acontecem no texto. Esses processos, por sua vez, são função da historicidade, ou seja, da história dos sujeitos e do(s) sentido(s) do texto enquanto discurso. (ORLANDI, 1992, p. 56).

A formação discursiva, neste contexto, permite-nos compreender os sentidos presentes no discurso, tendo em vista que as palavras por si só não possuem sentidos, elas se originam de formações discursivas que, por sua vez, concebem nos discursos as formações ideológicas.

À noção de Formação Discursiva (FD), Pêcheux ([1988)] 2010, diz que "corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito" (PÊCHEUX, [1988], 2014 p.160). Já Orlandi (1996) reitera que uma FD é, "o lugar do sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia" (ORLANDI, 1996, p. 21). Ao comungar com os discursos anteriores, Ferreira (2001, p.18) reitera que uma FD é considerada matriz de sentidos e elemento regulador do que ao sujeito é permitido ou não dizer, é a manifestação que aparece no discurso de uma determinada formação ideológica.

Como constitutivo do discurso, o interdiscurso consiste na ressignificação do sujeito sobre o já dito o que remete ao intradiscurso, que é uma imposição da realidade do sujeito, um efeito do interdiscurso sobre si.

Dentro da FD, há o interdiscurso, "o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a ressignificação do sujeito sobre o já dito". Compreende-se que partimos sempre de outros dizeres e os ressignificamos em nossos discursos, uma vez que os sujeitos que estão dentro de uma FD conferem inconscientemente ao interdiscurso, "conjunto de unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação" uma primazia sobre o seu discurso (AUTHIER-REVUZ, 2001, p.27).

Dessa maneira, ao posicionar-se em relação aos dizeres anteriores, mais especificamente sobre o discurso, Ferreira (2015) também afirma que "todo discurso é resultado de um complexo jogo ideológico onde entram em cena suas condições de produção". É por meio do funcionamento discursivo que percebemos a constituição dos sentidos. Estes, por sua vez, instauram-se nas grandes formações sócio históricas que determinam as formações ideológicas em que os discursos estão inscritos. De maneira bastante esquemática, o autor ainda reitera que o discurso é constituído pela língua posta em funcionamento por indivíduos interpelados em sujeitos através da ideologia e produz sentidos inseridos em uma dada conjuntura social. "A produção do discurso acontece por meio da instância da história em sua relação com a língua (gem) onde sabemos que a ideologia se materializa" (FERREIRA, 2015, p.47).

2.7 Funcionamento discursivo e o processo de identificação nas formações discursivas (FD) dos sujeitos

Considerando, conforme Pêcheux ([1983, 2008), que a língua não é completa, mas constitui-se pela falta, pela equivocidade, ela também produz sentidos. Todo enunciado é suscetível de deslocar-se discursivamente de um sentido para outro. Além disso, existe o "que diz" do discurso inconsciente que atravessa o discurso do sujeito.

Quer dizer, o discurso inexiste de forma isolada, ele estabelece relações com outros dizeres no interior de uma FD. Esse sujeito, ao enunciar, é afetado pela ideologia e o inconsciente, logo, inscreve-se, sem que se perceba, em uma determinada FD. Sendo assim, o indivíduo, ao apropriar-se dos saberes,

esquece que ele representa já-ditos, produzidos em outros discursos (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997), que são retomados e se inscrevem no discurso dos mesmos, que ao se apropriarem dele assumem outras dimensões.

Cada sujeito fala a partir de formações discursivas/ideológicas e os efeitos de sentido serão diversos, também relacionados a essas FD/FI. De acordo com Indursky (2013), sempre que o sujeito toma a palavra, mobiliza um funcionamento discursivo, uma atividade estruturante de um discurso, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas. A palavra em destaque, para a autora, não se refere à presença física, nem situação objetiva, mas às formações imaginárias, representações, a posição em que o sujeito ocupa no discurso (ORLANDI, 2013).

Sujeito e FD são noções que estão fortemente imbricadas, quer dizer, é por meio da relação do primeiro com a FD que se chega ao funcionamento do sujeito do discurso. Pode-se afirmar, juntamente com Pêcheux (1988), que os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam "na linguagem" as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Conforme, ainda, o autor, "a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a FD que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito" (PÊCHEUX, [1975], 2010, p.161-163).

Ao posicionar-se, Indursky (2011, p.82) assevera que o indivíduo, ao ser interpelado pela ideologia, se constitui como sujeito, identificando-se com os dizeres da FD que representa, na linguagem, um recorte da formação ideológica. Conforme a autora, a FD pode ser entendida como "o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela formasujeito", e apresenta-se dotada de bastante unicidade, com um domínio discursivo fechado e homogêneo em que o sujeito do discurso, ao tomar posição, identifica-se plenamente com seus semelhantes, reduplicando sua identificação no âmbito da FD. Ainda, segundo a autora, só há espaço para a reduplicação da identidade; por conseguinte, para os mesmos sentidos, onde, neste momento, não há alteridade, diferença e nem a contradição. E a

identificação do sujeito se dá diretamente com a forma-sujeito, responsável pela organização dos saberes que se inscrevem na FD (INDURSKY, 2011).

Pêcheux recorre ao termo "formação discursiva" (FD) proposta inicialmente por Foucault em *A Arqueologia do saber (*[1969] 1990), e o redimensiona chamando de FD "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito" (PÊCHEUX [1975] 1988, p. 160). Segundo o autor (2008), a formação discursiva é o lugar e a constituição do sentido, no qual se vincula a constituição do sujeito.

Em um dos seus estudos, Pêcheux ([1975] 1988) introduz o que chamou de modalidades da tomada de posição, as quais relativizam essa "reduplicação da identificação". Nessa mesma obra, o autor concebe o sujeito como unitário, e a FD como bastante homogênea, no entanto, estas duas concepções são relativizadas. Para Indursky (2011), percebe-se que, por trás deste desejo (pois certamente a unicidade é da ordem do desejo e do imaginário do sujeito), o que se apresenta efetivamente é um sujeito dividido em relação a ele mesmo e esta divisão se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes que estão inscritos na FD em que se inscreve.

Procurando esclarecer. mais detalhadamente. em relação modalidades de tomada de posição, ([1975], 2010), inicialmente, afirma que a primeira superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso coma forma-sujeito da FD que afeta o mesmo, caracterizando o discurso do 'bom sujeito' que reflete espontaneamente o Sujeito. Esse momento nada mais é do que a reduplicação da identificação, e que representam a primeira formulação destas noções, no âmbito do quadro teórico da AD. Já sobre a segunda modalidade, ao contrário, caracteriza o discurso do "mau sujeito", discurso em que o sujeito do discurso, por intermédio de uma "tomada de posição", contrapõe-se à forma-sujeito e aos saberes que ela organiza no interior da FD. Essa modalidade consiste em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta) em relação ao que diz a formasujeito, conduzindo o sujeito do discurso a contra-identificar-se com alguns saberes da FD que o afeta ([1975], 2010),

Entretanto, cabe frisar, de imediato, segundo Indursky (2011), que esta tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contra-identificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, ou seja, o sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à FD. A formulação das modalidades de tomada de posição é contemporânea da introdução da noção de interdiscurso, que determina uma FD, ou seja, "nesse contêm os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD" (INDURSKY, 2011, p.84).

É importante dizer ainda, que as FD e a exterioridade se apoiam no interdiscurso, ou seja, memória do dizer outros discursos já ditos que asseguram e sustentam o dizer, tal situação pode ser analisada em conformidade com um esquema proposto por Orlandi em seus estudos e pesquisas.

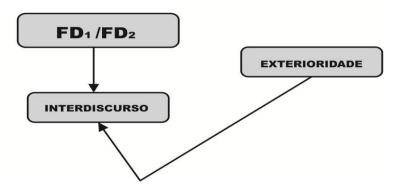


Figura 4 – Esquema que figurativa as FD e a exterioridade se apoiam no interdiscurso nas tramas do dizer. **Fonte:** adaptado pelo pesquisador, a partir dos estudos de Orlandi (1990, p.42).

A estas duas modalidades, a do bom sujeito e a do mau sujeito, o estudioso acrescenta uma terceira, que funciona sob o modo da desidentificação, isto é, de uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, [1975], 2010). Ao comungar com as formulações do teórico, Indursky (2011) reitera que é nesse momento:

[...] que o sujeito rompe com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito. A partir desse momento o sujeito do discurso não apresenta mais nenhuma identificação com o saber da forma-sujeito. Não se trata mais de uma desidentificação parcial. Trata-se agora, de uma desidentificação completa. O que ocorre é uma ruptura com os saberes de uma FD e a consequente desidentificação com sua forma-sujeito e a subsequente identificação com outra FD e sua respectiva forma-sujeito [...] (INDURSKY, 2011, p.85).

Constata-se que o sujeito, ao estar circunscrito em uma dada FD/FI, consequentemente mostrará a forma-sujeito que está identificado, mas quando "rompe", isto é, contra-identifica-se e passa a ser responsável pela introdução da contradição em seus dizeres, trazendo, por exemplo, a diferença e a divergência, certamente esse sujeito estará identificado à outra FD e também a sua forma-sujeito. "Quando isso ocorre, de fato, antes mesmo de migrar para outra FD, o sujeito, sem o saber, já não mais se identificava com o domínio em que pensava estar escrito" (INDURSKY, 2011, p.86).

Esse conjunto de informações orienta e corrobora para que concordemos com Azevedo (2000, p.146), no sentido de que a Fonoaudiologia necessita fundamentar o seu fazer clínico, partindo de uma teoria linguística que lhe dê suporte. Desta forma, o ponto de partida para o entendimento deste trabalho, é a compreensão que o sentido não é o único e que o sujeito não possui o controle do que diz.

CAPÍTULO 3:

AFASIA: UMA PERTURBAÇÃO DA LINGUAGEM

Segundo Morato (2014), o impacto da afasia na vida do paciente depende da causa do episódio neurológico, do local da lesão e de seu grau de extensão, além das características do sujeito (idade, ocupação, interesses culturais, escolaridade, humor, entre outras). Ainda pode variar de acordo com a maneira com que paciente, familiares e amigos reagem frente a estas alterações. Com a lesão, aspectos da linguagem oral (compreensão e produção) e da linguagem escrita (leitura e produção de textos) podem ser acometidos além de outras competências cognitivas como dificuldade de atenção, percepção e memória (NOVAES-PINTO, 2012).

Ao longo das pesquisas sobre a afasia, outros trabalhos surgiram dando um novo olhar, pesquisas indicam a existência de manifestações linguísticas. Encontramos pesquisadores, como o caso de Coudry (2001) que, ao conceituar Afasia, considera a linguagem como foco principal no estudo da afasia, posicionando-se sob a ótica da Neurolinguística Discursiva.

A afasia se caracteriza por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação (COUDRY, 2001, p. 5).

O objetivo de Coudry (2001) no estudo da afasia consiste em investigar os processos linguísticos alterados e destacar nestes as estratégias específicas que cada sujeito desenvolve frente a estas alterações.

Outra pesquisadora de destaque, nessa visão da afasia, Edwiges Maria Morato (2001), fonoaudióloga, com ênfase também na área de Neurolinguística, afirma que a partir do século XIX teve início o estudo das questões cérebro-linguagem, período chamado de Frenologia. A partir de então, surgiu a Afasiologia, que se desenvolveu através de estudos anátomofisiológicos das alterações da linguagem causada por lesões cerebrais, isto é, o

estudo das afasias. Com o decorrer do tempo, a área foi crescendo e novas perspectivas se delinearam, abrangendo os processos linguísticos e cognitivos, normais ou patológicos que ocorrem no cérebro humano.

Segundo Morato *et al.* (2001), nessa perspectiva da atividade cerebral e funcionamento da linguagem, está a Neurolinguística, que se destaca na semiologia, como ciência geral dos signos, lançada por Ferdinand Saussure, uma semiologia própria das afasias, que corresponde ao estudo dos traços da linguagem afásica, isto é, dos traços que são significativos. Esses traços podem estar presentes em pessoas não afásicas, porém nos afásicos ocorrem com maior frequência e gravidade. São descritos como sintomas específicos das afasias: as parafasias (semânticas e fonêmicas), associação semântica (garfo em lugar de faca), agramatismo (perda de categorias), entre outros. Para essa autora, o conteúdo semântico cultural individual e, até quem sabe, a falta de vivência diária comunicativa (como nos idosos) são fatores que podem ser representativos na dificuldade afásica.

Roman Jakobson foi um dos primeiros linguistas a estudar o fenômeno afásico. Nos seus dizeres "compreender a natureza e a estrutura do modo particular de comunicação que parou de funcionar" (JAKOBSON, 2010), deve estar em primeiro lugar no estudo das dificuldades de linguagem. Ele toma como base, em seu trabalho a descrição neuropsicológica dos fenômenos afásicos feitos por Luria (1981). Jakobson discute a noção de comunicação, como fundamental, ao explicitar a sua visão sobre a relação linguagem e contexto social (JAKOBSON, [1963], 2010).

Na conferência sobre fala, linguagem e comunicação na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, em 1963, onde oralmente apresenta seu trabalho intitulado "Tipos linguísticos da afasia", o autor enfatiza que a linguística não via os distúrbios de linguagem como algo a ser trabalhado em sua área. Na atualidade, é fundamental que a linguística se encarregue de analisar a afasia (JAKOBSON, [1963], 2010). Como diz Jakobson:

A participação de linguistas em tal pesquisa mostra-se importante para o estudo da afasia, por um lado, e para a linguística em geral, por outro, porque obviamente existe uma íntima inter-relação entre problemas de linguagem normal em funcionamento, linguagem em construção, por exemplo, aquisição de linguagem pelas crianças, e a

desintegração da linguagem, exemplificada pelos vários tipos de distúrbios afásicos (JAKOBSON, [1963], 2010, p. 307).

Ainda nas palavras de Jakobson ([1963], 2010):

se a afasia afeta nossa linguagem única ou primordialmente, é a ciência da linguagem que deve oferecer a primeira tentativa de resposta conforme o tipo de afasia encontrado em qualquer que seja o caso (JAKOBSON,1963, p. 308).[....] se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem (JAKOBSON, [1963], 2010, p.42).

Para esse autor, as funções linguísticas ficam desorganizadas ou severamente limitadas, de acordo com o nível de lesão do sistema nervoso central e, consequentemente, restringem as interações sociais e familiares (JAKOBSON, [1963], 2010). É importante relatar que a afasia ocasiona uma limitação muito importante, abrangendo o plano pessoal, social ou econômico.

Os sintomas afásicos apresentam-se variados a depender das áreas cerebrais afetadas pelas lesões, da extensão da lesão, do tempo do episódio neurológico, das práticas sociais dos sujeitos, dentre outros. Desta forma, os prejuízos linguísticos podem ser variados e possuem graus de severidade diferenciados, de leve à grave (ARDILA, 2006).

Com diferentes sintomas e locais da lesão, as afasias têm sido classificadas ao longo do tempo por diversos estudiosos sem, contudo, chegarem a um consenso. Dito de outro modo, as classificações das afasias são motivo de muitas discussões. Comumente advindas de áreas médicas e baseadas nos estudos do século XIX, refletem diferentes correntes teóricas sobre a linguagem e o cérebro. Todavia, é consenso que não existe uma classificação satisfatória ou correta das afasias, uma vez que ainda não dão conta da complexidade dos sinais e sintomas observados (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009) e além desses fatores, acredita-se que aspectos socioculturais, psicológicos, bem como idade, hábitos de vida e letramento podem influenciar também nos sintomas apresentados após a lesão (MACEDO, 2010).

Nesse sentido, Jakobson ([1963], 2010) inaugura participação da linguística nos estudos das afasias. Ele apresenta uma classificação estabelecida em relação a dois "eixos" de organização da linguagem: o paradigmático e o sintagmático. No eixo paradigmático, conhecido também como eixo metafórico, está relacionado à seleção das unidades, dentre uma gama de elementos. Neste eixo as dificuldades estariam relacionadas na seleção das unidades, como por exemplo encontrar as palavras a serem ditas. O segundo eixo proposto pelo autor, o sintagmático (ou metonímico) se refere ao contexto de combinação dos elementos previamente selecionados e estaria relacionado a dificuldades de combinações dos elementos. Esses dois eixos organizam simultaneamente os processos de seleção e combinação na produção da linguagem. São interdependentes, pois para que ocorra a combinação é necessário selecionar e, da mesma forma, toda seleção está subordinada ao contexto da combinação das unidades, que ocorre em todos os níveis linguísticos (JAKOBSON, [1963], 2010).

Jakobson ([1963], 2010) afirma que o estudo das afasias tem que priorizar o conhecimento dos aspectos da linguagem, que estão comprometidos nessa desordem e compreender a natureza e a estrutura singular do processo comunicativo interrompido.

Consideramos, então, а linguística, efetivamente, como contribuição importante para o estudo das afasias, posto que, dentre os fenômenos afásicos, a desintegração do sistema fônico e gramatical diz respeito ao campo da linguística. "A linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos, pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução e pela linguagem em dissolução" (JAKOBSON, [1963], 2010, p. 34). Nesta perspectiva, se apoderar dos eixos de composição da linguagem (Seleção/Combinação), torna-se essencial, para uma compreensão linguística da Afasia.

Os distúrbios de linguagem alteram a capacidade do sujeito em realizar as operações de seleção e combinação, o que pode ser considerado de suma importância na descrição diagnóstica da afasia (JAKOBSON, [1963], 2010). Logo se percebe que o sujeito afásico sofre uma modificação nessa capacidade, interferindo em suas atividades globais. Desta forma, o linguista

evidencia outro modelo na análise e classificação das afasias (JAKOBSON, [1963], 2010).

Jakobson, no seu artigo "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de Afasia" retrata a afasia com uma nova perspectiva partindo do funcionamento da linguagem. Para esse autor, a afasia é uma perturbação da linguagem. Nesta perspectiva de funcionamento da linguagem, a afasia é vista como, acima de tudo, uma disfunção da linguagem, na qual nenhum diagnóstico pode ser feito sem um competente exame linguístico (JAKOBSON, [1963], 2010).

Ainda neste mesmo artigo "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de Afasia", o autor refere-se ao trabalho de Goldstein, ao definir o afásico do tipo 1 como portador da incapacidade de seleção e substituição. Os afásicos podem apresentar perturbações que envolvem outros aspectos relacionados à seleção e substituição como a similaridade, causando diferentes sintomas. O afásico tipo 2, como portador da incapacidade de contiguidade, impossibilitando de fazer combinações de unidades linguísticas, torna-se incapaz de produzir um discurso, ao menos coerente.

Nesse sentido, observa-se que a afasia é o resultado de alteração na capacidade de seleção e substituição, o que deteriora as operações metalinguísticas; ou a capacidade de combinação e contexto, que impossibilita a preservação da hierarquia das unidades linguísticas para o discurso. No sujeito afásico, está comprometida a sua capacidade de usar metáforas (similaridades) e ou metonímias (contiguidade) afetando o desenvolvimento do seu discurso por estas duas vertentes semânticas (JAKOBSON, [1963], 2010).

Tendo em vista a fala do sujeito, nesta pesquisa, a Aquisição de Linguagem, de base psicanalítica, concebe esta aquisição como um processo de subjetivação (DE LEMOS, 2002) em que a língua a fala do outro e o sujeito que emerge dessas relações estão intrinsecamente ligados.

De Lemos (2002) parte para a análise dos processos dialógicos, da relação entre a fala da mãe na fala da criança, para refletir sobre o papel da linguagem, do outro /investigador desse Outro como matriz de significação. A ela, interessa o estudo da aquisição de falantes naturais. E quando esses falantes apresentam problemas no seu percurso linguístico, como no caso dos

sujeitos afásicos? Pesquisadores como Fonseca, Lier-DeVitto, Vorcaro seguem a teoria de De Lemos, com um olhar para a linguagem nas afasias. É nesse sentido, que também se pode afirmar que o linguístico abre espaços de subjetivação: espaços de dizer e implicar-se nesse dizer em que a palavra está em cena, no momento em que o afásico e/ ou seus familiares falam e são interpretados. Esses dizeres já se oferecem como material para a relação sujeito/linguagem (FONSECA, 1995). Desta forma, o investigar se confunde com o interpretar e os dados linguísticos deverão ser contemplados à luz de uma teoria de funcionamento linguístico-discursivo para que assim, o sintoma possa se revestir de sentido ("de um sentido inédito"), de acordo com Arantes (1994).

Na perspectiva teórica da linguística como foco no trabalho da afasia, surgem autores como Lier-DeVitto; Arantes (2006), que descrevem a importância da existência do diálogo com o sujeito afásico, acreditando que, nas clínicas de linguagem, não se deve ignorar as queixas daquele sujeito pelo fato de apresentar um déficit linguístico. Pelo contrário, a palavra queixa deve estar em primeiro lugar sob o olhar profissional, ajudando, dessa forma, o cliente a expor suas angústias, para superar suas dificuldades.

A grande preocupação do fonoaudiólogo é com a linguagem. Isso fica evidente nas palavras da linguista/psicanalista Lier-DeVitto (1995, p. 166) que afirma "o fonoaudiólogo deve avaliar o que acontece com a fala do seu paciente. Quer dizer, é compulsório não desviar o olhar da linguagem. Por esta razão, a fonoaudiologia não pode evitar um encontro com a linguística". Lier-DeVitto (2006, p. 184) fala de uma clínica de linguagem como um espaço instituído pela presença de um sujeito que tem uma queixa sobre sua fala (e sobre sua condição de falante) e que dirige uma demanda a um outro, que é por isso, investido da capacidade de produzir mudanças.

Concordamos com Azevedo (2001; 2006; 2013; 2015, 2018), ao afirmar que a Fonoaudiologia necessita fundamentar o seu fazer clínico, partindo de uma teoria linguística que lhe dê suporte. É vivenciando situações significativas de linguagem escrita oral que o sujeito vai, aos poucos, reorganiza novamente a sua linguagem.

Apoiando-se em uma concepção sócio-histórico-cultural, tanto do cérebro como da linguagem, influenciada por áreas da linguística como a análise dialógica do discurso, a pragmática, a semântica enunciativa e a aquisição da linguagem (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2009), prioriza-se, na terapia fonoaudiológica, significar as práticas de cada sujeito. A partir dessas questões, considera-se suas práticas sociais, de letramento e de oralidade como pontos primordiais (SANTANA; BERBERIAN; MARTINS, 2012). Neste contexto, os sentidos são construídos entre os interlocutores através da interação, na qual os sujeitos dizem muito sobre si, seus sentimentos e percepções em relação à sua vida.

Para Fonseca (1995), é na entrevista que o afásico "é chamado a falar" com as condições de fala que tem. Assume-se, assim, que a "entrada" na clínica de linguagem deve implicar o sujeito e (em) seu sofrimento. Sendo assim, os sintomas da linguagem do afásico, não permitem prescindir a clínica, levando em conta sua singularidade. Deve-se lembrar de que ao convocar os pacientes para entrevistas, não se exclui considerações caso a caso, sem perder de vista que o compromisso da clínica de linguagem é com o afásico e sua fala.

Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre sua marca do sujeito como efeito de linguagem. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpretação, o sujeito se configura como assujeitado, assim, por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por erupções pontuais, esse sujeito se mostra como desejante (FERREIRA, 2005, p. 37).

É através desse olhar das pesquisas que leva em consideração a figura do sujeito que fizemos considerações sobre o objeto de estudo: o discurso do sujeito afásico e de seus familiares da/ sobre afasia.

CAPÍTULO 4:

PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem como foco explicar como os dados foram selecionados e analisados na pesquisa realizada. Para entender melhor a escolha feita, apresentamos primeiro o tipo de pesquisa, a seleção dos sujeitos e seus familiares e, em seguida, como os dados foram construídos e de que forma foram organizados para a análise segundo a Teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa, tal como fundamentada por Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Orlandi e seguidores.

4.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo-interpretativista. Nesta perspectiva, conforme Silva e Menezes (2001) estabelece-se uma relação entre o mundo e o(s) sujeito(s) da pesquisa, não sendo possível reduzi-la a números. Busca-se, portanto, interpretar os fenômenos e atribuir significados a eles.

A Análise do Discurso é um campo de pesquisa que não possui uma metodologia pronta, ao mesmo tempo em que é teoria e procedimento metodológico. Isto significa que, a partir dos elementos constitutivos do arcabouço teórico que foram utilizadas nas análises, o analista do discurso estará ao mesmo tempo alcançando os dispositivos metodológicos, o objeto e as perspectivas da pesquisa que vão impondo a teoria, pois em AD, teoria e metodologia são inseparáveis.

Em consonância com o já dito, compreende-se, a partir dos construtos teóricos de Pêcheux ([1999] 2007), que, pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa (AD), o espaço do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. É também em relação à interpretação que se pode considerar o interdiscurso (o exterior) como a alteridade discursiva (ORLANDI, 2012). Considerando a mobilização de concepções, tais como: formações imaginárias dos sujeitos afásicos e seus familiares, efeitos de memória, da

história e ideologia, analisamos segmentos discursivos, que serão apresentados mais adiante. Da mesma forma, a partir da análise, observaramse os efeitos de sentido produzidos pela materialidade linguística.

Em AD, a metodologia de análise não consiste em uma leitura horizontal, mas em uma leitura com profundidade, que é possibilitada pelo batimento descrição-interpretação, em que se verifica, por exemplo, posições sujeito assumidas, imagens e lugares construídos a partir de regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades. Dessa forma, a AD possui, como epistemologia, a filosofia interpretativista, ao centralizar no trabalho do analista a interpretação (e com a descrição do objeto *discurso*). O analista considera a língua como fato social e também significa o que é social, ligando a língua e a exterioridade, à língua, à ideologia e ao inconsciente.

No próximo tópico, será explicitada a seleção dos sujeitos da pesquisa. Justifica-se que os cinco (05) sujeitos-participantes da pesquisa, tendo em vista os objetivos traçados para a tese, foram selecionados e convocados mediante contato prévio, atendendo aos critérios evidenciados a seguir. Destacando que apenas os sujeitos que apresentarem continuidade no que se refere a presenças no grupo de convivência, permitira uma discussão longitudinal por parte dessa pesquisa.

4.2 Análise do Discurso como procedimento analítico

Ao escrever *Princípios e procedimentos*, Orlandi (2012) esclarece que, enquanto instrumento teórico-metodológico, a AD permite analisar as tramas do dizer, ressignificando o discurso, a partir de novas condições de produção das práticas pedagógicas: descentrando as normas e trabalhando os modos de produção, negociação e instituição ou exclusão dos sentidos, garantindo, no interior da luta de classes, espaço para a circulação de sentidos outros.

A estudiosa faz menção sobre o papel do analista acerca do dispositivo e salienta que o dispositivo, a escuta discursiva, deve explicar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória. Ao unirse com os dizeres da autora, Indursky (2011) interdiscursa reiterando que

compete ao analista traçar os tênues contornos da Formação Discursiva (FD) com a qual o sujeito do discurso em análise se identifica para, somente então e, a partir daí, fazer suas análises.

Nessa empreitada, ainda, de acordo com Orlandi (2012), descrição e interpretação se interrelacionam. E é também tarefa do analista distingui-las em seu propósito de compreensão.

Pode-se dizer que a interpretação aparece em dois momentos da análise:

- 1. Em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise;
- 2. Em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação.

Por isso, é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que intervenha na relação com os objetos simbólicos analisados, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento, "vai permitir que trabalhemos no entremeio da descrição com a interpretação, podendo-se então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação". Para que, no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, não reflitamos apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas no sentido do pensar, e logo, contemplarmos (ORLANDI, 2012, p.70).

Um dos primeiros pontos a considerar, se pensarmos a análise, é a constituição do *corpus* (ORLANDI, 1998). Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender a essa questão é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da AD, face aos objetivos da análise, e que permitem chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visam à demonstração, mas mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos.

Por isso, no procedimento de análise:

Devemos procurar remeter os textos ao discurso e esclarecer as relações deste com as formações discursivas pensando, por sua vez, as relações destas com a ideologia. Este é o percurso que constitui as diferentes etapas com da análise, passando-se da superfície linguística ao processo discursivo. Correspondentemente, passamos pela análise dos esquecimentos e chegamos mais perto do real dos sentidos na observação das posições dos sujeitos (ORLANDI, 2012, p.71).

Assim, é importante frisar que os textos precisam ser remetidos aos discursos, uma vez que ao atrelarmos um ao outro poderemos perceber as FD plenamente arraigadas as Formações Ideológicas (FI). E tal análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí "a necessidade de que a teoria intervenha a todo o momento para "reger" a relação daquele que analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação" (ORLANDI, 2012, p.66).

Podemos então concluir que a AD não está interessada no texto em si como objeto final da sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso. Aquele que analisa tem de compreender como ele (o texto) produz sentidos, o que implica saber tanto em como ele pode ser lido, quanto como os sentidos estão nele.

Deve-se levar em consideração que podemos, através da AD, notar o funcionamento de expressões algumas vezes, silenciadas, que provocam em seus leitores a dispersão/percepção para os sentidos outros diferentemente de sua pretensa completude. Por isso se propõe construir escutas que permitem levar em conta os efeitos e explicitar a relação com determinados *saberes* que não se aprende, não se ensina, mas que produz os seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária (ORLANDI, 2012).

Nesse sentido, passos foram seguidos:

 Identificar recortes discursivos que mostravam a interação dos sujeitos afásicos no grupo;

- 2. Evidenciar discursos em que os sujeitos davam seus testemunhos sobre a afasia:
- Destacar discursos que evidenciavam sua vida familiar a partir do evento da afasia.

De acordo com Orlandi (2012, p. 77), a análise se faz por etapas, ou seja, o percurso que faz passar do texto ao discurso, no contato com o corpus:

1ª Etapa: Passagem-Superfície Linguística → texto (discurso)

2ª Etapa: Passagem-Objeto do Discurso → Formação discursiva

3ª Etapa: Passagem-Processo Discursivo→ Formação Ideológica

Desta forma, a análise foi feita recorrendo aos recortes, procurando ver nele sua discursividade e iniciando um primeiro lance de análise construindo o objeto de análise. Segundo Orlandi (2012), neste momento da análise é fundamental o trabalho com as paráfrases, a relação do dizer e não-dizer.

Depois disso, segue-se articulando os sentidos que os mesmos podem trazer fazendo a relação com o sujeito afásico que está inserido na sua posição de não falante, posicionando seu discurso em relação a outros discursos, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados.

Em seguida, relacionamos as formações discursivas no jogo de sentidos, observando no processo de significação e com a formação ideológica que rege essas formações discursivas. É necessário também observar nos seus discursos os deslizamentos de sentidos levando a nos dizer algo. Segundo Orlandi (2012), o processo de produção de sentidos está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um "outro" possível dizer que o constitui. Observando nos seus dizeres as relações de paráfrases, instalando seus dizeres nas formações discursivas, submetendo-os a possíveis deslocamentos de acordo com a formação discursiva, em que cada sujeito se enquadra e observando que as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas e de outros discursos, no caso o interdiscurso, a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, fazendo se referir um discurso a outro discurso para que ele faça sentido.

Outro momento importante na análise se dá no processo de Silenciamento, que, para a teoria da AD, trabalha como fundante dos sentidos. Para Orlandi (2007), considera-se o silêncio como o significar da fluência e da deriva dos sentidos anteposto à linguagem. Nesta perspectiva, os sentidos fundantes do discurso, primeiramente articulam-se no espaço significativo do silêncio para, depois, serem materializados nas e pelas palavras. E nesse trabalho o silêncio vai ser ponto de análise, já que na teoria da AD, nas palavras de Orlandi (2007), o princípio de toda significação pode estar no vazio, falta, ou ainda como um implícito, que, estando no recorte entre o dito e o nãodito, deriva de sentidos das palavras para significar. Isso se fará a partir de um *corpus* representativo composto por sequências discursivas, observando as diferenças no calar, silenciar e não dizer, que reportam, a nosso ver, a sentidos distintos.

Aliado a tudo isso, mobilizamos a noção que Pêcheux ([1997] 1988) afirma que a interpretação é um "gesto", isto é, um ato simbólico. "É o lugar da ideologia em que a interpretação na qual o autor insere com seu gesto o que constitui como autor derivando sua relação com a memória" (ORLANDI,1996, p.15).

Desse *corpus*, foi feita a leitura atenta e, a partir daí, constituímos as sequências discursivas que trazem a fala de cada um com as interações deles no grupo. Esses dados de análise correspondem a recortes discursivos de sujeitos afásicos e familiares durante interação com o pesquisador.

As análises das Sequências Discursivas (SD) e os procedimentos da AD são apresentados nos núcleos abaixo:

✓ SD1 - Formações imaginárias (Fim) dos sujeitos afásicos

Refere-se ao discurso da/sobre a afasia (relação de forças e antecipação). As formações imaginárias são reveladas pelos enunciados produzidos pelos sujeitos, no ato da enunciação, constituem-se nas imagens que o enunciador faz de si mesmo e do outro. Ao se identificar com dado objeto imaginário, ou melhor, com a imagem que faz desse objeto, o sujeito torna-se "Um," com esse ocorrendo a identificação imaginária. Observa-se esse sujeito sob a

ótica discursiva, que inclui o sujeito e a linguagem (AZEVEDO, 2000),

✓ SD2 - Formações imaginárias (Fim) dos familiares, no que se refere ao discurso da/sobre a afasia

As Fim (relação de forças e antecipação) da família são revelados pelos enunciados produzidos pelos familiares, no ato da enunciação. Constituem-se nas imagens que o enunciador (no caso, o familiar do afásico) faz do sujeito afásico.

✓ SD3- Formações imaginárias (Fim) do grupo

Este passo abrange a relação de forças e antecipação que o grupo apresenta para os afásicos. Observa-se a partir das materialidades linguísticas no discurso dos sujeitos afásicos durante a interação no grupo, as imagens que representam relação de forças e antecipação no grupo a respeito de si e do outro.

- ✓ SD4 Formações discursivas e posição-sujeito dos sujeitos afásicos Refere-se ao que significa ser um sujeito afásico. Observam-se as posições enunciativas que dão sentido às palavras, expressões, proposições, observando marcas linguísticas que se repetem, contribuindo para construir a representação de sentidos predominantes marcadores da posição de sujeitos afásicos.
- ✓ SD5-Mudança de posição do sujeito afásico de não falante para falante

Este passo se refere às formações discursivas de sujeitos afásicos em grupos de convivência. Observa-se no discurso de alguns sujeitos afásicos que esses não se encontram mais em posição de impossibilidade de falar, mudando de posição de não falante para falante. Desta forma, podemos observar alguns dados semelhantes aos encontrados por Azevedo (2006; 2018) em relação ao estudo da gagueira, ancorada na teoria de Análise do discurso de linha francesa,

como sustentação para entender o funcionamento do discurso nos desvios de linguagem.

✓ SD6 - Silenciamento que, para a AD, deriva sentidos.

Aqui observaremos o momento de pausa e do próprio silêncio das falas dos sujeitos afásicos e suas famílias. Segundo Orlandi (2002) todo dizer tem sentidos silenciados, dessa forma observaremos no discurso dos afásicos o que por trás do que está materializado no seu discurso pode estar silenciado. Observaremos através das formações discursivas. Sabemos que, é no silêncio que o movimento dos sentidos é possível e que as diferentes formações discursivas podem ser transpostas. "O limite de uma formação discursiva é o que a distingue de outra (logo, é o mesmo limite da outra), o que permite pensar que a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois já evoca por si o "outro" sentido que ela não significa" (ORLANDI, 2002, p. 21).

4.3 Seleção dos Sujeitos Afásicos

Inicialmente, para acessar as informações dos sujeitos afásicos e seus familiares selecionados, foram solicitados licença do comitê de ética e a permissão formal para a realização do estudo através da assinatura do Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento-TCLE (Resolução Nº 292, de 08/07/1999). O projeto de pesquisa foi aprovado pelo CAAE: 61291316.3.0000.5206.

Os sujeitos desta pesquisa integram o Grupo de Convivência de Afásicos (GCA), do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP. As atividades do grupo enfatizam o trabalho com a linguagem, seja na modalidade oral ou escrita; bem como oferecem um locus para discussões sobre a inserção do sujeito afásico na sociedade.

O GCA tem como objetivo promover a interação do grupo e trabalhar o funcionamento da linguagem dos sujeitos afásicos. O grupo foi criado em 2000 pela Prof^a Maria Lúcia Gurgel da Costa e, após a sua saída, assumido pelas

professoras Nadia Azevedo e Fátima Vilar, ambas pesquisadoras do PPGCL, obedecendo aos três pilares da Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Os encontros ocorrem de forma íntegra e interdisciplinar, oferecendo atendimento à comunidade de baixa renda, além de alimentar um banco de dados que venha subsidiar pesquisas científicas resultantes de parcerias entre os pesquisadores dirigentes do grupo e alunos dos cursos de Graduação (Letras, Fonoaudiologia, Psicologia) e Pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado em Ciências da Linguagem e Mestrado e Doutorado em Psicologia), ambos da UNICAP.

No que se refere à seleção dos sujeitos para compor o GCA da UNICAP e, consequentemente, fornecer dados para o alcance dos objetivos dessa pesquisa, foram selecionados, mediante contato prévio com os mesmos ou responsáveis, atendendo aos critérios abaixo, em que os sujeitos deveriam:

- a) ter o diagnóstico neurológico de Afasia;
- b) ter mais de 18 anos de idade;
- c) aceitar livremente a participação na pesquisa;
- d) não ter Afasia Global, ou seja, não apresentar comprometimento intenso na fala, compreensão, leitura e escrita, impossibilitando, assim, a comunicação com os pares.
- e) assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com as normativas do Comitê de Ética em Pesquisa, em sua resolução 466/12, com seres humanos.

4.3.1 Perfil de cada sujeito

Os dados apresentados a seguir referem-se às informações sociolinguísticas dos sujeitos afásicos (a cidade de origem, grau de escolaridade, profissão, religião, idade e inserção social), a origem dos problemas da linguagem, bem como a algumas de suas atividades diárias.

SUJEITO A:

É brasileiro, do sexo masculino, tem 65 anos, casado há mais de 33 anos, pai de uma filha. Nasceu no Recife. Possui o ensino médio incompleto e trabalhava no Recife como operador de máquina de refrigeração. Teve o Acidente Vascular Encefálico (AVE) em 28 de janeiro de 2013, estava em casa, foi socorrido imediatamente. Segundo relato da esposa, caiu no chão e ficou "falando enrolado". No que se refere aos sintomas na linguagem, apresenta distúrbio da similaridade, evidenciando parafasias, redução da fala, neologismo, estereotipia, anomia durante o discurso, leitura de palavras isoladas sem compreendê-las e ausência de escrita. Durante o trabalho realizado, a capacidade de compreensão mostrou-se preservada, sem indícios de comprometimento. É possível observar algumas pausas curtas por ocasião da fala. Porém esse sujeito atualmente participa bem dos encontros e fala muito, embora em alguns momentos ainda apresente dificuldades na fala.

SUJEITO B:

É brasileiro, do sexo masculino, 77 ANOS, casado, há mais de 30 anos, tem duas filhas. Aposentado. Atualmente, mora com uma irmã. A esposa hoje mora no Chile e ele trabalhou muitos anos em grandes empresas como Chevrolet, na função de técnico mecânico. Ficava mais no centro de treinamento. Depois foi morar no Rio Grande do Norte. Nesse tempo, ficou desgostoso com a vida, bebendo e fumava muito, sendo um dos fatores primordiais para o Acidente Vascular Encefálico. Teve o AVE em setembro de 2005, não tendo tido outro. Devido ao AVE, manteve sequela de hipertensão ocular direita e esquerda (oclusão arterial) e no olho direito houve lesão do nervo ocular. Usa óculos bastante fortes, em especial no olho esquerdo, onde apresenta praticamente ausência de visão. Atualmente toma medicamento para pressão arterial e também para evitar um possível AVE. Em alguns momentos, tem bom desempenho nas atividades realizadas, demonstrando que entendeu aquilo que foi dito, embora, em outras situações, apresente visíveis dificuldades na fala e na compreensão auditiva, frustrando-se por não obter êxito em alguma atividade ou conversação, o que dificulta o processo interativo. Gosta muito de atividades com música, situações em que apresenta

maior facilidade, cantando músicas antigas com melodia e letras praticamente íntegras, o que, de fato, é um indicador positivo, em sua linguagem.

SUJEITO C:

É brasileiro, sexo masculino, tem 55 anos, divorciado, é pai de uma filha de trinta anos, nasceu na cidade do Recife. É católico não praticante, frequentou curso superior, mas não o concluiu (Física, na UNICAP). Antes de sofrer o Acidente Vascular Encefálico (AVE), trabalhava como responsável num posto de gasolina. Atualmente, está aposentado e recebe auxílio do INSS. Sofreu um AVE em julho de 2005, aos 41 anos, e, de imediato, foi socorrido, após sentir uma forte dor no peito. De acordo com o laudo da ressonância magnética do encéfalo, conforme cópia entregue às responsáveis pelo GCA da UNICAP, há efeito de massa sobre o ventrículo lateral esquerdo e leve desvio das estruturas da linha média para a direita e um importante quadro de afasia mista, com predominância expressiva e dificuldades práxicas. Apresenta distúrbio de contiguidade e de similaridade, com dificuldade ao falar, porém, grande parte desta dificuldade está relacionada à produção alterada dos movimentos articulatórios, devido a uma disartria severa. Com isso, não apresenta uma produção oral satisfatória. Raramente consegue se expressar e se comunicar através da fala, muito limitada, já que o máximo que consegue é produzir algumas palavras. Verificam-se, também, algumas dificuldades de ordem compreensiva. Em alguns momentos, tem bom desempenho nas atividades realizadas, demonstrando que entendeu aquilo que foi dito, embora, em outras situações, apresente visíveis dificuldades, e não obtém êxito em alguma atividade ou conversação, o que dificulta o processo interativo. Segundo ele, não sente dificuldade para ler jornais e revistas; demonstra também facilidade em navegar pela internet, realizar pesquisas, baixar músicas, jogos e filmes. Para interagir, utiliza, quase que exclusivamente, a modalidade escrita, expressões faciais e uso de gestos, ou seja, recorre a processos de produções não-verbais para se fazer entender. A escrita do sujeito C encontra-se fragmentada, com grafemas e sílabas faltosas, mas na maioria das vezes, realiza o acesso lexical e, assim, consegue veicular a possibilidade de produção de sentido.

SUJEITO D:

É brasileiro, do sexo masculino, tem 74 anos, está no segundo casamento há mais de 22 anos, pai, três homens e três mulheres, fruto do seu primeiro casamento; confessa que desde que se casou pela segunda vez, o relacionamento com seus filhos e sua ex-esposa é complicado, e que eles não têm conhecimento do seu estado de saúde atual, nem tomam conhecimento das dificuldades que ele teve que enfrentar após o seu AVE.; trabalhava entregando água para uma empresa dirigia por toda a cidade do Recife, ele teve o AVE nessa época, porém, desde que sofreu o AVE está aposentado. Católico, frequenta a igreja regularmente todos os finais de semana e dias santos, participando de todos os eventos e festas da igreja. O sujeito D não sabia que era hipertenso, quando sofreu o primeiro AVE, em outubro de 2005. No segundo AVE, em 16 de fevereiro de 2014, só permaneceu sem fala no primeiro dia, quando passou mal após dirigir por horas seu caminhão. Depois desse incidente, ele ficou, aproximadamente, três meses sem conseguir movimentar as pernas e precisou utilizar cadeiras de rodas, ficando acamado a maior parte de seu tempo. Após este período, conseguiu recuperar os movimentos das pernas e a força nos braços, mas ficou com sequelas. No período de recuperação, passou a realizar sessões de fisioterapia e fonoaudiologia. Apresenta distúrbio da contiguidade, segundo a tipologia definida por Jakobson (2010), não evidencia alterações ou dificuldades de ordem compreensiva, sendo portador de uma afasia de predomínio expressivo, embora com uma produção oral favorável, apresentando pouca dificuldade para emissão de sua fala. Entretanto, é possível observar algumas hesitações, não preenchidas, curtas alongamentos vocálicos, estereotipias e repetições. Apresenta discurso claro e coerente, ao responder perguntas abertas ou fechadas e participa de debates e discussões sobre assuntos de seu interesse.

SUJEITO E:

É brasileiro, do sexo masculino, tem 72 anos. Está no segundo casamento há mais de 11 anos. Possui o ensino médio completo. Mora no Recife. No primeiro casamento teve duas filhas, uma já morreu. E atualmente vê a filha muito pouco. Teve AVE em 2010 não tendo outro. Já fez duas

operações de coração. Trabalhava como pintor de placa de trânsito. É aposentando pela questão da saúde. Desde o AVE ficou com problema na fala. É muito ativo nas coisas nos afazeres da casa. Apresenta distúrbio da contiguidade e similaridade segundo a tipologia definida por Jakobson (2010), apresentando mais dificuldade para emissão de sua fala. Entretanto, é possível observar algumas hesitações, pausas curtas não preenchidas, alongamentos vocálicos, e repetições. Responde perguntas fechadas e participa de debates e discussões sem falar frases longas.

4.4 Seleção dos Familiares dos Sujeitos Afásicos

No que se refere à seleção dos familiares dos sujeitos afásicos participantes do Grupo de Convivência de Sujeitos Afásicos (GCA) da UNICAP, foram selecionados, mediante contato prévio com os mesmos, atendendo aos critérios abaixo, em que os sujeitos deveriam:

- a) ser um membro da família dos sujeitos afásicos selecionados;
- b) ter convívio com o sujeito afásico selecionado;
- c) aceitar livremente a participação na pesquisa;
- d) assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com as normativas do Comitê de Ética em Pesquisa, em sua resolução 466/12, com seres humanos.

A seguir, faremos a representação de cada família do sujeito afásico.

FAMÍLIA DO SUJEITO A

Esposa do Sujeito A, tem 66 anos. É brasileira, Está casada há 33 anos. Possui uma filha que mora no Rio de Janeiro. Aposentada, porém vive ocupada com os afazeres domésticos, além de preparar bolos de festa por encomendas.

FAMÍLIA DO SUJEITO B

Filha do Sujeito B, tem 45 anos. É brasileira e funcionária pública. É quem sempre leva o ai para o médico e resolve todas as demandas da família. Mas não mora com ele. Fala que Sujeito B preferiu morar com a irmã, pois é

muito teimoso, não obedece ninguém, ressaltando que ele sempre foi assim, mesmo quando jovem.

FAMÍLIA DO SUJEITO C

Pai do sujeito C, tem 83 anos. É brasileiro, aposentado e trabalhava no Departamento Nacional de Obras contra as secas. É graduado em Administração. Mora com ele desde antes do AVE. Fala que ele era muito alegre antes do AVE. Que estava acompanhando a família em todas os acontecimentos.

FAMILIA DO SUJEITO D

Esposa do Sujeito D, tem 67 anos, é aposentada. Estudou só até o quinto ano. Não tem filhos com ele. Logo após se casarem ele sofreu o AVE quando estava no trabalho. Diz que ele ajuda muito em casa, não deixa ela fazer nada.

FAMÌLIA DO SUJEITO E

Esposa do Sujeito E, tem 55 anos e são casados morando juntos há dez anos. Trabalha como cobradora de ônibus. É católica. Ressalta que resolve todas as demandas de casa, especialmente as demandas de saúde do Sujeito E.

4.5 Coleta de Dados

Nesta parte do trabalho, há a explicação do processo do objeto de estudo, a partir do pressuposto metodológico da pesquisa qualitativo-interpretativo, procurando demarcar o objeto de estudo da pesquisa - o discurso, além do procedimento – ou seja, a análise das condições de produções, formações discursivas, formações imaginárias, dos sujeitos afásicos e seus familiares, através de recortes de textos diferentes, a fim de analisar o discurso dos sujeitos afásicos.

A coleta de dados ocorreu durante três anos ininterruptos, através de dois métodos de coleta: um, identificando o discurso dos sujeitos afásicos com seus pares, e o outro, registrando o discurso de seus familiares através de

suas práticas discursivas. Foram coletados dados referentes às sessões realizadas com a pesquisadora, o que acontece semanalmente, no Laboratório de Linguagem do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da UNICAP, com duração de duas horas cada.

No que se refere às transcrições, estas foram realizadas pela pesquisadora a partir do próprio registro do afásico falando da e sobre a afasia e também registros de como os familiares veem os sujeitos afásicos e a afasia. Para serem analisados discursivamente, foram selecionados recortes dos discursos dos afásicos e familiares em que as amostras selecionadas representassem um conteúdo mais rico em palavras e informações, permitindo uma melhor leitura dos mecanismos de Análise do Discurso de Linha Francesa, já que é a base de fundamentação deste trabalho.

Houve um momento de escuta dos familiares. Esses encontros aconteceram uma vez por mês, mas com grande dificuldade de se ter a presença dos familiares, porque a maioria não podia comparecer. Houve ocasiões em que não compareceram familiares. Foi analisado o discurso a respeito do que se diz do convívio com os sujeitos afásicos. Além disso, foram feitos recortes do *corpus* obtido nesses encontros. Para este trabalho, utiliza-se a noção de *corpus*, de acordo com Courtine (2009), que o define como sequências discursivas, dadas as condições de produções específicas.

Segundo Orlandi (1989) o recorte refere-se a uma unidade discursiva entendida como fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Para essa autora, cada texto é um conjunto de recortes discursivos que se entrecruzam e se dispersam; um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise empreendida efetua-se por meio de seleção dessas unidades extraídas do corpus, ou mesmo de recortes, observados da pesquisa.

O corpus desta pesquisa contém registros do discurso de cinco sujeitos afásicos, selecionados por meio de um estudo longitudinal, trazendo uma sequência de fatos, considerando cada sujeito com suas peculiaridades no seu discurso, já que cada sujeito do grupo tem um grau de dificuldade na fala devido ao tipo de afasia que cada um possa ter. Para observar o discurso dos sujeitos afásicos, procuramos, em um primeiro momento, fazer recorte do material selecionado observando no grupo os sujeitos que melhor podem falar,

já que no caso da afasia alguns sujeitos, dependo do tipo de afasia, podem tem um comprometimento total da fala. Foi realizada transcrição literal de cada sujeito, mantendo as falas originais. Cuidamos para que a ortografia ficasse adequada, para não prejudicar a compreensão do leitor.

Para identificação das falas dos integrantes do grupo, foram utilizados os seguintes códigos: **P** (pesquisador), seguido de um número arábico que indica o segmento de fala; e uma letra maiúscula representando os segmentos discursivos dos sujeitos afásicos, que obedece à denominação apresentada no item 1 deste capítulo (**A, B, C, D, E**), e, para a família, a letra F, seguida da letra que indica cada sujeito afásico e de números que indicam o segmento discursivo, já descrito acima.

A transcrição foi literal, mantendo-se os desvios fonéticos e sintáticos de cada sujeito da família, bem como possíveis alterações ortográficas e de concordância e todas as parafasias fonêmicas ou semânticas dos sujeitos afásicos. A transcrição tem, também, as seguintes marcas: reticências, para hesitações, traço – para repetição e SI para segmento incompreensível. O que está entre parênteses, é o gesto ou silêncio de cada sujeito.

Ainda ressalta-se que, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor, antes de apresentar as sequências discursivas selecionadas, informamse as condições de produção da atividade.

CAPÍTULO 5:

ANÁLISE DISCURSIVA DE SUJEITOS AFÁSICOS INTEGRANTES DE GRUPO DE CONVIVÊNCIA E SEUS FAMILIARES

As palavras que digo escondem outras" (Clarice Lispector).

5.1 O Sujeito Afásico e Seus Familiares - eles por eles e suas famílias: Fazendo um Retrato significativo

Iniciamos a análise buscando entender o lugar onde o sujeito afásico e sua família ocupam, ou seja, a imagem que eles fazem da própria posição quando falam. Isso por que, segundo a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD), toda vez que o sujeito de um discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo que nos remete a formações imaginárias. Segundo Pêcheux ([1975] 2010) o discurso produzido por um sujeito pressupõe um destinatário que se encontra num lugar determinado na estrutura de uma formação social. Tal lugar aparece representado no discurso de formações imaginárias que designam o lugar que o sujeito e o destinatário se atribuem mutuamente, ou seja, a imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. O objetivo é compreender o funcionamento das formações imaginárias nos processos de significação do sujeito afásico e seus familiares. Trazemos aqui seguências discursivas constituídas de recortes de sessões do Grupo de Convivência de Afásicos (GCA), do Laboratório de Práticas de Linguagem do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco, lugar onde foi realizada referida a pesquisa.

Sequência discursiva I - Março 2015

Nesta sequência discursiva, trazemos recortes dos cinco sujeitos afásicos e de seus familiares e um pesquisador presente. Vale salientar que todos os familiares foram convidados, porém só um compareceu. Nesse dia,

pedimos para os sujeitos afásicos e um dos seus familiares que fizessem um retrato de como se sentiam. Escolhemos este como primeiro comando dado ao grupo, para poder situar a análise, começando da imagem que eles e os familiares têm deles mesmos e também para poder situar o crescimento ou não deste sujeito no transcorrer das sessões e análises do grupo. Já que este é um trabalho longitudinal, observaremos o transcorrer deles entre 2015 e 2018.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

A1-Era. Eu não sei nadinha mais. A senhora tá sabendo que a gente não sabe de nada mais.

A2-Agora sabe o que é, a gente que muita gente que faz o que quer, a gente não sabe falar, né?

FA1-É, mas agora como ele está falando mais um pouco, a gente está entendendo, quando ele fala umas três ou quatro vezes a gente entende.

B1.-Tô não, cabou rapaz (S.I) É.

B2-Não, cabou....aqui (fazendo o gesto de escrever no papel) cabou...

PI-E da fala, o que o senhor está falando?

B.3-(Balança a cabeça positivamente). Aqui, rapaz!

PII-E você, C?

C1-(passa a folha da ata para o investigador e aponta para uma palavra) afa-fa-sai

PIII-Afasia

C.2.-(ÉÉÉééé)

D1-Eu me sinto bem melhor, faz 12 anos que estou aqui na católica. Acho importante. Mudei pra melhor, melhorei muito. Melhorei em fala, na fala, na convivência.

E1-Antes eu falava bem (RINDO)

P4.-Mas hoje o senhor chega aqui e fala tudo pra gente

E2-É-é

Nesta primeira sequência discursiva, começamos a análise das marcas da materialidade que continham regularidades no discurso dos afásicos e do parente do sujeito A sobre a imagem que fazem de si e a imagem que o familiar faz dos afásicos.

Na sequência discursiva acima, o uso do pronome pessoal (eu) no segmento **A1**, já significa uma marca do sujeito no fio do discurso, do

enunciador, em que atesta a sua crença no pertencimento do enunciado (identificação). Essa crença dos protagonistas do discurso remete ao esquecimento nº 1, de Pêcheux, que consiste no fato de acreditarmos que somos a origem do nosso dizer, de não reconhecermos essa fala como parte do já-dito, tendo, portanto, a ilusão de autonomia do dizer.

O grupo, neste momento, expõe como sente a sua fala. Percebemos que o grupo apresenta uma heterogeneidade quanto aos dizeres de cada sujeito. Nos sujeitos que falam, **A, B, C, D e E,** nesta sequência discursiva, podemos observar essa discrepância no discurso, pois, enquanto o sujeito **A** fixa o erro, o sujeito **D** destaca a evolução no grupo, marcando as possibilidades do dizer.

Em relação ao discurso da representante da família do Sujeito A, encontramos no segmento discursivo FA1 que a expressão "a gente" funciona como um processo de universalização e contenção do sentido para o grupo. O que percebemos em todos os primeiros encontros do afásico ao chegar no grupo é que o discurso desses sujeitos e de seus familiares são sustentados nos dizeres do discurso médico, ou seja, que está marcado pelo discurso organicista da doença, da lesão, do sintoma. Esse discurso é mantido pelo sujeito e sua família, indicando a relação de forças, que infere, por uma memória discursiva, que ele não fala, que sua fala é confusa, que as pessoas não o entendem. O discurso é sustentando por dizeres anteriores, isto é, já ditos.

Nesta parte, observamos como o discurso médico, ou seja, essas representações imaginárias que se acham afetadas no discurso do afásico e dos familiares ligadas à lesão, ao sintoma, à doença, dificuldades na fala, fica cristalizado no discurso desses sujeitos. Percebemos que, mesmo numa fala fragmentada do afásico, como na sequência discursiva I nos segmentos **B1.** - *Tô não, cabou, rapaz* e **C1.**-(passa a folha da ata para o investigador e aponta para uma palavra) afa-fa-sia, o discurso médico faz texto no dizer desses sujeitos e suas famílias. Esse tema da afasia já foi discutido anteriormente, em nossa dissertação de mestrado (COSTA, 2015), em que já falávamos sobre essa impossibilidade de dizer. Ao afirmarem que "acabou" e "afasia", os

sujeitos B e C geram efeitos de sentido de incapacidade; a afasia é vista como algo devastador, que os limita e os faz calar.

Dentre as reuniões do grupo de Convivência de Afásicos, um dos temas recorrentes nas nossas discussões sempre foi "as necessidades dos sujeitos afásicos", pois entendemos que compreender como o afásico percebe as causas e a consequência da afasia pode elucidar muito a ressignificação da sua linguagem.

Já no referido trabalho de mestrado da autora desta tese, observamos que há uma fluidez na linguagem, contrapondo-se ao discurso da impossibilidade de dizer. Confirmamos essa hipótese nesse novo trabalho.

Em SD1, Eu me sinto bem melhor, faz 12 anos que to aqui na Católica. Acho importante. Mudei pra melhor, melhorei muito. Melhorei em fala, na fala, na convivência. O sujeito **B** consciente, **B1.**-Tô não, cabou rapaz (S.I) É, **B2**-Não, cabou....aqui (fazendo o gesto de escrever no papel) cabou... (mesmo sem dizer, mesmo no silêncio) à "doença" e ao "sintoma," que faz calar. Nesse momento, há a visibilidade do discurso médico, que impede, interrompe e silencia o sujeito. Ao mesmo tempo, este sujeito que diz "Não, cabou....aqui (fazendo o de escrever no papel) cabou... apresenta-se contextualizado na gesto conversa, trazendo uma fala totalmente compreensível. Nesse sentido, notamos que o discurso organicista está presente na sua fala e nos seus espaços de não dito. O sujeito afásico sente a necessidade de falar, de conhecer e questionar sobre a doença, como se observa no momento que o pesquisador diz "é da fala que o senhor está falando" e o sujeito confirma no segmento **B3** (Balança a cabeça positivamente). Aqui rapaz!

Também observamos a importância do pesquisador para os sujeitos afásicos no momento de suas falas respondendo parte do que o afásico falou: como nos segmentos PI, PIII e PIV. Nesse momento, o papel do pesquisador produz um efeito organizador do discurso do afásico na medida em que tenta propiciar o/ (a ilusão do) fechamento do sentido. A questão que colocamos é que o papel do pesquisador foi importante para guiar sua fala, é como se o discurso do sujeito afásico se articulasse na fala do pesquisador, quando, no momento em que ele balança a cabeça positivamente, no segmento B3,

houvesse uma contenção do sentido da sua fala, a partir da complementação do pesquisador.

O que percebemos, de modo geral, nesta primeira sequência discursiva, é que tanto nos sujeitos afásicos quanto nos familiares há uma completa identificação na formação discursiva de não falante (FD de não falante). Isto se dá, em parte, pelo que temos chamado de *discurso médico* ou *organicista*, que é o efeito do dizer soberano do médico, ao mostrar a lesão, a doença e que se perpetua, gerando a crença na incapacidade de dizer (pelo sujeito afásico e sua família).

Segundo Pêcheux ([1983] 2008), a formação discursiva é o lugar e a constituição do sentido, no qual vincula a constituição do sujeito. Com isso, percebemos que os sujeitos e a família marcam um assujeitamento nessa FD. Os dizeres dos sujeitos e família encontram-se atravessados pela formação ideológica, evidenciando que suas atitudes não são individuais nem universais, mas sim, resultado da posição ocupada (afásico, em uma FD de não falante) em conflito com a posição de sujeito "normal" (não afásico que ocupa uma FD de falante).

Nos dizeres do sujeito A e E, segmentos A1 - Era. Eu não sei nadinha mais. A senhora tá sabendo que a gente não sabe de nada mais; E1-Antes, eu falava bem (RINDO) tem como finalidade de fazer o outro entender que eles não ocupam mais uma posição de "domínio" (como se houvesse esse controle) da sua linguagem, o que remete à formação discursiva bem marcada em seu discurso. "É a formação discursiva que regula "o que pode e deve ser dito" (PÊCHEUX, [1983] 2008) em um determinado contexto histórico-social, ocupado agora por um sujeito que, em sua perspectiva, depois do evento da afasia não sabe da mais nada, antes eu falava bem.

Percebemos ainda nas sequências discursivas supracitadas, as formações imaginárias, que, segundo Pêcheux ([1999] 2007), são as imagens que o locutor e o interlocutor do discurso fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. Ressaltamos ainda que é por via dessas formações imaginárias que a imagem que os afásicos fazem de si é como sendo um sujeito que "antes falava bem" e passou a apresentar problemas na fala. A partir dessas considerações que já foram observadas em trabalho anterior (COSTA, 2015), é

possível se pensar em um trabalho de linguagem em um grupo de convivência, que tenha como efeito a contribuição em sua evolução na condição de falante.

Desta forma, trabalhamos o que o afásico ou qualquer outro sujeito que passa da condição social de saudável para *doente* precisa, do fortalecimento prático de sua autoestima e do seu narcisismo primário ³, gerando oportunidades para que eles reconstruam a sua própria simbolização e passem a aceitar, sem sofrimento, a nova condição que se impõe.

5.2 Análise - Estudo longitudinal

Destacamos que o sujeito A apresentou uma frequência no GCA bastante satisfatória. Isso nos fez selecioná-lo para um estudo mais aprofundado de forma longitudinal. Dessa forma, nas sequências discursivas SD II a SD IV daremos destaque nesta análise ao discurso do Sujeito A, salientando os pontos positivos de um trabalho longitudinal nesta pesquisa, que apresenta posições discursivas desse sujeito, de 2015 a 2018, observando o seu desenvolvimento no grupo.

Sequência discursiva II-ANO 2015/ABRIL

Nesta seção, trazemos segmentos discursivos de dois participantes do grupo (o Sujeito A e o Sujeito D). Nesse momento, foi selecionado o sujeito D, pois é o que melhor se expressa durante as atividades do grupo. Esta parte da análise visa a mostrar o crescimento do Sujeito A, destacando esta sequência discursiva que é uma das primeiras, justamente quando chegou ao grupo.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-Pessoal, hoje trago o tema educação.

D1-Chamava o outro e perguntava que letra é essa, palmatória na mão, levava no couro pra aprender, e aprendia.

A1-E-e-e irmão e-e-e o (SI).

D2-Eu-eu, vou dizer uma coisa a senhora, eu só estudei até a sexta série, a sexta

³ De acordo com Laplanche e Pontalis, "o **narcisismo primário** designa um estado em que o individuo investe toda a sua libido em si mesmo. O **narcisismo** secundário designa um retorno ao eu da libido retirada dos seus investimentos objetais" (LAPLANCHE E PONTALIS, 1992: 290).

série. No tempo em que eu estudei, era o primeiro ano ginasial, eu aprendi as quatro operações de conta, e se não soubesse levava castigo, não largava, largava de meio dia, uma hora, e se não largasse de uma hora, se chegasse a hora de não largar, você ia ficar de castigo e só saia quando fizesse aquelas contas todinhas e o ditado. Hoje, se a professora colocar o menino de castigo, quando ele chega em casa:

- mainha, a professora colocou eu de castigo, a mãe vai lá virada no satanás.

A2-É-éé-éé-é mesmo, irmão.

D3-Só falta até derrubar, quebrar as cadeiras todinha em cima da professora. Ele só vai apender o quê? Ser ignorante com a professora. E você, quando chegava em casa, só levava a pisa da mãe. Porque ficou de castigo e a professora, a mãe não ia lá saber porque ficou de castigo, não ia exemplar quando você chegasse em casa a educação da escola e a da mãe em casa e o direito da mãe é esse, dar a educação do filho em casa e da professora é da escola e, quando o filho chegava em casa fazendo queixa do professor, a mãe não ia nem lá saber, pegava ele e dava uma pisa, mas hoje não pode bater mais, porque os direitos humanos não quer que dê no menino. Amanhã, hoje, hoje de meio dia no repórter, o homem ia metendo o cacete no filho, quinze ano, chegou lá na dele... (SI) na... ele tava, com uma faca peixeira, foi assaltar um chofer de taxi, pegou o taxi e foi assaltar... o chofer prendeu ele e o outro "pa"... tapa, ele com quinze anos, a mãe foi chamada e foi lá, chegou lá, deu o cacete, deu nele, deu nele, deu na frente de todo mundo e ainda disse assim, na frente do delegado, do juiz de tudo lá, quem pariu você fui eu, foi ninguém não, a sua mãe sou eu, quem tem que dar em você sou eu. Aí, não pode bater no filho. E o filho quando vai levar lapada da mãe, dê em mim que vou chamar a polícia para a senhora agorinha.

A3-o...ooo.. irmã, A gente era peitado lá, era peita... (SI) a gente era pequeno lá... (SI).

D4-Agora, polícia quando pega, bate, não tem pena, bate, bate em todo canto, quebra os ossos, dá porrada nos ossos, dá tudo, aí a mãe vê, fica satisfeita, é? A mãe que passou nove meses com o filho na barriga, passou (SI) não pode bater num filho, a polícia vai e pega e dá de todo o jeito.

A4-Vê irmã, lá .. (SI) .lá em baixo, lá na, lá em baixo, ali na polícia lá, aí chegou o pai dos meninos lá, é... de Dedé, aí mandou, o pai de (IS)..., oi tome, desceu lá a polícia lá, (SI) era era o nome era (SI), tinha dois nomes, quando chegou lá, que senhor quê? Que o senhor quê? Foi ...foi o meu pai que mandou eu fazer um homem lá, foi...foi (SI) foi pai que mandou que eu falasse com ele, quando vê o

homem chegou. Diga, foi seu pai que mandou eu vir aqui falar com o senhor, era a... a.. opa (SI) papel, botou dez (SI) numa mão e dez numa outra, aí bum! quando vê o cara vem arretado de lá de dentro, fu... (SI) fu...(SI) mandou o pai, mandou (SI) chega ficou assim oh queimando, (SI) e era, outra e ele era com onze ano, (SI) e outra numa mão.

Na sequência discursiva II, encontramos o sujeito A nos seus primeiros encontros no Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP (GCA). Destacamos a dificuldade para se expressar por meio da linguagem oral, como vemos nos segmentos A1, A2 e A3, notando a dificuldade no eixo metonímico, de que nos fala Jakobson ([1963], 2010)., em que se nota maior alteração na combinação, isto é, dos elementos que se encontram "em presença", ou seja, o distúrbio da contiguidade. Assim a linguagem parece "faltar", enquanto a compreensão se apresenta mais preservada, com isso, marcando sua posição-sujeito afásico com dificuldade na linguagem oral emissiva.

Podemos dizer que o Sujeito A se constitui na formação discursiva de sujeito marcado pela impossibilidade, pela incapacidade do dizer por causa da doença (do discurso da doença, discurso médico) que desencadeia a identificação do sujeito com a formação discursiva de sujeito afásico não—falante, revelando uma identificação plena do sujeito do discurso com a formasujeito, o que caracteriza o que Pêcheux chama do "bom sujeito", ou seja, nesse momento, o sujeito em análise está na formação discursiva de sujeito afásico não falante.

Segundo Pêcheux ([1983] 2008) a formação discursiva é o lugar e a constituição do sentido, no qual se vincula a constituição do sujeito. Essa identificação é facilitada por elementos do interdiscurso, como aquilo que Pêcheux ([1983] 2008) chama de "processos de sustentação" e o préconstruído. Isso constitui o que Pêcheux ([1969] 1990) conceitua como interdiscurso, o qual fornece materiais para uma formação discursiva. Nessa discussão, o autor traz a ideia de paráfrase, acrescida da noção de préconstruído, este entendido como objeto ideológico, como representação, conforme percebemos no discurso de A, do segmento A1, como exemplo: "E-e-e-e irmão e-e-e-e o (SI)" são elementos que se constituem no discurso desse

sujeito como marcadores que vão nos dar pistas, atestando a constituição desse sujeito, com isso localizando-se na FD *afásico com dificuldade para falar*. Assim, nessa FD, o sujeito sustenta discursos que o mantém na identificação plena do sujeito afásico-não-falante que, segundo Pêcheux ([1983] 2008), é a forma-sujeito da FD que reflete espontaneamente o sujeito representando a primeira formulação dessas noções, no âmbito do quadro teórico da AD. Pêcheux ([1969] 1990), afirma que o lugar do sujeito não é vazio, sendo preenchido por aquilo que ele designa de forma-sujeito, ou sujeito do saber de uma determinada Formação Discursiva (FD). É, então, pela forma-sujeito que o sujeito do discurso se inscreve em uma determinada FD, com a qual ele se identifica e que o constitui enquanto sujeito.

Sequência discursiva III 2016 - MAIO

A seguir, trazemos uma sequência discursiva que retrata uma discussão sobre as atividades que se faz no dia a dia, como ir à farmácia, ao supermercado, comprar pão, usar transporte coletivo, entre outras, revelando como se age, especialmente, no que se refere à interação com outras pessoas, diante dessas situações corriqueiras no dia a dia.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-O senhor foi numa farmácia, comprou um remédio, quando chegou em casa, viu que o remédio estava errado.

A1-Agora vou logo dizer logo, não compro negócio errado não. Porque o dono lá, ele sabe quem é, ele me conhece.

A2-A semana passada comprei negócio de nariz. E comprei outro negócio que a mulher ficou doente.

PII- Mas o senhor fica irritado se o vendedor passar o remédio errado?

A3- É, menina. Agora tem muita gente que faz o que quer.

A4-Essa turma rouba é fazendo com o velho. A gente não é besta.

PIII-Agora seu E, você saiu de casa pra ir ao supermercado, o senhor vai com frequência? Você compra com muita frequência, o quê?

E1-É.. É.fei..jão (rindo) açú-car é (rindo).

PIV-Se o senhor está na fila e o caixa tá lento, o senhor reclama?

E2-É.. É (rindo) não!

A5-Tem que falar... aqui a gente fala.

E3-Pa....pa... (SI) (rindo).

PV-Paciência . É?

E4-Pa..ciência (rindo)

A6-Fique aperreado não, viu?

PVI.-O que você faz quando chega na Igreja e encontra muita gente conversando?

E5-Ca..sa.... (SI) (RINDO).

Na sequência discursiva III, continuamos dando destaque para o sujeito A, agora com prioridade para as formações imaginárias que prevalecem nesse sujeito diante do grupo, considerando, inclusive, tratar-se do objetivo geral da pesquisa. Esse sujeito se expressa melhor no decorrer de sua fala, o que, acreditamos estar relacionado ao desempenho dele no grupo e suas participações, onde destacamos na própria fala do sujeito: *tem que falar, aqui a gente fala*.

Para Pêcheux ([1975],2010), num discurso estão presentes um sujeito A e um destinatário B, que se encontram em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Esses lugares se acham não apenas representados nos processos discursivos, mas transformados. Daí um discurso não implicar necessariamente uma mera troca de informações entre A e B, mas sim um jogo de "efeitos de sentido" entre os participantes. Os sentidos seriam produzidos por um certo imaginário, que é social e é, por sua vez, resultado das relações entre poder e sentidos. A ideologia seria a responsável por produzir o desconhecimento dos sentidos através de processos discursivos observáveis na materialidade linguística. Toda a prática discursiva trabalha, então, para que o efeito de sentido constituído produza a ilusão de um sentido único. Por isso, tem-se a ilusão de que os sujeitos são a fonte do sentido (ilusão esquecimento nº 1) e de que têm domínio do que dizem (ilusão esquecimento nº 2). Segundo Indursky ([1992],1994), essas duas ilusões apontam para a questão da constituição ideológica e psíquica do sujeito do discurso. Desse modo, sua interpelação como sujeito relaciona-se ao imaginário e sua estruturação como sujeito se dá pela relação com o simbólico.

Partimos da imagem que ele faz da posição que ocupa como sujeito afásico e do seu lugar que se constrói no grupo. Diante disso, trazemos com maior destaque as formações imaginárias e antecipação, a imagem que atribui a si e que as pessoas fazem dele. Tal construção nos encaminha à afirmação de Pêcheux ([1975]1988, p. 75) de que "um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas" sendo essas definidas pelo autor como "as circunstâncias de um discurso".

Transpondo essa proposição ao discurso do sujeito afásico, entendemos que A corresponde ao próprio sujeito A e B, a como B vê A. A julgar pelas sequências discursivas (SDs) III e IV, apresentadas a seguir, a questão elaborada por Pêcheux ([1975] 2010, p. 82) – "quem sou eu para lhe falar assim?" – repercute no discurso do afásico, do "doente", "da doença" como é cristalizado no discurso médico, que é o interdiscurso do sujeito afásico e suas famílias.

Nas palavras de Pêcheux, "o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação ([1975] 2010, p.215)". E é por ela que iniciaremos, analisando a formação imaginária que o sujeito A faz de si mesmo.

Existiriam nos mecanismos de toda formação social regras de projeção responsáveis por estabelecer as relações entre as situações discursivas e as posições dos diferentes participantes. As relações imaginárias podem ser, portanto, consideradas como a maneira pela qual a posição dos participantes do discurso intervém nas condições de produção do discurso.

Podemos concluir, com Pêcheux, que um processo discursivo supõe, por parte do locutor, uma antecipação das representações do interlocutor, sobre a qual se funda a estratégia do discurso. Como se trata de antecipações, o que é dito precede as eventuais respostas de B, que vão sancionar ou não as decisões antecipadas de A. Essas antecipações são, entretanto, sempre atravessadas pelo já ouvido e pelo já dito, que constituem a substância das formações imaginárias.

Considerando as posições discursivas presentes nas entrevistas que compõem o *corpus* analisado do sujeito A, podemos distinguir dois grupos de formações imaginárias: as formações imaginárias de A, que reportam ao discurso médico, e de B, os pacientes, visto aqui como sujeitos afásicos. Neste trabalho, no entanto, o que nos interessa são as formações imaginárias de B e como elas se acham afetadas pelas características do discurso do médico.

Percebemos que na sequência discursiva III, no segmento A4, Essa turma rouba é fazendo com o velho. A gente não é besta, a imagem que o sujeito A faz de si deriva de alguns gestos de interpretação. A primeira diz respeito a qual eus da pergunta de Pêcheux ("quem sou eu para lhe falar assim?") o eu sujeito afásico que, neste momento, se encontra deixando claro que, mesmo na sua condição de velho, de afásico, não "é besta". Da mesma forma, também percebemos que a imagem que o sujeito A faz do seu lugar é sustentada e forte quando o sujeito, em outro segmento, A3, que é capaz de "fazer tudo, qualquer coisa" descartando a ideia de que como afásico esteja sem condições de realizar atividades. E neste caso, percebemos no sujeito A a formação discursiva de sujeito afásico capaz de realizar suas atividades rompendo com as formações imaginárias decorrentes de uma visão "velho afásico", sendo incapaz de realizar atividades e se expressar. Da mesma forma, destaca-se a importância do pesquisador na mediação desse discurso, pois quando o pesquisador pergunta (PII- Mas o senhor fica irritado se o vendedor passar o remédio errado?), a questão representa uma estratégia de apoio à continuidade e a novas possibilidades de resposta e funcionamento da linguagem do sujeito afásico A.

Há outro gesto de interpretação, também na sequência discursiva III, segmento -A5-Tem que falar, aqui a gente fala, aponta para certa suspensão do tempo, na qual o afásico situa-se num intervalo entre as posições discursivas afásico-não-falante e não-afásico-falante, quando então pode refletir sobre a própria fala. Sabemos que é comum que o afásico passe por um distanciamento da sociedade que fala, já que o mesmo se encontra muitas vezes na impossibilidade, dependendo do comprometimento da fala, não se expressa, e isso pode acarretar o afastamento de ambos. Atestamos aqui a fragmentação do sujeito que diz que "aqui," se referindo ao GCA da

Universidade Católica de Pernambuco, retoma, dobra-se por si mesmo, fazendo-se afásico e não-afásico ao mesmo tempo.

Sequência discursiva IV- 03- 2017

Nesta sessão, os componentes do grupo foram orientados a relatarem como foi a semana, desde a descrição de eventos do dia a dia a questões mais complicadas que, porventura, tenham participado do seu cotidiano da última semana que antecede a respectiva oficina.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

A1-A moça chegou boa tarde, ali não. É gordinho, lá fora. A educação dele deixou em casa.

PI- Seu B, foi como seu final de semana?

B1 -(B se levanta para falar e faz movimentos de caminhada) - Blusa, malhando aqui... ...Oh!

PII-Essa época tem que pensar um pouco, quem vai casar? Seu B. já casou 4 vezes.

B2-(Aumenta o tom de voz) Faz movimentos de repressão- O que, rapaz? Ai, ai, ai.

A2-Aqui, a gente se diverte (rindo)

PIII-O senhor A fez o quê esta semana?

A3-Faço tudo. Qualquer coisa.

Nesta sequência discursiva IV, destacamos a importância do grupo, onde encontramos o Sujeito A dizendo no segmento **A2-** *Aqui, a gente se diverte (rindo)*. Observamos que o grupo, para A, é um espaço importante e divertido. Por outro lado, quando surge uma instabilidade na fala, uma aflição para falar ou pausas inesperadas, surge também a força de um dos sujeitos para o grupo, como exemplo, na sequência discursiva III, quando o **sujeito E,** no segmento **E3.** -Pa....pa... (SI) (rindo), com dificuldade para falar, o **sujeito A** diz no segmento **A.6.-** *Fique aperreado não, viu?* dando força ao sujeito, mostrando que essa interação com sujeitos que passam por problemas de linguagem semelhantes é importante para a desenvoltura dos eventos de interação, em que predominam os diálogos. Segundo autores como Morato (2002) e Coudry (1997), esses trabalhos desenvolvidos em grupos de convivência trazem a presença do sujeito afásico na linguagem.

Como esse trabalho busca um afastamento da visão organicista/médica, trazendo aqui a perspectiva linguístico-discursiva, ancorando a pesquisa na teoria da Análise do Discurso de linha Francesa, podemos dizer que o Sujeito A, na sequência discursiva III, apresenta uma fluidez na linguagem, que se contrapõe ao discurso de um sujeito marcado pelo interdiscurso no dizer da afasia no viés organicista que conceitua a afasia como algo que interrompe e silencia o sujeito afásico.

Nesse sentido, as considerações pecheutianas estão atentas à categoria da contradição, pois as FDs têm, no seu interior, discursos transversos e préconstruídos que enredam a forma-sujeito e, portanto, podem instaurar o diferente, pelas formas-sujeito distintas ocupadas pela presença do "outro" em todo dizer. Assim, constituído socialmente e pelo interdiscurso (memória do dizer), o sujeito é fragmentado, descentralizado e heterogêneo, mas mantém uma aparência de unidade, pelo fato da posição-sujeito inscrever um lugar social afetado ideológica e historicamente.

Desta forma, percebemos que a literatura fonoaudiológica associada às epistemologias das ciências médicas direciona-se primordialmente numa perspectiva organicista, priorizando clinicamente uma terapêutica que foca quase que exclusivamente apenas as causas neurológicas e as limitações cognitivas e linguísticas decorrente delas, na qual entendem que a relação entre a ordem neurológica e da linguagem se dão de forma direta.

Dessa forma, a visão organicista só trabalha com a afasia na ideia de doença, excluindo a figura do sujeito como ser pensante e dotado de um aparelho mental vulnerabilizado pela condição em que se encontra, precisando ser ressignificado antes das intervenções organicistas.

Observamos que o sujeito em análise, apresenta-se em situação de conversa, numa linguagem totalmente possível e compreensível, mostrando uma mudança de formação discursiva do *sujeito impossibilitado de dizer* para *sujeito capaz de dizer*, substituindo sua posição de não-falante para falante no discurso, quando afirma na sequência discursiva **III** no segmento: **A**5. -Tem que falar, aqui a gente fala.

Diante do exposto, fica evidente que há completa identificação do sujeito A na posição discursiva sujeito-falante. Nesse caso, como é um trabalho longitudinal, vamos observando essa modificação do sujeito. De acordo com Indursky (2011), a contraidentificação é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e os sentidos que são próprios à FD que o afeta e, por conseguinte, se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saberes que ela organiza.

O que percebemos no transcorrer dos anos de acompanhamento desse sujeito no grupo de convivência é que ele passa de uma Formação Discursiva a outra, no caso de afásico-não falante para afásico-falante e acreditamos que é através do conceito de FD, que fica mais fácil de entender a mobilidade de sentidos no processo de transcorrer dos discursos. Dependendo da FD, as supostas "mesmas" palavras e expressões podem adquirir outros sentidos, como por exemplo na sequência discursiva IV, segmento *A.2.-(RINDO) Aqui a gente se diverte.* O sujeito A aqui se apresenta mais expansivo e assumindo mais uma vez, sua posição de falante. Dessa forma, entendemos que o sujeito para a AD, não é o indivíduo, mas a posição ideológica a partir da qual os sentidos são constituídos. Assim, em AD, não falamos de um sujeito único, mas várias posições-sujeitos que estão relacionadas às formações ideológicas por meio das formações discursivas.

O fato de destaque a partir da sequência discursiva III para esse sujeito da pesquisa é que o sujeito A passa por um processo de contraidentificação contrapondo-se à forma-sujeito e aos saberes que ela organiza no interior da FD. Nesse momento, percebemos que o sujeito em análise, quando diz na sequência discursiva III, no segmento A4 [....]. A gente não é besta, já consiste em uma separação, contestação em relação ao que diz da forma-sujeito afásico. Entretanto, cabe frisar, de imediato, segundo Indursky (2011), que esta tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contraidentificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, ou seja, sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à FD, partindo para a modalidade de desidentificação da forma-sujeito afásico cristalizado pelo visão organicista, pois como vemos em vários segmentos que o sujeito afirma que fala, segmento A5-Tem que falar aqui a gente fala, A2-(RINDO) Aqui a gente

se diverte. A gente fala. Nessa modalidade, o sujeito se desidentifica com a forma-sujeito da FD, no caso Afásico com perturbação na linguagem, promovendo a transformação do "Sujeito" da FD em questão. Essa modalidade Pêcheux denomina de posição não-subjetiva, porém, ressalta que a ideologia não desaparece ([1975] 2010, p. 271); ocorrendo uma desorganização das Formações ideológicas com as Formações discursivas. Segundo o filósofo da AD, o sujeito não "desaparece"... o sentido não "morre," o que consiste na verdade é num trabalho na e sobre a "forma-sujeito" (PÊCHEUX [1975] 2010, p.271), de modo que a interpelação ideológica continua a atuar, porém, "contra si mesma".

Segundo Indursky (2000), nesse processo de desidentificação, o sujeito rompe com a formação discursiva em que se inscreve, e por via de consequência, com a "forma-sujeito que organiza os saberes da referida formação discursiva" (INDURSKY, 2011, p.74), para novamente se identificar com outra FD, ou seja, o sujeito não torna livre, o que acontece é "deslizamento de uma forma de subjetivação para outra" (ibidem, 74). Como vemos nas palavras da autora Indursky (2011):

[...] o sujeito **rompe** com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito. A partir desse momento o sujeito do discurso não apresenta mais nenhuma identificação com o saber da forma-sujeito. Não se trata mais de uma desidentificação parcial. Trata-se agora, de uma desidentificação completa. O que ocorre é uma **ruptura** com os saberes de uma FD e a consequente desidentificação com sua forma-sujeito e a subsequente identificação com outra FD e sua respectiva forma-sujeito [...] (INDURSKY, 2011, p.85, grifo nosso).

Percebemos que esse sujeito passa a se identificar com outra formação discursiva, "rompendo" com a formação discursiva de sujeito-afásico incapacitado de falar e se identificando com a formação discursiva de um sujeito afásico-falante. Nesse caso, trabalhos na área de gagueira (AZEVEDO, 2006; 2013), em alusão à afasia, trouxeram luz a questões dessa natureza, evidenciando essa mudança numa perspectiva linguístico-discursiva; como elucidado nas palavras da autora:

Refletir sobre o sujeito inserido numa sociedade que discrimina pessoas com gagueira é pensar também num processo de reabilitação, cujos resultados podem livrá-lo de um caminho tortuoso e nocivo. A quem devemos compreender? O sujeito-gago ou a linguagem patológica? Não convém separá-los. Há um sujeito que fala, um sujeito constituído na/pela linguagem, inserido numa sociedade pautada por valores ideológicos, que interpelam os indivíduos enquanto sujeitos do seu dizer (AZEVEDO,2006).

Constatamos, então, em consonância com os dizeres da autora, que a vivência desses sujeitos em grupo de convivência os fortalecem a dizer que é um sujeito na/ pela linguagem como encontramos como exemplo nos segmentos "Tem que falar aqui a gente fala" e Aqui a gente se diverte (rindo), focando a importância do grupo para o processo de interação.

5.3 Análise: A palavra Afasia pelo Afásico: compreendendo possíveis efeitos de sentidos a partir do discurso, da palavra em movimento

O silêncio é o lugar onde a palavra se prepara para ser dita a seu tempo, ao tempo da verdade. E, uma vez enunciada a verdade, teremos a certeza de que ela se engrandece no silêncio" (NASIO, p.100, 1989).

Nesta análise, vamos dar destaque ao sujeito C que evidencia com frequência, em suas falas, a palavra *afasia* no transcorrer das atividades. Como neste trabalho apresentamos um estudo longitudinal, trazemos aqui sequências discursivas de 2015, 2016 e 2017 do mesmo sujeito.

Sequência discursiva - V - JUNHO - 2015

Nesta sequência discursiva, os componentes do grupo foram orientados a discutir sobre suas crenças, lendas, verdades e concepções, referentes a qualquer temática.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-A segunda pergunta é: estalar os dedos engrossam as juntas? O que é que vocês acham?

D1-(põe a mão na frente, pressionando o dedo indicador contra o polegar para

reproduzir o som) Aí é assim, OH!

D2-Acho Não, Engrossam os dedos não.

A1-Também não.

B1-Não... Não... rapaz...

C1-Ah, sim (começa a estalar os dedos um de cada vez, balançando a cabeça dizendo que sim, e depois estala todos de uma só vez).

C2-(passa a folha da ata para o investigador, aponta para uma palavra e a lê) afa - fasai.

PII-Afasia.

C3-ÉÉÉééé.

(faz movimento com a cabeça, inclinando-a para frente e para trás e gesticula com a mão fechada e o dedo polegar levantado, informando que sim)

C4-A-FA-SAI... AFA-SAI.

(pega uma folha de papel e tenta escrever a palavra afasia)

C5-Afasia... Por quê?

C6-Depois?

PIII-Depois? Depois perde um pouco o contorno da linguagem, mas com a prática, e a discussão, volta. Veja o que você escreveu aí.

C7-Afasia (suspende as duas mãos ao lado esquerdo do rosto e assobia, tentando imitar o som de uma flauta)

C8-(passa a mão esquerda sobre a cabeça, fazendo movimentos circulares, imitando o som de uma máquina de cortar cabelo)

C9-'Cabou'

Nesta sequência discursiva, observamos o Sujeito C diante da atividade. Ele passa para o pesquisador a ideia de que não consegue falar e questiona por que tem afasia. Percebemos que o discurso organicista está presente, ele sente a necessidade de falar, como vemos no segmento C3 ÉÉÉééé (faz movimento com a cabeça inclinando-a para frente e para trás e gesticula com a mão fechada e o dedo polegar levantado, informando que sim) também de questionar sobre a doença, como vemos no segmento C5-Afasia... Por quê?. Com isso, evidenciamos a importância do pesquisador para a conversa com o sujeito C quando este fala no segmento PII Depois? Depois perde um pouco o contorno da linguagem, mas com a prática, e a discussão, volta. Veja o que você escreveu aí. Neste momento, percebemos a necessidade do pesquisador,

fato que já foi destacado em trabalho anterior (COSTA, 2015) de deixar claro para o sujeito que ele está sendo entendido, o que representa um excelente retorno para esse sujeito. Esse movimento entre os integrantes afásicos e os não afásicos faz parte da característica do Grupo de Convivência de Afásicos da Católica (GCA). Tal fato reafirma o interdiscurso, que se constitui de um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos (ORLANDI, 2007, p. 33). Isso implica afirmar que para que o que falamos faça sentido é necessário que já faça sentido antes.

No sujeito C predomina a dificuldade no eixo metonímico, de que nos fala Jakobson ([1969], 2010), em que se nota maior alteração na combinação "em presença," ou seja, o distúrbio da contiguidade. Neste caso, a linguagem parece "faltar," enquanto a compreensão se apresenta mais preservada.

Sequência discursiva - VI - 2016 - ABRIL

Nesta sequência discursiva, é apresentado o discurso dos sujeitos afásicos durante uma brincadeira em que os integrantes do grupo foram convidados sequencialmente a tirarem o chapéu para uma pessoa que admiram, e, consequentemente, justificar os motivos da admiração, ou seja, os atributos do homenageado.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-Você tira o chapéu para Lula?

A1-Tiro.

D1-Tiro, foi o melhor até agora.

B1-Aqui... oh! (com o dedo polegar para cima).

E1-É... tiro... (rindo).

F1-Não, Lula... não.

C.-É... SIM (passa a folha da ata para o investigador e aponta para uma palavra).

PII-Afasia.

C2-(faz movimento com a cabeça inclinando-a para frente e para trás, e gesticula com a mão fechada e o dedo polegar levantado, informando que sim). ÉÉÉééé.

C3-(pega uma folha de papel, tenta escrever a palavra afasia e a lê) A-FA-SAI... AFA-SAI.

C4-AFAsia. Por quê?

PIII-O som do F, aFA-Afasia.

C5-(tenta reproduzir o som do F e em seguida passa o dedo sobre o meio da testa e o leva para a parte de trás da nuca). Depois?

C6-(fica repetindo a palavra AFASIA) (AFA-SIA).

Encontramos o sujeito C em outra atividade, agora no ano de 2016, trazendo a palavra AFASIA se dirigindo ao pesquisador, novamente, fato que já destacamos na sequência discursiva V, e, com isso, percebemos a relação de forças que tem o pesquisador, como sujeito participante do grupo. Segundo Orlandi (2012) as relações de força se referem à posição que o sujeito ocupa no discurso de onde fala. Dessa forma, se o sujeito falar a partir do lugar de professor/pesquisador, suas palavras têm mais valor do que as ideias dos alunos, o que é notório quando o sujeito C procura saber do pesquisador a resposta sobre Afasia como vemos no segmento **C4**-AFAsia. Por quê?.

Outro aspecto interessante a ser analisado quanto ao sujeito afásico, concernente a sua prática discursiva, diz respeito às formações imaginárias, que, segundo Pêcheux ([1969] 1990), são as imagens que emissor e receptor do discurso fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. É provável que seja por via das formações imaginárias que o sujeito afásico se auto avalie como o sujeito que não "pode dizer", pois imagina que o outro não o compreenderá ou não há de querer aguardar para que ele organize suas ideias e as emita num tempo um pouco maior que o "normal". Usam-se as aspas porque, até mesmo em um discurso dito normal, em várias situações existe a necessidade de se demorar um pouco mais para organizar melhor a linguagem e transmiti-la de forma mais coerente e compreensível. É este fato que o sujeito acometido pela afasia necessita compreender para se sentir mais autônomo e confiante na linguagem.

Sequência discursiva - VII - 2016 - MAIO

Nesta sessão, os componentes do grupo foram estimulados a adivinharem quais são as músicas que serão colocadas para que os

componentes do grupo escutem, assim como, discutissem que sentimentos e que lembranças teriam, ao ouvirem as músicas, sejam emoções felizes ou não.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI.-É: Os Paralamas do Sucesso terão miopia eu hipermetropia. Sujeito C acertou.

C1-O óculos.

PII.-O Sujeito C acertou. Canta, Sujeito C.

C2-(balançando a cabeça e apontando para a boca)-afafa si a. (silêncio)

PIII.-Tem uma novela na Globo que tem o nome da música, quem lembra? É além do...?

A1-Além ho-ro-ri-zonte.

PIII-É de Chico Buarque. O nome da música é *Quem te viu quem te vê*. Alguém lembra? Vamos tirar outra, A PISTA É: Telefonema a um extraterrestre muito conhecido pela voz de Elis Regina e Rita Lee.

B1-Marciano, nannannan na, da terra na nana (CANTAROLA).

PV-A PISTA É: Cante assoprando velinha.

F1-Parabéns pra você, nesta data querida.

Nesta sequência discursiva, vemos que o Sujeito C participa da atividade, responde corretamente a pergunta do pesquisador sobre a música do grupo Os Paralamas do Sucesso, como observamos nos segmentos PI e C1, mas, logo após, retoma a palavra AFASIA no segmento C2-(balançando a cabeça e apontando para a boca)-afafa si a.

Esse sujeito estranha sua forma de falar, segundo as autoras Lier-de-Vitto (1995), Fonseca (1998), Vorcaro (2002) e (Vieira) 1992, "o afásico estranha sua condição de falante" marcando esse sujeito na formação discursiva de sujeito afásico com a incapacidade do dizer evidenciado quando ele tenta dizer a palavra "afafa si a," quando também há, no decorrer de sua fala as hesitações e paradas longas de silêncio.

Da mesma forma que estranha o seu dizer, este é apagado e silenciado pelo pesquisador, que não o significa, em C2: (balançando a cabeça e apontando para a boca)-afafa si a (silêncio); PIII.-Tem uma novela na Globo que tem o nome da música, quem lembra? É além do...? Há uma ruptura no

dizer, um não estranhamento de um significante deslocado das condições de produção e a fala de PIII vai para outro espaço: o de silenciar o dizer de C e retomar o tema da música.

O sujeito é apreciado como um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos ao formularem o enunciado, tendo papel no "processo de organização da linguagem e não como "fonte geradora de significações" (BRANDÃO, 2002, p. 30). Esse processo de (re)organização da linguagem não é "privilégio" exclusivo do afásico, é um fator intrínseco à posição-sujeito social e historicamente determinada e regulada pela formação ideológica. O sujeito afásico, atravessado pela formação ideológica, ocupa um lugar em que suas atitudes não são nem individuais, nem universais; são resultado da posição ocupada (afásico) em conflito com a posição-sujeito "normal" (professor, doutor, pai de família etc.). Daí seu discurso ser caracterizado por expressões como "não sei", "tá aqui, mas não consigo dizer" (apontando para a cabeça, referindo-se à mente) com a finalidade de fazer o outro entender que ele não ocupa mais uma posição de "domínio de sua linguagem". Esses dizeres do sujeito afásico também remetem à formação discursiva bem marcada em seu discurso, uma vez que é a formação discursiva que regula "o que pode e deve ser dito" e um lugar social e historicamente determinado, ocupado agora por um sujeito que, em sua perspectiva, "não consegue", "não pode", não mais ocupa o lugar de chefe da família, depende dos outros para conduzi-lo à terapia, para preparar sua refeição etc.

Outro princípio de exclusão existente na sociedade é o de separação e rejeição. Esse princípio concebe o louco como aquele cujo discurso é impedido de circular como o dos outros. Hoje, já há algumas modificações, pois, a palavra do louco não é mais inaceitável, já se busca um sentido para ela (FOUCAULT, [1970] 2004). Nessa perspectiva, o discurso do sujeito afásico, durante bastante tempo, foi contemplado como um discurso "não-normal", discurso do louco, por assim dizer, sendo rejeitado. Hoje, assim como o discurso do louco, o discurso do afásico tem mais aceitabilidade. Essa aceitabilidade, que, de acordo com Marcuschi (2009), é um dos fatores de textualidade, não é o fator mais importante a se considerar em relação ao

discurso do afásico. O mais importante é o sentido de que é carregado esse discurso.

Sequência discursiva - VIII Agosto 2017

Neste encontro, os componentes do grupo foram estimulados a discutirem sobre o que eles mudariam em suas vidas, seja em relação aos hábitos diários, interação com as outras pessoas, investimentos na saúde e na educação, entre outros.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-Seu C, e você, quais foram os impactos do AVC na sua vida? SUJEITO C, tu malhava antes?

PII-Seu C, tu malhava antes?

C1-Gordo.

PIII-Fumava, bebia.

C2-sim, é... é...

PIV-E durante o dia, tu faz o quê, em casa?

C3.-(Faz gestos que fica no computador escrevendo)

P5-Tu sai em casa pra fazer algum pagamento com teu pai?

C4-Sim.

PV-Ele (SE referindo AO PAI DO SUJEITO C) gosta de política?

C5-Lula, lula, presta atenção.

PVI-Seu C, o que você hoje acha que é capaz de fazer?

C5-Aqui, cabou.

PVII-Além disso, você faz ginástica, vai pro computador?

C6-Cabou.

PVIII-O que você entende da afasia quando falam pra você?

C7-(Faz gestos de uma pessoa sem ar)

C8-Deus, Deus.

PIX.-Você entende tudo o que a gente fala?

C9-Sim.

PX-Você se acha doente?

C10-Não.

C11-Afasia.

PXI-Você se vê diferente hoje, em quê?

C12-Sim. Aqui?

PXII-É importante vir ao grupo, acha legal?

C13-Sim.

Nesta sequência discursiva, percebemos os dizeres, mais uma vez, evidenciados na palavra Afasia, resultando em que depois do evento da Afasia sua vida não é a mesma. Encontramos essa afirmação nos segmentos **C5**-*Aqui, cabou* e segmento **C6**-*Cabou*. Na análise do discurso, qualquer repetição traz efeitos de sentidos diferentes, porque a repetição, em AD, não significa o mesmo dizer, como em outras teorias (ORLANDI, 2007), porém neste sujeito, que se utiliza sobremaneira da linguagem escrita e sempre está nos encontros com uma folha de papel, os efeitos de sentido da paráfrase sempre podem ser outros.

Dessa forma, em diferentes segmentos, em sequências discursivas diversas, como na **Sequência discursiva - V - segmento C4-***A-FA-SAI... AFA-SAI* (pega uma folha de papel e tenta escrever a palavra afasia); **Sequência discursiva - VI C3-**(pega uma folha de papel, tenta escrever a palavra afasia e a lê) A-FA-SAI... AFA-SAI ou no computador escrevendo como observamos na **Sequência discursiva - VIII no segmento C3.**-(Faz gestos que fica no computador escrevendo), o sujeito C demonstra um efeito parafrástico, de dizer o mesmo, ou seja, sua fala gira em torno da afasia, saber o porquê, justificar as impossibilidades linguístico-discursivas e sociais, por exemplo.

Nesse sentido, podemos afirmar que no discurso de C, "dizer o mesmo" tem o efeito de deslizamento de sentidos e caminha para movimentos diferentes.

Sequência discursiva - IX Outubro - 2017

Neste encontro, os participantes do grupo foram orientados a realizar um autorretrato com suas características comportamentais, interacionais, emocionais e físicas.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-E você tá achando melhor a fala?

A1-A primeira coisa, a turma abusa eu abuso também. Se a senhora vê, ai, ai, ai.!

B.-Aqui, rapaz. Exercício.

P2-Muito bem, malhando, Cooper, andando na praia?

B2-Não. (Faz gestos com a mão de exercício). Na praia.

P3-E da fala, o que o senhor tá achando?

B3-(Balança a cabeça negativamente). Aqui, rapaz!

C1-Sim.

PIV- Tá achando melhor do que os outros anos?

C2-Macom.

PV-Você acha melhor aqui no grupo do que em casa?

C3-Sim.

P6-E você, em casa, conversa muito?

C4-Cabou...por quê?... (apontando para a boca).

C5- SILÊNCIO

Nesta sequência discursiva, evidenciamos que C apresenta uma ótima compreensão da linguagem, acompanhando tudo o que é discutido no grupo, como vemos nos segmentos C1 e C2. Porém há dificuldades na fala e na escrita. Percebemos que no transcorrer dos anos 2015 a 2017, a palavra "cabou" representa a impossibilidade do dizer e ainda fortalecendo esse efeito de sentido quando o sujeito faz o gesto de negação apontando para a boca. Esses dizeres do sujeito C remetem à formação discursiva, em sua perspectiva de que "acabou a fala".

Nas sequências discursivas de **V a IX**, no que se refere ao **Sujeito C**, observamos que, independente das temáticas abordadas nas atividades do grupo, esse sujeito sempre traz à tona a palavra e a ideia da "Afasia". Sabemos que é natural no quadro clínico desse sujeito, que está inscrito na visão organicista, que a partir do evento da afasia, a perda da fala é comum, ou seja, o funcionamento da linguagem é abalado. Como neste trabalho buscamos um afastamento da visão doença-doente, propondo o estudo das afasias numa

questão linguístico-discursiva, começamos a interrogar a relação do sujeito com a palavra afasia presente no seu discurso que é o foco desta análise.

A grande questão é que, se "antes" via com limitações na fala, "hoje/agora", após os encontros no grupo, o tempo é outro, pois internalizou o conceito de alternativas para a fluência na fala, mostrando que ressignificou o conceito que estava sedimentado no imaginário social (AZEVEDO, 2013).

Nas palavras de Pêcheux ([1975] 2010) o discurso é efeito de sentido entre interlocutores, o que traz em si a ideia de movimento da linguagem em funcionamento, de acontecimento, dessa forma, passa por questões intrínsecas do sujeito. O que percebemos para esse sujeito é que o acontecimento da afasia é um marco para significar o antes de ser afásico e o depois da afasia, que neste sujeito a condição afásica o faz sofrer, que o remete à perda da vigência do dizer, como observamos.

Com isso, há uma tomada de posição subjetiva e objetiva, que conduz ao trabalho de transformação da forma-sujeito (PÊCHEUX, [1988] 2014). Em resposta a essa questão, Indursky (2011), reitera que, "o sujeito rompe com a FD em que estava inscrito e com a qual se identificava e passa a identificar-se com outra FD e com sua respectiva forma-sujeito" (*op. cit.*, p.85).

Acerca disso, Friedman e Cunha (2001), discutindo sobre gagueira, informam que quando esse mito está presente no processo de socialização primária, pode levar a interpretações prejudiciais e indesejáveis de momentos de fala repetitivos, disfluentes. E assim, abre-se a possibilidade de que sentidos negativos se ancorem subjetivamente às vivências da produção de fala. A visão de mau falante fará parte da versão de si como pessoa, dando lugar a uma subjetividade que se processa a partir de uma imagem estigmatizada de falante (FRIEDMAN e CUNHA, 2001).

Neste momento, percebemos que para o **sujeito C** a sua posição é de quem sabe o que quer dizer, mas não consegue falar, esta é a experiência de desencontro, marca de uma história para o sujeito, a partir da afasia o sujeito passa a ter uma ruptura entre sujeito e língua, como se o sujeito e a fala não se encontrassem. O pesquisador faz uma pergunta ao sujeito e ele responde

falando a palavra "afasia." O mesmo se sente marcado fora da linguagem, situado na posição de não falante, embora se observe o uso de linguagem.

Esse sujeito encontra-se preso à formação discursiva com a qual se identifica, inscrevendo-se na posição sujeito-afásico, ou seja, o sujeito reproduz os sentidos inerentes à FD na qual está interpelado. Seu discurso é marcado pela posição que atesta o discurso do afásico, que se encontra preso no discurso da impossibilidade do seu dizer, como vemos na sequência discursiva I dos segmentos **C.4.**, **C.5.**, e **C.7**.

Discursos como estes cristalizam o sujeito numa posição que atesta a formação discursiva de sujeito afásico, como tendo dificuldade para se expressar ou o próprio silêncio como sendo parte da formação discursiva, já que é comum para o sujeito afásico a questão do silêncio. Por muitas vezes, o sujeito C apresenta a linguagem não verbal, a escrita, por exemplo, como saída para poder se expressar.

Orlandi (2002) diz que "as palavras transpiram silêncio." Podemos pensar que o silêncio não é aquilo que resta da linguagem. O silêncio não é o resto, mas algo que constitui o processo de significação. O que percebemos é que o **sujeito C**, ao responder ao pesquisador, ou até mesmo ao perguntar ao pesquisador sobre a afasia, traz inúmeros efeitos de sentido na paráfrase.

Dessa forma, pode existir mais sentido na intercalação entre o silêncio e a fala aparentemente desconecta, do que em discursos contínuos e diferentes. Nesse sentido, Orlandi (2002) afirma que se deve pensar no silêncio como processos de significação, isto é, o discurso. Nessa perspectiva, o silêncio significa. No caso dos sujeitos afásicos desta pesquisa, na maioria das vezes, optam por assumir uma posição de silenciamento diante da fala. O silêncio pode estar vinculado à dimensão de incompletude, em que todo dizer está relacionado ao não dizer. "Pode (-se) pensar o silêncio não como falta, ao contrário, pensar a linguagem como excesso" (ORLANDI, 2002, p. 33).

Nesta perspectiva, no silêncio há sentidos, pois ele significa algo a ser dito, através do não dito. Nesse caso, o silêncio, da forma como está abordado, não é vazio e sem sentido. Ele causa efeito no outro, que vê a linguagem significar, sair do vazio e instaurar algo a ser dito (ORLANDI, 2002).

A palavra AFASIA carrega um sentido que leva para a ideia do silêncio, de não conseguir falar, conceito cristalizado na área médica. Porém observamos que quando o pesquisador pergunta sobre a questão "estalar os dedos engrossam as juntas?" ele responde que "sim" mas logo após tenta escrever a palavra afasia no papel, e termina perguntando ao pesquisador - Afasia... Por quê? O que percebemos é que o **sujeito C** justifica o não conseguir falar para o pesquisador pela palavra AFASIA. Esse é um dos efeitos possíveis no dizer de C.

Segundo Orlandi (2012), as palavras silenciadas são aquelas que poderiam ter sido ditas, mas que permanecem em suspense, não deixam de existir, são silenciadas, no caso do afásico em questão.

5.4- Análise: Grupo Família: um espaço que traz significação e ressignificação para a compreensão dos sujeitos afásicos

Nesta seção, serão apresentadas as sequências discursivas resultantes dos encontros mensais com a família dos sujeitos afásicos que fazem parte do Grupo de Convivência de Afásicos-GCA da UNICAP.

Inicialmente, ressalta-se a dificuldade em promover os encontros com os familiares, seja pelo desinteresse em participar ou pela falta de tempo disponível em horário comercial que facultasse o encontro de todos.

Do total de afásicos, apenas um não mora com familiares, pois logo após receber o diagnóstico de afasia, fez a escolha de morar só. Os demais moram acompanhados de um ou mais familiares. Destacamos que embora quatro dos sujeitos estudados neste trabalho habitem na mesma residência com familiares, alguns nunca se fizeram presentes na reunião e suas relações com esses não puderam ser investigadas.

Com muito esforço, foram realizadas mensalmente entre os anos de 2016 e 2018 quinze encontros com a família de cinco sujeitos afásicos. A partir daí, foram selecionadas as sequências discursivas abaixo. Embora com poucos participantes, o desenvolvimento dos diálogos e os registros foram suficientes para o alcance dos objetivos propostos, especificamente no que se refere ao entendimento do comportamento e suas respectivas interações linguísticas com familiares e amigos no ambiente doméstico, assim como a visão dos familiares sobre as dificuldades decorrentes da afasia.

No que se refere à apresentação das sequências discursivas, foi utilizada a mesma legenda dos discursos dos afásicos, porém acrescentando a letra F para representar a família do sujeito da respectiva sequência discursiva.

Como esta análise visa a entender o sentido do discurso dos familiares afásicos diante das condições de produção durante o convívio com os sujeitos afásicos, ressaltamos a importância da base teórica da Análise do Discurso de linha francesa (AD), dentre os diferentes conceitos mobilizados por essa teoria.

Nesta perspectiva, destacamos especialmente, o jogo de imagens presentes no discurso, ao que Pêcheux ([1988] 2014) chamou de Formações imaginárias, sendo aqui priorizada a questão "como a família vê o sujeito afásico"? O conceito de Formação imaginária já foi abordado no capítulo teórico e em análises anteriores e refere-se às posições que o sujeito atribui a si e ao outro no processo discursivo. Especificamente, buscaremos compreender a imagem que a família faz do sujeito afásico, o que é exposto e o que é silenciado, ou seja, quais os efeitos de sentido possíveis nessas relações.

Sequência discursiva I - Março 2016 (PRIMEIRO ENCONTRO)

Neste primeiro encontro, os familiares de sujeitos afásicos do Grupo de Convivência de Afásicos da UNICAP (GCA) foram questionados sobre como se deu o diagnóstico da afasia do respectivo afásico que representa como família e como se dá sua interação no dia a dia entre eles.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-Sujeito D fica impaciente com a fala?

FD1-Quando ele começou, ele não falava não. Mas foram só alguns dias. Muito difícil no começo ele deixar de trabalhar. O médico dizia que a fala ia voltar aos poucos.

PII-O médico, quando deu o diagnóstico, falou de afasia?

FD2-Não lembro! O que é isso? A fala do meu velho voltou logo. Ele me aperreia tanto pra eu vir para cá, mas me ajuda. Ele ficou com dificuldade para andar. Mas através da médica ele começou a andar.

PIII-O que ele gosta de fazer?

FD3-Ele assiste jornal. Adora.

PIII-Sujeito D convive com todo mundo?

FD4-Ele só come quando eu chego, se eu tiver em casa ele come, senão espera eu chegar. Ele é uma pessoa que não liga pra nada. Eu não saio só, porque tenho pena do bichinho. Ele toma o remédio, tudo no horário certo. Ele não deixa eu lavar prato, limpar fogão e regar o jardim. E não deixa lavar a roupa dele não. Meu velho dorme muito na televisão, agora jogo não dorme!

PIV-Ele fazia isso antes do AVC?

FD5.-Não, ele trabalhava.

PIV-Sujeito E, como está?

FE1-Dorme até certas horas do dia. Eu saio pra trabalhar de madrugada, tem dia que ele não almoça. Troca a noite pelo dia, eu querendo dormir, ele acordado. Agora em casa faz tudo! Ele ajeita tudo, agora é curioso. Tem coisa que eu digo, não mexe em energia. Ele cozinha, ele lava, ele passa.

PVI -Dentro de casa, faz as rotinas da casa, ele ajuda em tudo?

FE2-Ajuda em tudo. Quando ele não acerta as coisas, ele dá tanta porrada, só isso!

PVII-O médico quando deu o diagnóstico, falou de afasia?

FE3 -Acho que falou. Mas não lembro direito. Posso olhar nos papeis dele. Nessa época foi difícil, porque ele deixou de trabalhar.

PVIII-Ele faz tudo em casa? O comportamento de casa... ele não é agressivo não?

FE4- Ele só fica agressivo quando o neto chega. Porque ameaçou ele de morte. Esse menino usa droga!

P9 -Antes de ele ter o AVC, ele era assim?

FE5-Sempre era assim. Ele ficou mais agressivo com o neto porque o ameaçou de morte.

PX- No dia a dia, ele fica só?

FE-Fica só, até eu chegar. Ele sai pra rua, pra cidade, andar. Ele não é muito de

visitar as pessoas não, ele só vai quando eu insisto muito. Só sou eu e ele. Ele gosta de sair. Principalmente para o grupo. Agora ele se aperreia para escrever! Um recado, porque ele não escreve. Agora dá uma conta pra ele, resolve logo.

PXI-Ele escrevia antes do AVC?

FEVII-Ele escrevia. Ele está nervoso. Ele era, mas agora tá pior.

PXII-Como está Sujeito B?

FB1-O problema dele é que ele não entende! Quer dizer, entender ele entende. Ele também se faz de doido, quando ele não quer.

PXIII-Fale um pouquinho da rotina dele, das dificuldades que vocês têm no dia a dia e também o que você sente de maior dificuldade dele.

FB1-Ele, às vezes, quer falar as coisas e não consegue. Eu fico aperreada, vá com calma! Tem ocasiões que sai. Ou então ele tenta e, a palavra que ele sempre diz: acabou! Frases ele nunca forma, só palavras. Agora quando tá com raiva sai! **PXIV-**Ele gosta muito de música. Aqui, no grupo ele sempre participa das atividades com música.

FB2-Ah, música ele se solta. Ele gosta muito, fica no subconsciente. Quando é pra ele cantar só, ele fala algumas coisas assim. Agora ele tá mais quieto. Depois da cirurgia de catarata, pela pouca visão dele a gente fica preocupada. Hoje mesmo ele quando vem pra aqui, acorda mais tarde, um pouco e não almoça. Ele gosta muito de vir para cá.

PXV-Quando o médico deu o diagnóstico, falou sobre a Afasia?

FB3-Falou sim, disse que tinha atingido muito a fala. Foi muito difícil essa época! **PXVI-**Em casa, como ele fica?

FB4-Calado, no quarto. Agora, na hidro, todo mundo é louco por ele lá. Passeia, ele pega o dinheiro e vai para o Hiper. Não tem ali um monte de farmácia, perto do Hiper da Caxangá? Eu cheguei na farmácia do trabalhador e fui comprar os remédios para ele. Quando ele entrou, falou com todas as meninas, fala com uma, fala com outra. Ele sempre foi assim. Agora, ele fala tanto a palavra *rapaz*! Ele não faz nada, minha mãe que fazia tudo. Mas minha mãe nunca fez questão dessa presença em casa. Ele é muito organizado. Tocou a música, ele dança. O problema de painho é que ele se esqueceu do braço. Tem que deixar tudo ao redor dele pra ir pegando, só que ele pega com a direita.

PXVII-Sujeito A fica impaciente com a fala?

FA1-Não. Quando ele veio para cá não falava. Mas hoje... fala demais! Ele tem a cabeça muito boa. Ele é muito ativo, se aposentou e trabalhava. Mas hoje não vejo problema.

PXVIII-Ele ajuda a senhora em casa?

FA2-Só nos pratos.

PXIX-O médico, quando deu o diagnóstico, falou de afasia?

FA3-Posso olhar nos exames.

Na sequência discursiva acima, observamos que a afasia surge na vida do sujeito e nos seus familiares inesperadamente, uma vez que a mesma é decorrente de uma lesão adquirida no sistema nervoso central, devido a acidentes vasculares encefálicos (AVE), traumatismo crânio encefálico (TCE) ou tumores.

Percebemos, no primeiro momento dos encontros com os familiares a "imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A" (PÊCHEUX, ([1969] 1990, p. 83), da família para o sujeito afásico, que é a imagem do doente, da doença que é de intenso sofrimento, no qual os alicerces que dão estabilidade à família foram abalados, como podemos observar em FD1-[....] Muito difícil no começo; FE3-[....] Nessa época foi difícil, porque ele deixou de trabalhar; FB3-[...] Foi muito difícil essa época!

O imaginário nos encaminha à afirmação de Pêcheux ((1983] 1993, p. 75) de que "um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas", no caso, a palavra **difícil,** sendo estas definidas pelo autor como "as circunstâncias de um discurso".

Pela AD, analisamos a falta, o equívoco, mas também o que se repete, o excesso. No discurso das famílias, **difícil** é o que excede a afasia, marca-a como limitadora, é algo que determina a incapacidade, a mudança na vida do sujeito e da família. Nesse discurso, a afasia é **difícil** de aceitar, de suportar, de compreender. Assim, podemos afirmar que esta é uma paráfrase que precisa ser deslocada, pois apresenta efeitos de sentido que caminham para a impossibilidade.

Da mesma forma, o *trabalho*, no discurso *ele trabalhava*, é um significante que pede leitura. Também é analisado pela repetição, pelo excesso que há na fala da família. Assim como *difícil*, a *ausência do trabalho* parece

ser, para a família, algo que enfatiza o antes e o depois, a marca da afasia e o efeito de dependência e não trabalho, após a *doença*.

Os sujeitos que compõem o discurso, denominados como elementos A e B, para Pêcheux ([1975]1988) "designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais" ([1975] 2010 p.82), destacando que esses sujeitos que interagem no processo discursivo não são, apenas, pessoas físicas, empíricas, mas sujeitos marcados social, histórica e ideologicamente. Consequentemente, "A e B designam lugares determinados na estrutura de uma organização social" (idem, ([1975] 2010 p. 82), logo, como mencionado, cada sujeito enuncia a partir dos lugares sociais que ocupa).

Fica evidente que o acometimento da afasia provocou mudanças no âmbito familiar, primeiro no convívio em casa, uma vez que muitos afásicos ficam com dificuldade de se expressar verbalmente, tornando-se dependentes dos familiares para interagir domesticamente durante a realização das demandas fora da residência, ressaltando a potencial impossibilidade de continuar desenvolvendo atividades profissionais, o que gera diminuição da renda familiar e, consequentemente diminuição do padrão de vida, acarretando mudanças no cotidiano da família como nos projetos da mesma.

Com base na construção do discurso dos familiares, notamos que o adjetivo "difícil" traz o sentido que não é fácil, é a imagem que os familiares passam da questão do convívio com um sujeito afásico, por outro lado, sabemos que não temos aqui na pesquisa todas as famílias que convivem com o afásico. Assim, o que queremos dizer é que "difícil" pode ser exclusivo e limita esses familiares da pesquisa. Segundo Pêcheux ([1998], 2014 p. 176) "o que cai, enquanto significante verbal, no domínio do inconsciente está sempre já desligado de uma formação discursiva que lhe fornece seu sentido, a ser perdido no non-sense do significante", ou seja, o significante "difícil" é perpassado pela formação discursiva que constitui a família de um afásico que é a necessidade de rever modos e projetos de vida já que o episódio da afasia insere uma nova situação e com ela um "novo sujeito" diferente do que era conhecido para a família, assim como vemos nos segmentos FD4, FD5, FE1, FE e FB4 que suas atividades mudaram.

Sequência discursiva II ABRIL - 2016 Segundo encontro

Neste segundo encontro, tivemos a participação de apenas um familiar, especificamente a esposa do **sujeito E** e a equipe de pesquisadores e estudantes que acompanham os encontros. Desta forma, não foi escolhido um tema específico para nortear a conversa, mas, sim, se deixou um discurso livre sobre como está o **sujeito E** e sobre sua relação com seus familiares.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI-Como está o Sujeito E?

FE1-Ele só não pode ver o neto. Ele não abre a porta com medo dele entrar.

PII- Mas em casa com você, está bem?

FE2-Ele faz tudo, eu não posso falar nada, que ele está fazendo.

PIII-Mas ele se queixa de alguma coisa?

FE3-Ele tá falando muito pouco. Ele não escreve não. Esquece a palavra.

PIV-E quando ele esquece, você fala o quê?

FSE4-Tá bom, quando você lembrar, diz.

Nesta sequência discursiva, destacamos o silenciamento do qual o familiar fala do sujeito E. Esse sujeito apresenta muitas limitações linguísticas sem fluidez na linguagem, com grande dificuldade no eixo metonímico, de que nos fala Jakobson ([1963], 2010) na combinação das palavras, ou seja, evidencia o distúrbio conhecido como contiguidade.

Dessa forma, a linguagem parece "faltar" enquanto a compreensão se apresenta mais preservada. Percebemos que para o familiar acontece um estranhamento da fala do sujeito, como vemos no segmento **FE3**, comprovando que o evento da afasia repercute no sujeito afásico e no familiar. Porém destacamos aqui, que neste familiar encontramos especificamente no segmento "**FSE4-***Tá bom, quando você lembrar, diz*", a relação de forças que esse discurso pode acarretar no sujeito afásico, pois, conforme Orlandi (2002, p. 39), "podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz". Assim sendo, no momento de fala do familiar, além de o

discurso ser formulado pensando nos sentidos que serão interpretados pelos sujeitos, ainda entram em cena o poder, segundo o qual o familiar apresenta quando fala, reivindicando legitimidade e autoridade para seu dizer. Nesse sentido, o mecanismo da antecipação constitui-se como um caminho para o assujeitamento. De acordo com Orlandi (2002, p. 39), "esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte".

Outro efeito de sentido que podemos perceber na fala do familiar do sujeito E "FSE4-Tá bom, quando você lembrar, diz", que o mesmo opta por assumir uma posição de silenciamento, aceitando com facilidade a posição de não falante do sujeito E. A partir dessa narrativa, à luz da teoria de Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), o silêncio pode estar diretamente vinculado à dimensão de incompletude, em que todo dizer está relacionado ao não dizer.

Pode-se pensar o silêncio não como falta, ao contrário, pensar a linguagem como excesso (ORLANDI, 2002, P.33).

Nesta perspectiva, no silêncio há sentidos, pois a forma como o familiar diz que "quando você lembrar diz" mostra que o familiar tem o conhecimento que, diante do quadro da afasia, as pausas, a falha, o silêncio e demais alusão à falhas na comunicação é normal para o afásico, não querendo deixar o sujeito com a demanda se se expressar oralmente sem ter condições pra isso, buscando não causar ansiedade e frustração no sujeito afásico.

Um aspecto que merece destaque é que essa tentativa de "proteção" do sujeito afásico, embora evidencie cuidado, empobrece o dia a dia do sujeito de oportunidades para que ele desenvolva estratégias alternativas de comunicação, assim como que ele se insira novamente na conversação e nas demandas do dia a dia, porém com formatos interacionais e de comunicação diferentes, mas que estabeleçam uma comunicação efetiva. Ressaltamos mais uma demanda dos grupos de convivência e dos familiares, que corresponde em alertar e ressaltar e enfatizar a importância do estimulo à fala para a geração de interação entre sujeitos afásicos, sempre respeitando o tempo requerido por cada afásico para responder e participar, seja de forma oral, gestual ou por escrita.

Sequência discursiva III Agosto - 2017 -

Este representa um dos últimos encontros com os familiares. Participaram dois familiares dos sujeitos afásicos (Sujeitos B e C) e a equipe de pesquisadores e estudantes que acompanham os encontros. Os familiares foram questionados sobre como os sujeitos afásicos agem diariamente, especificamente quais as atividades que rotineiramente eles realizam.

SEQUÊNCIA DISCURSIVA

PI - Como está Sujeito B?

FB1-Não quer que eu faça mais nada pra ele. Não quer que eu venha buscar ele aqui no grupo. Até a menina lá embaixo dona... esqueci o nome dela. Painho sempre foi uma pessoa que fez o que ele quis, mas depois do AVE piorou muito. Ele mora na casa de minha tia, ele faz o que ele quer, por isso que ele não gosta de ficar lá em casa.

PII- Ele mora com sua tia desde o AVC, é isso?

FB2-A minha mãe não gosta daqui, de Recife, então ela mora no RN, então no início ele morava lá, no interior. Fazia o tratamento dele lá, mas se perguntar pra ele, ele não lembra. Algumas coisas foram se apagando, por isso que quando eu disse a ele dos 11 anos do AVC, ele ficou assim espantado, ficou sem noção de tempo. Eu imagino que seja da afasia, não tem paciência. Ele toma os remédios direitinhos, mas não vejo resultado. Ele é ótimo aqui. Ele gosta do grupo.

PIII-Ele se alimenta bem?

FB3-É, então, assim, um pratão de fruta, ele gosta de ficar até tarde vendo TV sentado. Ele sempre vê TV Cultura, e é ligado na política. Ele não consegue ler, ele diz a palavra e não consegue juntar. De combinação, ele diz soltas, palavras soltas. Não é fácil, é tudo muito lento. Ele fez vários encontros de fonoaudiologia e se abusou. Quer andar sozinho! Mas aqui, ele gosta!

PIV -Ele canta e dança em casa? Porque é o que ele gosta mais de fazer aqui no grupo.

FB3-Em casa não. Ele conversa muito pouco, fica mais vendo programa de TV. Mas sabemos que é por causa da afasia. Às vezes, meu marido chega e fica brincando com ele. A minha imagem tornou-se de cobrança. Minha tia passa a mão. Irmã dele, ela sai pra viajar. Eu o chamo para ir para a Barra, a gente passa um fim de semana

diferente, aí nós íamos, ele não quer ir. Sempre foi assim. Agora aqui, mesmo falando mal, ele gosta de ficar aqui.

PV-Que bom que o senhor veio. Como está C?

FC1-É muito difícil arrumar tempo. Minha esposa muito doente. O que vejo é que ele não tem mais aquela alegria, ele não tem. Ele não fala nada!

PVI- Mas isso foi antes ou depois do AVC?

FC2-Depois. Ele tinha uma alegria, muitas amizades, uma coisa incrível, até demais, antes do AVC. Ele se separou da mulher.

PVII- Mas eles se separaram antes ou depois do AVC?

FC3-Antes, a separação veio antes, isso porque a linha de pensar deles não combinavam. Houve também o desquite do casamento, e etc. Ela ficou na casa da mãe dela, e ele ficou na minha casa, e ela levou a filha, claro.

PVIII-Ele, assim que teve o AVC, perdeu a fala?

FC4-Perdeu a fala. E as cordas vocais, tá no laudo. Eu botei ele na Fonoaudiologia, em Boa Viagem e ela falou que eu teria dificuldade de falar com ele. O que ele fala é palavras soltas. Mas ele não sabe dizer uma frase, unicamente soltas. Não canta.

PIX -E o comportamento em casa?

FC5-O comportamento em casa mudou, ele não janta nem almoça na mesa comigo, depois do enfarte. Eu pergunto, ele não, maluco, ele diz pra mim. Come na mesa da cozinha.

PX-Quando o médico deu diagnóstico falou de Afasia?

FC6-Sim, muito difícil essa época. Ela olhava para mim e colocava a mão na garganta. Hoje ele diz: Fala, Por quê? Deus!

PXI- Ele gosta de vir para o grupo?

FC7-Sim. Eu gosto também porque sei que aqui ele se diverte, fala, não é?

PXII- Em casa, como ele fica?

FC8-Ele se isola. Ele tá com um problema neurológico, só de entrar no quarto dele.

Tudo espatifado, ele não deixa a mulher que faz faxina entrar no quarto dele.

PXIII-Como você vê C?

FC7-Um homem triste! Calado! Só vive no computador e na televisão. Agora ele lava sua roupa, lençol de cama, ele não quer que lave na máquina, ele mesmo lava, tem o cuidado de lavar. Sei que não podemos exigir nada dele.

PXIV -Como ele se comunica mais com o senhor?

FC7- É..., pelos gestos. Às vezes ele usa assim e às vezes ele procura uma forma de se comunicar muito difícil. Por exemplo, ontem, essa noite, ele pegou um copinho básico, pra dizer que vinha para cá. Ai, eu: muito bem, amanhã eu vou pra lá, só que

Na sequência discursiva acima, participaram do encontro os familiares dos sujeitos B e C, que são dentre os sujeitos do grupo, os que apresentam maior dificuldade na fala. Observamos no discurso do familiar do sujeito B efeitos do discurso organicista que traz a concepção da impossibilidade do dizer, como observamos nos segmentos FB1 Painho sempre foi uma pessoa que fez o que ele quis, mas depois do AVE piorou muito. FB2 Algumas coisas foram se apagando, por isso que quando eu disse a ele dos 11 anos do AVC, ele ficou assim espantado, ficou sem noção de tempo. Eu imagino que seja da afasia, não tem paciência. [..]. e FB3 conversa muito pouco, fica mais vendo programa de TV. Mas sabemos que é por causa da afasia. Observamos que toda a atenção da filha se volta para o fato de ele ter esquecido as coisas, ou seja, para o seu erro. Pode-se pensar no efeito de sentido de "se apagando", antecipando sua condição de não-falante. A filha do sujeito B apresenta o discurso cristalizado de que o afásico não consegue falar.

Dessa forma, no campo da AD, o discurso se constitui sobre o primado do interdiscurso: todo discurso produz sentidos a partir de outros sentidos já cristalizados na sociedade. Então, podemos conceber a memória discursiva como sendo esses sentidos já cristalizados, legitimados na sociedade e que são reavivados no intradiscurso. Este é, muitas vezes, apagado pela ideologia, produzir efeito de homogeneidade discursiva, espaço para de retomadas, de conflitos, de regularização, o que deslocamentos. observamos também para o familiar que estranha a condição da fala do sujeito afásico.

As autoras Lier-De-Vitto, Fonseca e Landi (2007) comentam que "o afásico estranha sua "nova" condição de falante. Observamos, nessa pesquisa, que os familiares também estão presos ao passado do sujeito antes do AVE e, com isso, parecem aceitar naturalmente o silenciamento do sujeito, bem como o seu afastamento social. Nesse sentido, a família também justifica essa aceitação da nova condição que se impõe, a partir de quando o sujeito apresentar o diagnóstico de afasia.

O familiar **do sujeito C** nos passa como o evento da afasia mudou a vida do sujeito. Ele começa já descrevendo o afásico como "O que vejo é que ele não tem mais aquela alegria, ele não tem. Ele não fala nada!" no segmento **FC2-**Depois. Ele tinha uma alegria, muitas amizades, uma coisa incrível, até demais, antes do AVE. Ele não fala, muito pouco, e no segmento **FC4-**Perdeu a fala. (..). Percebemos que o familiar se preocupa mais com a não construção morfossintática da fala do afásico "o que ele fala é palavras soltas," não observando que esse sujeito pode ter outras formas de se comunicar, através de escrita e gestos, que é o que ele utiliza nas atividades no grupo de convivência de afásicos da Católica. Há uma ênfase da família no déficit e não no que ele consegue.

Como a família estranha a condição da fala do **sujeito C**, trazemos Landi (2006), que afirma serem as falhas e os esquecimentos dos sujeitos afásicos identificados como um drama. A autora se refere a esse drama como algo subjetivo, no qual o afásico apresenta uma estranha relação com a própria fala. O que observamos nesta pesquisa é que isso também acontece com os familiares estranhando essa forma dos sujeitos afásicos agora se comunicarem.

Remetemos o discurso do sujeito C, ao que nos diz Coudry (2008) a respeito do uso de gestos por alguns afásicos, ela afirma que mesmo se o afásico não conseguir dizer, de modo voluntário, ele pode recorrer a outros sistemas simbólicos (como os gestos e a percepção) que envolvem o corpo como um todo para se comunicar. Em paralelo, percebemos que os familiares não têm essa visão, ou seja, de estimular e reconhecer o uso de linguagens alternativas a condições de alterações na fala dos afásicos. E acreditamos que precisamos apresentar essas propostas de comunicação para os familiares. Com isso, observamos que os familiares que participaram deste encontro permanecem no discurso de que o afásico não consegue falar.

Dentre os familiares, destacamos o familiar do sujeito A como vemos no segmento **FSA1**- "Não. Quando ele veio para cá, não falava. Mas hoje fala demais! Ele tem a cabeça muito boa. Ele é muito ativo, se aposentou e trabalhava. Mas hoje não vejo problema". Ele adora vir para o grupo.

Observamos a construção oposta deste familiar para com as construções das outras famílias, uma vez que afirmamos que a imagem que é construída do familiar para com o afásico não repercute em um afásico não falante, mas sim, falando até demais, que ouve como um sujeito falante ativo. Acreditamos, como consequência, que a imagem produzida da família também é perpassada pelas condições de produção de efetiva mudança de posição sujeito. Como mencionado em análise anterior, o sujeito A mudou de posição no decorrer do convívio com o grupo, apresentando-se, hoje, como um sujeito que não se encontra na Formação Discursiva (FD) de sujeito afásico não falante, mas inserido em uma FD de sujeito falante.

Nesse sentido, o discurso leva em conta o enunciado produzido, considerando não apenas a frase, mas analisando como o interdiscurso e o contexto social e linguístico podem afetar o sentido da frase. Na AD, o enunciado está vinculado às condições de produção, históricas e políticas, e às interações subjetivas (MAZIÈRE, 2007). Pêcheux ([1969], 1990) também aponta a questão de sentidos diversos para um único termo numa determinada língua. Relações de sentido se estabelecem no momento em que um discurso remete a outro.

Condições de produção, na teoria discursiva, está diretamente relacionada a contexto e situação dos discursos. Portanto, um discurso se dá sempre a partir de condições de produção (PÊCHEUX, ([1969],1990). Conforme Orlandi (2000), as condições de produção são formadas por sujeitos, situação e memória, esta última relacionada ao discurso, tratada como interdiscurso, o qual é definido por Pêcheux ([1988] 2014 p. 162) como "um todo complexo com dominante das formações discursivas", emaranhado pelas formações ideológicas. O interdiscurso deixa à disposição dizeres que permitem que o sujeito dê certo significado a uma determinada situação e não outra (ORLANDI, 2000).

É importante destacarmos que, mesmo encontrando na fala dos familiares sofrimento e dificuldade para o convívio com eles, o grupo de convivência de afásicos da UNICAP é visto como um lugar do qual eles gostam, como vemos nos segmentos abaixo:

FC7-Sim. Eu gosto também porque sei que aqui ele se diverte, fala, não é?

FB3-[..] Agora aqui, mesmo falando mal, ele gosta de ficar aqui.

Retomando as sequências discursivas das famílias dos sujeitos afásicos pertencentes ao GCA, percebemos que a imagem que os familiares têm do grupo é positivo, que compartilham da ideia que o grupo os ajuda interagir, falar e a se sentirem melhor como sujeitos afásicos, até mesmo sujeitos afásicos falantes, como encontramos nos segmentos analisados.

Diante dos dizeres acima, percebemos a importância de grupos de convivência para fortalecer o trabalho com a linguagem e os sujeitos afásicos. Continuamos, a partir disso, a pensar sobre as formações imaginárias que a família tem para com o grupo como "lugar que lá eles falam". Essa construção imaginária, a nosso ver, silencia a relação dos familiares com os seus sujeitos e passam a enxergar o grupo como a solução. Assim, é verdade o reconhecimento, por parte dos familiares, sobre o crescimento dos afásicos no que se refere à frequência em grupos de convivência, em especial no GCA.

"O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão."

Guimarães Rosa

Atendendo a problemática central do objetivo geral, como efeito de conclusão, observamos que o trabalho apresentou um potencial movimento produtivo dos sujeitos afásicos, no que se refere à linguagem observada durante o estudo longitudinal, que, dentro da ordem discursiva da afasia, há uma possibilidade de movimentos e plasticidades da linguagem, em especial quando se está na perspectiva de diálogo livre e sem cobrança com o outro, a exemplo das reuniões do Grupo de Convivência dos Afásicos da UNICAP (GCA). Os movimentos de adaptação na linguagem foram percebidos a partir da teoria/procedimento metodológico de Análise do Discurso de Linha Francesa, mostrando que esses sujeitos criam estratégias alternativas para o desenvolvimento da linguagem.

Também constatamos, nas sequências discursivas apresentadas, sejam dos sujeitos afásicos, sejam dos seus familiares, que seus discursos são marcados sobre o seu próprio dizer, evidenciando um percurso sobre eles mesmos. A partir do evento da afasia, acreditamos que passamos a entender mais esses sujeitos no que se refere ao funcionamento linguístico-discursivo, que dessa forma se colocou e se testemunhou junto com a família.

Esclarecemos que, em um efeito de conclusão, considerando que um trabalho científico, em especial, na AD, nunca está fechado, mas aberto a novos olhares, em efeitos diferentes.

Ainda de forma geral, percebemos que em alguns sujeitos, como B e C, o evento da afasia foi violento nas suas vidas, nos seus dizeres a palavra "cabou" está sempre presente em suas falas, operando forças psíquicas na mudança de vida e comportamento desses sujeitos. Desta forma, seus familiares testemunharam nos encontros do grupo de convivência, expressão do tipo "ele é muito triste" (sujeito C), ele sempre diz a palavra "cabou...rapaz"

(sujeito B), evidenciando uma mudança de posição do sujeito no que se refere a sua auto simbolização frente aos sintomas da afasia e na linguagem, na qual a *doença* toma o lugar do sujeito, expressando o mal-estar de um sujeito em sua fala. E como uma ruptura na linguagem implica necessariamente em sua relação com o outro, ou seja, muitos não se reconhecem mais no que dizem, logo não se reconhecem mais em si mesmos.

Especificamente, outro aspecto importante que também foi analisado e discutido refere-se à perspectiva discursiva no grupo de convivência, trazendo um papel significante neste processo de (re)construção, promovendo estratégias que viabilizam uma dinâmica grupal mais próxima do contexto efetivo e significativo da linguagem, realizando procedimentos mais direcionados, tais como: estimular a partir de perguntas de formas diversas a todos os integrantes (e de forma específica aos que não conseguem ainda expressar-se oralmente); procurar (re)construir uma imagem no grupo de que ser afásico não significa "não falar"; dar sentido aos enunciados, nem sempre claros, possibilitando o prosseguimento do afásico no diálogo; oferecer promptings, exigindo gestos na ausência de oralidade; convocar os sujeitos a participarem efetivamente do diálogo, apesar de suas dificuldades, mostrar para o afásico que sua opinião é importante, que seus comentários serão valorizados, trazer temática de interesse dos sujeitos do grupo. Aqui, com o incremento experimental do depoimento dos familiares confirmando a importância da participação no grupo de convivência, que mesmo trabalhando com a ideia dos sujeitos afásicos "sem fala", no grupo eles falam e conseguem se fazer entender, como foi dito pelo sujeito A " aqui a gente fala" ou também por familiares "agui eles falam," evidenciando que a imagem que os familiares fazem do grupo é positiva, mostrando a importância do trabalho terapêutico em grupo.

Em relação aos objetivos 1 e 2, referentes às formações imaginárias, imagens e antecipações que ocorrem no grupo e nos familiares, entendemos que estas determinam o dizer do sujeito afásico, vinculando sua posição discursiva a uma incapacidade pressuposta e imaginária e muitas vezes, ao dirigir-se ao seu familliar ou o seu familiar a ele, já espera que este não vá responder antecipando-lhe no diálogo sua expectativa quanto ao não falar do afásico. Com isso, observamos, no decorrer das análises, que nos sujeitos

(B,C e E) tanto o deles quanto o dos familiares, o discurso poderia estar ligado a um conjunto de observações clínicas objetivas, neurológicas.

Quanto às formações discursivas (FD), correspondentes ao objetivo 3, foi possível destacar o sujeito B, que entrou no grupo com muita dificuldade para se expressar por meio da linguagem oral, localizando-se na *FD afásico com dificuldade para falar*. No transcorrer do trabalho longitudinal, anos de 2015 a 2018, encontramos esse sujeito defendendo a ideia que ele e os demais afásicos precisam falar, que não podem se omitir da tentativa de conversação, mostrando uma mudança de formação discursiva de sujeito impossibilitado de dizer para sujeito capaz de dizer, substituindo sua posição de sujeito afásico não-falante para sujeito afásico falante no discurso.

No que se refere aos objetivos 1, 2 e 3, observamos que o diagnóstico patológico das afasias não deve ser a *priori*. É preciso escutar o sujeito, sua família, observando como se assujeitam na posição de sujeitos afásicos e como veem a doença. Constatamos que, nesse grupo em análise, cada sujeito é um caso, construindo um quadro clínico único, em especial no que se refere ao seu aparelho psíquico e estratégias de simbolizar, (re)simbolizar e lidar com a afasia. Como exemplo, temos o sujeito A, que, diferentemente dos demais, é um sujeito afásico falante, que atua e age perfeitamente na sociedade, desenvolvendo a contento atividades do dia a dia.

Destacamos, a partir das reuniões registradas no grupo de convivência, as linguagens orais utilizadas alternativamente pelos afásicos falantes, assim como pelos afásicos não falantes. Há uso de elementos discursivos, como formações imaginárias, formações discursivas de sujeitos afásicos de que apresentam incapacidade na fala, seja no momento de reflexão do seu próprio discurso, seja na discursividade. No que se refere ao objetivo 4, fica evidente também que, através do silenciamento, o sujeito afásico se assujeita ou se rotula de afásico não falante. Nesta concepção, o movimento do sujeito se estabelece em consonância com a imagem do afásico como um sujeito que não fala. Podemos vislumbrar o movimento do Sujeito A, quando no seu discurso chega a dizer que faz "qualquer coisa", que "fala tudo" trazendo enunciativas possíveis para um sujeito afásico-falante, aquele que não está

mais assujeitado à doença, que não silencia como alternativa única de adaptação às limitações da afasia.

Em relação ao objetivo 5, no que se refere à posição do pesquisador no grupo de convivência, até por uma questão de coerência ideológica, este é entendido como integrante real e ativo no grupo, funcionando como um desencadeador de situações que sirvam de estímulo para os afásicos, seja na elaboração de estratégias alternativas de interação, através da linguagem falada ou não, mas que sempre fortaleçam a confiança dos sujeitos afásicos no processo de convivência e na evolução da linguagem no grupo.

Por fim, podemos concluir que, nesta perspectiva, o grupo de convivência oferece um ambiente sociointeracional dinâmico, com poucos riscos de não ser entendido, sem a ideia de grupo terapêutico ou tratamento, mas sim um grupo prioritariamente de convivência e facilitação da linguagem, que, por consequência, oportuniza um crescimento clínico do sujeito. Trabalhamos o que o afásico ou qualquer outro sujeito que passa da condição social de sujeito falante para sujeito com dificuldades na fala precisa: o fortalecimento prático de sua autoestima e do seu narcisismo primário, gerando oportunidades para que eles reconstruam a sua própria simbolização e passem a aceitar sem sofrimento a nova condição que se impõe.

Acreditamos que o trabalho em grupos de convivência de sujeitos afásicos traz uma realidade prática antagônica aos métodos limitados e ineficientes de reabilitação tradicionais de cunho notadamente tradicionalistas e organicistas.

Esta tese evidencia, de forma concreta, que o dinamismo da linguagem com um trabalho de grupo de convivência estimula esses sujeitos a voltarem a participar de atividades de linguagem, trazendo os seus dizeres e abandonando o interdiscurso da impossibilidade do dizer do sujeito afásico.

Embora esse trabalho traga avanços na perspectiva dos grupos de convivência sob a ótica linguístico-discursiva, ainda se faz necessário mais investigação e produção científica sobre o discurso de sujeitos afásicos e suas famílias. Nesta perspectiva, o trabalho com o fonoaudiólogo é indispensável e ressalta-se a importância da interpretação e da simbolização do dito e do não

dito pelo afásico, que, em diferentes situações, passam a trazer sentido ao discurso, abrindo novos espaços de subjetivação nos dizeres.

ALMEIDA, Lílian Rodrigues de. Parafasias fonêmicas: pensando o sistema fonológico na linguagem a partir da afasia. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

ARANTES, L. – O fonoaudiólogo, esse aprendiz de feiticeiro. M. F. Lier-De Vitto (org.) Fonoaudiologia: no Sentido da Linguagem. Ed. Cortez: São Paulo. 1994

ARANTES, L. Diagnóstico e clínica de linguagem. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e estudo da Linguagem. Pontíficia Universidade Católica. São Paulo: PUC – SP. 2001.

ARANTES, L.; FONSECA, S.C. Efeito da escrita na clínica de Linguagem. In: LIER-DEVITTO, M.F. & ARANTES; (ORG.) Faces da escrita: linguagem, clínica, escola. Campinas: Mercado das Letras. 2006.

ARDILA, A. Las afasias. Revista Argentina de Neuropsicología 7, 42 – 44. 2005.

AUTHIER, J. "Les formes du discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques à partirdes traitements proposés", DRLAV, Paris, n 17, p. 1-87, 1978.

AUTHIER-REVUZ, J. Palavras Incertas: as não coincidências do Dizer. Campinas: Ed. UNICAMP. 2001.

AZEVEDO, N.P.S.G. Uma análise discursiva da gagueira: Trajetória de silenciamento e alienação na língua. Dissertação do Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2000.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia. Tese AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves de. A gagueira na perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia. Tese de doutorado (Doutorado em Letras e Linguística) – UFPB-PB, 2006.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves et al. Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira. Revista Linguagem & Ensino, v. 21, p. 433-463, 2018.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira. In: Mariani, B.; Medeiros, V.(orgs.). Gragoatá. Publicação dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, v.34, Niterói: EdUFF, 2013.

BARONAS, R.L.; KOMESU, F. Homenagem a Michel Pêcheux: 25 de presença na análise do discurso. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

BEAL Claudia Cale. Gender and stroke symptoms: a review of the current literature. J. neurosci Nurs. p. 80-87, 2010.

BENSON, D.F. Aphasia in clinical, \Neuropsychologr Heilman, K. M (org) Eduard Valenstein 3 ed. New York: Oxford University Press, p. 17-36. 1985.

BENSON, D.F. Aphasia, Alexia and Agraphia. New York: Chirchill Livingstone.1979.

BRANDÃO, H.N. Discurso, gênero e cenografia enunciativa. In: Michelleti, Guaraciaba (org.). Enunciação e gêneros Discursivos. São Paulo. 2008.

BRANDÃO, Helena H. Negamine. Introdução à análise do discurso. 9 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRANDÃO, M. H. H. N. Introdução à análise do discurso. 8. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

CORTEZ, Cinara Monteiro. Formalismo X Funcionalismo: Abordagens Excludentes? PERcursos Linguísticos Vitória (ES), v. 1 n. 1, p. 57-77, 2011.

COSTA, E. M. A. O TRABALHO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO EM UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE SUJEITOS AFÁSICOS. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP, p. X. 2015.

COSTA, Nelson Barros da (org.). Práticas Discursivas: exercícios analíticos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

COUDRY, M. I. H. & POSSENTI, S. Do que riem os afásicos. In: Caderno de Estudos Lingüísticos, Campinas, (24): 47-57, jan./jun. 1993.

COUDRY, M. I. H.; POSSENTI, S. Avaliar Discursos Patológicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 5, p. 99-109, 1998.

COUDRY, M.I.H. Diário de um narciso: discurso e afasia. 3ª ed. São Paulo. 2001.

COUDRY, M.I.H. Língua Discurso e Lógica da linguagem patológica. Cadernos da F.F. C., Marília, São Paulo, p. 131-148. 1999.

COURTINE, J.J. O Chapéu do Clémetis. In: Indursky, F; Ferreria, M. C. L. Os Múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato. 2006.

ELIA, L. O sujeito da Psicanálise e a ordem social. In: ALTOÉ, S. Sujeito do Direito e Sujeito do Desejo. Direito e Psicanálise. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p.123-132.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso:* reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Clara luz, 2007.

FERNANDES, C.A. A análise do Discurso: reflexões introdutórias. Goiânia. Trilhas Urbanas. 2005.

FERNANDES, C.A.; SANTOS, J.B.C. Percursos da Análise do Discurso no Brasil. São Paulo: Clara luz. 2005.

FERREIRA, E. S. O discurso de Médici e seus jogos: questões sobre o silenciamento e a representação do outro. Mestrado em Linguística (Dissertação). Recife: UFPE, 2013.

FERREIRA, M. C. L. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. Linguagem & Ensino (UCPel. Impresso), Pelotas, v. 2, n.1, p. 123-138, 1999.

FERREIRA, M. C. L. Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento. 01. ed. Campinas: Pontes, 2015. v. 01. 242p.

FERREIRA, M. C. L. Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil. Desenredo (PPGL/UPF), v. 04, p. 241-249, 2008.

FERREIRA, M. C. L. Quadro atual da análise do discurso no Brasil. Letras (UFSM), v. 01, p. 39-46, 2003.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. Organon 35, v. 17, n. 35, 2003.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A Língua da análise do discurso: esse estranho objeto do desejo. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro e INDURSKY, Freda (org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 213 -218.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso, herança e filiações: uma questão mal resolvida. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (org). *Análise do Discurso*: Heranças, métodos e objetos. São Carlos: Editora Claraluz, 2009.

FLORES, V.N; SURREAUX, L.M; KUHN, T.Z. Introdução aos estudos de Roman Jakobson sobre afasia. Porto Alegre: UFRGS Editora. 2008.

FONSECA, S. C. O afásico na clínica de linguagem. Tese de Doutoramento. LAEL/PUC-SP, 2002.

FONSECA, S.C. Afasia: a fala em sofrimento. Dissertação de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.1995.

FONSECA, S.C. e VIERIA, C.H. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. MENDES, B.; Barza GLI-FICHER, L. & MARTINS, M.A.N. Distúrbios da comunicação. São Paulo. 2000.

FONSECA, S.C.; VORCARO. A. O Atentimento Fonoaudiológico e Psicanalítico de um Paciente que não se Reconhece (É Reconhecido) Falante. 1998..

FOUCAULT, M.(1969) A arqueologia do saber. Rio de janeiro: Forense. 1997...

FOUCAULT, M. A(1970 ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de. 11. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, M.(1976) História da Sexualidade 1: a vontade de saber. 20. ed. tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010..

FREUD, S.(1891) A interpretação das afasias. Lisboa: Tradução de Ramón Alcalde, Edições 70. Martins Fontes. [1891]1977.

FREUD, S. Sobre a Concepção das Afasias, um estudo crítico. Traduzido por Emiliano de Brito Rossi, Belo Horizonte, Autêntica. Edição 60. 1992.

FRIEDMAN, S. O caso de Amadeu. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA,. (orgs). Gagueira e subjetividade. Possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FRIEDMAN, S.; CUNHA. (orgs). Gagueira e subjetividade. Possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GREGOLIN, M.R. Discursos e Mídia: a cultura do espetáculo. São Paulo: Claraluz. 2003.

GREGOLIN, M.R. Foucault e Pêcheux na análise do Discurso: Diálogos & duelos. 2 ed. São Carlos. Ed. Claraluz. 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 9-17.

GUIMARÃES, Diego Morais. Vontade de saber em Foucault: Uma análise sobre a construção do discurso da sexualidade. Salvador, BA: UFBA, 2012.

ILVA, Maria Alice Siqueira Mendes. Sobre a Análise do Discurso. Ourinhos, SP: FATEC, 2005.

INDURSKY, F. A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira. (1964-1984). Campinas: IELIUNICAMP, 1992 (Tese de doutorado).

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso In: Memória e na História na/da Análise do Discurso. INDURSKY. F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M.C.L. (org), Mercado de letras. 2011.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: Ernest- Pereira, Aracy, Funck Susana Borneo (Orgs) A leitura e a escrita com práticas discursivas Pelotas: Educat. 2008.

INDURSKY, F. O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso de/ sobre o MST: Uma questão de lugar – Fronteira. Ver. Anpoll, N-12. 2002.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramentos, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETO, E.; CAZARINI, E. (Orgs.). Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

JACKSON, J. H. Selected Writing of John Hughlings Jackson. Ed. By James Tay Ior. London. Staple Press 2. 1864.

JAKOBSON, R. Essais de linguistique générale. Paris: Minuit. 1963.

JAKOBSON, R. (1963)Dois Aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia. In: Linguística e Comunicação. São Paulo, Coutrix. 2010.

JAKUBOVICZ, R.; MEINBERG, C. R. Introdução à Afasia Elementos para o diagnóstico e terapia. 5 ed. Rio de Janeiro Revinter. 1992.

JAKUBOVICZ, R.; MEINBERG, R.C. Linguagem na afasia e na demência. In: Jakubovicz R, MEINBERG R. C. Introdução à afasia. Rio de Janeiro: Revinter. 1996.

KANDEL E.R.; SCHAUATZ J.H.; JESSEEL T.M. Fundamentos da Neurociência e do Comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan. 2000.

KAUFMANN, P. Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

LANDI, R. Quando o sintoma é de escrita: Considerações sobre o diagnóstico de afásicos na clínica da linguagem: In: Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem. São Paulo: Ed. PUC-SP. 2006.

LEMAY, M.A. O afásico e a sociedade. Em: J., Ponzio, O afásico – Convivendo com a lesão cerebral.(121-134) São Paulo: Santos Maltese, 1995.

LEMOS, C.T.G. A sintaxe no espelho, em cadernos de Estudos Linguísticos, VOL 10 UNICAMP. Campinas. 1992.

LEMOS, C.T.G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. Boletim da Abralin. VOL 3 Editora da Universidade de Pernambuco Recife. 2002.

LIER-DEVITTO, M.F. Novas contribuições da linguística para a fonoaudiologia. In: Revista Distúrbios da Comunicação, v.7 n.2, p. 163: 172. 1995.

LIER-DE-VITTO, M.F.; ARRANTES. L. Aquisição patologias e clínicas de Linguagem. São Paulo: PUC. 2006.

LIER-DEVITTO, M.F.; FONSECA, S.C.; LANDI, R. Vez e Voz na linguagem: O Sujeito sob efeito de sua fala sintomática. Revista Kairós. São Paulo, v.10, p.19 a 34. 2007.

LIER-DE-VITTO. M.F. Patologias da linguagem: Sobre as viscissitudes de falas sintomáticas. 2002

LURIA, A. Fundamentos de Neuropsicologia; tradução de Juarez Aranha Ricardo. – São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

LURIA, A. R. Fundamentos de Neuropsicologia. RJ, Livros Técnicos e Científicos; SP, EDUSP,1981. Tradução de Ricardo, Juarez Aranha da edição da Penguin Books Middlesex, 1973.

LURIA, A. R. Les fonctions corticales supérieures de l'homme. Paris: Presse Universitaires de France, 1977, 570p. (Psychologie D'aujourdhui).

MAC-KAY, G. A. P. M.; ASSENCIO-FERREIRA, V. J.; FERRI-FERREIRA, T. Afasias e Demências – Avaliação e Tratamento Fonoaudiológico. São Paulo: Livraria Santos Editora LTDA. 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. Cenas da enunciação. São Paulo: Parábola, 2008.

MALDIDIER, D. A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas/SP: Pontes, 2003.

MARIANI, B. Imaginário linguístico: análise do discurso e psicanálise. Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Porto Alegre, Ano XII, n. 132, jan. 2005.

MARIANI, B. Sentidos de subjetividade: imprensa e psicanálise. Polifonia. Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá, v. 12, n. 1, p. 21-45, 2006.

MAZIERE, F. A análise do discurso: História e práticas. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editoria. 2007.

MORATO, E. M. Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Distúrbio de Comunicação, v. 1º, p. 5-15, 1999.

MORATO, E. M. *A semiologia das afasias*: perspectivas linguísticas. São Paulo: Cortez, 2010.

MORATO, E. M. Neurolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Org). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 8 ed. São Paulo: Cortez, v. 2 p. 167-200, 2014.

MORATO, E.M.; TUBERO, A.L.; SANTANA, A.P.; DAMASCENO, B.; SOUZA, F.F.; MACEDO, H.; CAMERIN, I. M. D. P.; PEREIRA, J.A.T.; COUDRY, M.I.H. (Org.). Sobre as afasia e os afásicos: Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo centro de convivência de afásicos. Editora Unicamp. 2001.

MURDOCH, B.E. Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem: Abordagem Neuroanatômica e Neurofisiológica. Rio de Janeiro: Editora Revinter. 1997.

MUSSALIM, Fernanda (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.2. São Paulo: Cortez, 2004.

MUSSALIN, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. Introdução à Linguística -domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez. 2006.

NASIO, J. O silêncio entre o ato e a palavra (cap.3). In: O silêncio em psicanálise. Tradução: Martha Prada e Silva. São Paulo: Papirus, 1989.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. A semiologia das afasias. In: MANCOPES, R.; SANTANA, A. P. (Org.). Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso. São Paulo: Editora Santos, 2009a. p. 18-40.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. O. Semiologia das afasias: uma discussão critica. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 22, p. 413-421, 2009b.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, n. 22, v. 3, p. 413-421, 2009c.

NOVAES-PINTO, R. A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP. 1999.

NOVAES-PINTO, R. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das aphasias. *Letras de Hoje.* Porto Alegre: v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012.

OLIVEIRA, A. A. A produção de gênero Textual de Afásicos. Dissertação de Mestrado da Universidade Católica de Pernambuco. 2008.

ORLANDI, E. P. Discurso e Leitura. Campinas: ed. UNICAMP. 1988.

ORLANDI, E. P. Gestos de Leitura: da leitura no discurso. Campinas: Unicamp.1997.

ORLANDI, E. P. A leitura e os leitores. Campinas, SP: Pontes, 1998.

ORLANDI, E. P. Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas – SP: Pontes. 2001.

ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. São Paulo: Editora Unicamp. 2002.

ORLANDI, E. P. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. P. O papel da memória. Campinas: Pontes Editores. 2009.

ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 6ª Campinas, São Paulo Pontes. 2011.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas. SP. Pontes/ UNICAMP. 2012.

PÊCHEUX, M.(1969) Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, Tony. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. Mises au Point et Perspectives à Propos de L 'Analyse Automatique du Discours. In: *Langages*, nº 37. Paris. Larousse: Paris. 1975.

PÊCHEUX, Michel.(1975) A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Traduzido por Jonas de A. Romualdo. Campinas, Ed. da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, M.(1988) Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Unicamp. 2014.

PÊCHEUX, M.(1999) Papel da Memória. In Achard, Pierre et al. Papel da memória. 2 ed. Campinas: Pontes Editores. Trad. NUNES, J.H. 2007.

PÊCHEUX, M.(1983) O Discurso: estrutura ou acontecimento. 5^a ed. Campinas: Pontes. 2008.

PÊCHEUX, M.(1981) Dois Saussure? In: GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. A língua inatingível. Campinas: Editora RG, 2010.

PEIXOTO, Michael Viana. Prática Intersemiótica no discurso imagéticocancional de Adriana Calcanhoto: uma proposta de análise. 2014. 170 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de letras vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

PONZIO, Jacques et al. O afásico: convivendo com a lesão cerebral. São Paulo, Santos, 1995.

POSSENTI. S. Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo, Parábolo Editorial. 2009.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3.ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à distância da UFSC, 2001.

SILVA, M.A.S.M. Sobre a Análise do Discurso. Revista de Psicologia da Unesp, 2005. p. 16-40.

SUASSUNA, L. Ensaios de pedagogia da língua portuguesa. Recife: ed. Universitária da UFPE, p.101 a 119, 2004.

SUASSUNA, L. Linguagem como discurso: implicações para as práticas de avaliação. Doutorado em Linguística (Tese). Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2013.

TUBERO, A.L. Parafasia: o quiproquó das palavras. Cap. 3. p. 62-101. In: MORATO, E. M. (org.) A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas. São Paulo: Cortez, 2010.

VIERA, C. H. – Um Percurso pela História da Afasiologia: Estudos Neurológicos, Linguísticos e Fonoaudiológicos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná (inédita). Curitiba. 1992.

VIEIRA C. H. – Avaliação do afásico, em Revista de Distúrbios da Comunicação, 9. PUC/SP. São Paulo. 1997.

VIERA C. H. – E por falar em afasia, em Goldfeld, M. (org.) Fundamento em Fonoaudiologia, volume linguagem. Guanabara Kogan. Rio de Janeiro. 1998.

VIEIRA. C.H. Sobre as afasias: o doente e a doença. In Aquisição, patologias e clínica de linguagem. São Paulo: Editora da PUC-SP, Reimpressão. 2007.

VORCARO, A.M.R. Crianças na Psicanálise clínica, Instituição, Iaço social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 1999.

VORCARO, A.M.R. Linguagem maternante e língua materna: sobre o funcionamento linguístico que precede a fala. In: BERNARDINO, L. M.F.; ROHENKONL, C. M. F. (Org.). O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2002.